



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE PSICOLOGIA (FAPSI)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI)
Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN)

**NAVEGO PELAS ÁGUAS AMAZÔNIDAS DA TRANS-form-AÇÃO: IDEAS E
TENTATIVAS DE SUICÍDIO EM HOMENS TRANS E PESSOAS TRANSMASCULINAS**

LUZIANE VITORIANO DA COSTA

MANAUS – AM

2023

LUZIANE VITORIANO DA COSTA

**NAVEGO PELAS ÁGUAS AMAZÔNIDAS DA TRANS-form-AÇÃO: IDEACÕES E
TENTATIVAS DE SUICÍDIO EM HOMENS TRANS E PESSOAS TRANSMASCULINAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Processos Psicológicos e Saúde

ORIENTADOR: PROF. DR. EWERTON HELDER BENTES DE CASTRO

MANAUS – AM

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C837n Costa, Luziane Vitoriano da
Navego pelas águas amazônidas da trans-form-ação : ideias e tentativas de suicídio em homens trans e pessoas transmasculinas / Luziane Vitoriano da Costa . 2023
154 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Ewerton Helder Bentes de Castro
Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicológicos e Saúde) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Ideações suicidas. 2. Tentativas de suicídio. 3. Homens trans. 4. Pessoas transmasculinas. 5. Fenomenologia. I. Castro, Ewerton Helder Bentes de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Dedicatória

Dedico essa dissertação a todas as pessoas trans, em especial, à minha filha Alice, mulher trans, por sua existência criativa, sensível e generosa.

Agradecimentos

Essa dissertação não seria possível sem o cuidado, carinho e amor de diversas pessoas que estiveram ao meu lado nesses anos de dedicação à pesquisa, diante de um cenário inimaginável que marca momentos de desamparo, desesperança e desespero durante a COVID-19. Desenvolver uma pesquisa demanda a apreensão de conhecimentos científicos. Todavia, durante a pandemia, requereu-se condições emocionais e materiais para enfrentar esse tempo nefasto. Estar-com-o-outro foi muito significativo e que me proporcionou sentimentos de conforto, de acolhida e de trocas de afetos.

Gostaria de agradecer, primeiramente, aos participantes da pesquisa, que se disponibilizaram a partilhar suas histórias e experiências de vida. Sem a confiança e o apoio de vocês, eu jamais teria construído essa dissertação. A r-existência de vocês é um ato político!

À minha família pela paciência, carisma e palavras de amor. Tenho sorte de tê-los em minha vida. À minha irmã Hevelane da Costa Albuquerque (*in memoriam*), que foi abraço afetuoso e amor incondicional. *Love you forever!*

Aos meus filhos, Alice Vitoriano e Arthur Vitoriano, o amor que sinto por vocês é imenso. Gratidão por sempre estarem ao meu lado. Amo vocês!

Ao meu companheiro Alex Costa Novo, por ser esse ser humano que me apoiou e acreditou em mim quando nem eu mesma acreditava. Te amo mais que chocolate.

Às minhas amigas e amigos, Ananda Gomes, Nathaly Marculino e Samantha Carvalho por me permitirem chorar, sorrir, cantar e dançar com vocês. Aquarelamos juntas!

Agradeço à minha amiga Naradja Varela e meu amigo Horleans Pereira (*in memoriam*), por terem me privilegiado com suas presenças em minha vida e por lutarem ao meu lado.

Muita gratidão aos meus discentes, ex-discentes, colegas de docência, por me acolherem e ensinarem na cotidianidade a ser-com-voçês. Admiro suas jornadas!

Amigos Gabriel Rocha e Kennedy Ferreira, gratidão e honra por tê-los conhecido no meio do caos saboreado singularmente e coletivamente por nós. O tempo pandêmico e de virtualidade compulsória não impediu que nossos entrelaçamentos acontecessem e se fortalecessem. Agradeço muito por vocês terem dividido as suas existências comigo. Amo vocês, meegles! <3

À turma de mestrado 2021, muito obrigada pelo apoio emocional partilhado durante esses anos difíceis de pandemia. Levamos muitas “marteladas”, como diria professora Claudia, mas até isso foi ressignificado durante esses anos. Kennedy trouxe outro sentido e colocou uma

pitada de nossa cultura amazônica, rebatizou a “martelada”, e a substituiu por “remada”, as nossas Remadas Epistemológicas. Gratidão, turma!

Às professoras (es), funcionárias(os) e o coordenador do Programa de Pós-graduação em Psicologia/PPGPSI da Universidade Federal do Amazonas/UFAM. Agradeço por acreditarem em uma educação do esperar. Nós, por várias vezes, nos sentimos desesperançosos e vocês, de maneira continente, nos ampararam. Meu respeito à todas e todos vocês.

Agradeço, por fim, ao meu orientador, Ewerton Helder Bentes de Castro, por sua delicadeza e vivacidade, por ser esse ser humano que sempre se mostrou aberto aos nossos devaneios, anseios e receios. Que demonstrou dinamismo, graça, comprometimento e muito sabedoria nessa caminhada acadêmica.

“Da impossibilidade me fiz possibilidade”

Ewerton H. B. de Castro

Pluridimensionalidade em psicologia
fenomenológica: o contexto amazônico em
pesquisa e clínica (2020)

Resumo: A Organização Mundial de Saúde relatou que mais de 700.000 pessoas morrem por suicídio anualmente no mundo. No Brasil, ocorreram 112.230 mortes por suicídio no Brasil, entre 2010 e 2019. Entre os anos de 2015 e 2019, 983 mortes por suicídio foram registradas no Amazonas. Em 2022, a maioria dos casos de suicídio ocorreram com homens trans e pessoas transmasculinas. Estudos sugerem que pessoas que vivenciam as transmasculinidades correm maior risco de ideações e tentativas suicidas. Apesar do suicídio ser, historicamente, considerado uma conduta desviante que deve ser tratada e combatida por meio de estratégias de controle, diagnóstico e prevenção, a fenomenologia existencial compreende o suicídio como possibilidade existencial e nos convida a abandonar as perspectivas moralizantes que o naturalizam. O objetivo desse estudo foi compreender as vivências de ideações e tentativas de suicídio nos relatos de homens trans e pessoas transmasculinas à luz da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. Utilizou-se a pesquisa qualitativa a partir do método de investigação fenomenológica de pesquisa em psicologia, através do uso do autorretrato e da entrevista fenomenológica. A pesquisa foi a campo após a aprovação prévia do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas. Os participantes foram 9 (nove) pessoas que se autodeclararam no espectro das transmasculinidade, sendo 7 (sete) que se autoidentificaram como homens trans, 1 (um), se autodeclarou transmasculino e 1(um) se autodeclarou uma pessoa transmasculina não-binária, residentes na cidade de Manaus-AM. As entrevistas sucederam-se através das plataformas virtuais Google Meet e Zoom. A análise das entrevista seguiu os passos do método fenomenológico de pesquisa em psicologia preconizadas por Amedeo Giorgi. Concluiu-se que há necessidade de lançar um olhar cuidadoso para quem considera a morte como possibilidade. Além disso, é preciso desconstruir o tem sido colocado sobre o sofrimento de pessoas trans e aprofundar compreensões sobre as experiências vividas dessa população, que, muitas vezes, são percebidas sob o olhar estigmatizador, preconceituoso e universal.

Palavras-chave: Ideações Suicidas, Tentativas de Suicídio, Homens Trans, Pessoas Transmasculinas, Fenomenologia.

Abstract: The World Health Organization reported that more than 700,000 people die by suicide annually worldwide. In Brazil, there were 112,230 deaths by suicide between 2010 and 2019. Between 2015 and 2019, 983 deaths by suicide were registered in Amazonas. In 2022, most suicide cases occurred with trans men and transmasculine people. Studies suggest that people who experience transmasculinity are at greater risk of suicidal ideation and attempts. Although suicide has historically been considered a deviant conduct that must be treated and combated through control, diagnosis, and prevention strategies, existential phenomenology understands suicide as an existential possibility and invites us to abandon the moralizing perspectives that naturalize it. This study aimed to understand the experiences of suicidal ideations and attempts in the reports of trans men and transmasculine people in the light of Maurice Merleau-Ponty's phenomenology. Qualitative research was used based on the phenomenological research method in psychology, through self-portrait and phenomenological interviews. The research was carried out after prior approval by the Research Ethics Committee of the Federal University of Amazonas. Participants were 9 (nine) people who declared themselves in the transmasculinity spectrum, 7 (seven) who self-identified as trans men, 1 (one), self-declared transmasculine, and 1 (one) self-declared a non-binary transmasculine person, living in the city of Manaus-AM. The interviews took place through the virtual platforms Google Meet and Zoom. The analysis of the interviews followed the steps of the phenomenological method of research in psychology recommended by Amedeo Giorgi. It was concluded that there is a need to take a careful look at those who consider death as a possibility. In addition, it is necessary to deconstruct what has been placed on the suffering of trans people and deepen understanding of the lived experiences of this population, which are often perceived by the stigmatizing, prejudiced and universal bias.

Keywords: Suicidal Ideations, Suicide Attempts, Trans Men, Transmasculine People, Phenomenology.

Lista de Figuras e Tabelas

Figura 1 - Fluxograma das buscas de seleção dos artigos da revisão de literatura.	55
Figura 2 - Quantidade de publicações por ano	56
Figura 3 - Quantidade de publicações por idioma.....	56
Tabela 1 - Distribuição dos artigos selecionados de acordo com Título do Artigo, Autor(es)/Ano, País, Revista, Idioma, Participantes, Objetivos e Delineamento/Método	68
Tabela 2 - Nomes fictícios dos participantes e descrição	78

Lista de Abreviaturas e Siglas

ABRAPSO/MANAUS - Associação Brasileira de Psicologia – Núcleo Manaus

AFAB – *Assigned Female at Birth* (designada do gênero feminino ao nascimento – tradução livre)

ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais

COVID-19 - *Coronavirus Disease 2019*

CVV – Centro de Valorização da Vida

FAS - Fundação Amazônia Sustentável

FTM – *Female to Male* (feminino ao masculino – tradução livre)

FVS - Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual, Não-Binárias e para todos que se compreendem que diversidade de gênero e sexualidade é fluida e pode mudar a qualquer tempo

OMS - Organização Mundial da Saúde

PPGPSI - Programa de Pós-Graduação em Psicologia

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

WHO – *World Health Organization*

Sumário

1 Kátharsis, o barco-eksistência navega: somos lançados em um mundo pandêmico.....	15
Escrita poética - Borblue.....	23
2 Introdução.....	24
3 Marco Teórico.....	31
3.1 Olhares teóricos para o fenômeno do comportamento suicida.....	31
3.1.1 O suicídio ao longo dos tempos: breve histórico	31
3.1.2 Comportamento suicida: fenomenologia, existencialismo e humanismo	33
3.1.3 Políticas de Prevenção do Suicídio: divergências e desafios	35
3.2 (Trans)itando pelas transmasculinidades	36
3.3 Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty	38
4 Delineamento Metodológico	41
4.1 Tipo de Pesquisa	41
4.2 Método Fenomenológico de Pesquisa em Psicologia - Amedeo Giorgi.....	41
4.3 Participantes e local de pesquisa.....	43
4.3.1 Critérios de inclusão:	43
4.3.2 Critérios de exclusão:	44
4.4 Instrumentos.....	44
4.4.1. Autorretrato (selfie).....	44
4.4.2 Entrevista Fenomenológica.....	44
4.5 Análise das Entrevistas	45
4.6 Aspectos Éticos	47
5 Resultados e Discussão	48
Escrita poética – Charlie Bellow	49
5.1 Artigo 1: O comportamento suicida em estudos com pessoas de identidades transmasculinas: uma revisão integrativa.....	50
5.1.1 Introdução.....	51
5.1.3 Resultados	54
5.1.4 Discussão.....	57
5.1.5 Conclusões	74
5.1.6 Referências.....	75
Escrita poética – Nathan Victoriano.....	82
5.2 Artigo 2: Transmasculinidades: Este sou eu em minha corporeidade, o autorretrato me apresenta.....	72

5.2.1 Introdução.....	73
5.2.2 Materiais e métodos	75
5.2.3 Resultados e Discussão	78
5.2.4 Considerações Finais.....	89
5.2.5 Referências	90
Desenho – Beijamim Aragão	93
5.3 Artigo 3: Ideações e tentativas de suicídio entre homens trans e pessoas transmasculinas: uma compreensão fenomenológica.	94
5.3.1 Introdução.....	95
5.3.2 Materiais e método	97
5.3.3 Resultados e Discussão	102
5.3.4 Considerações Finais.....	118
5.3.5 Referências	119
6 Re-flexões e TRANSformAÇÕES finais.....	122
7 Referências	126
8 Apêndice	134
8.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	134
9 Anexos.....	137
9.1 Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa.....	137
9.2 Termo de Anuência do Centro de Serviços de Psicologia Aplicada (CSPA).....	142
9.3 Declaração Centro de Serviço de Psicologia Aplicada.....	143

1 Kátharsis, o barco-eksistência navega: somos lançados em um mundo pandêmico.

Eu: a maneira de ser de alguém, é palavra usada por quem fala ou escreve para se referir a si mesmo. Eu, mulher que se autodeclara cishétero, sem deficiência, branca e de classe média. Eu, pessoa que se compreende como aliada de pessoas LGBTQIAPN+¹, que é mãe, professora, feminista, estudante, antiLGBTfóbica, antirracista e antifascista. “Eu”, é no desenrolar de minhas vivências como pesquisadora, que peço permissão para usar a primeira pessoa, tão característica de pesquisas qualitativas, tão significativamente usada nos estudos fenomenológicos. Falo a partir dessa carne que viveu e sobreviveu à COVID-19. *A viagem será de barco pelos rios do Amazonas. Preparem-se!*

A pandemia da COVID-19 levou a humanidade a situações de extremo sofrimento. Recordo-me bem do ano de 2020. No início de março daquele ano, estávamos celebrando o aniversário de meu filho mais novo e discutíamos sobre as notícias que se espalhavam nas mídias, havia a possibilidade de um vírus devastador chegar ao Brasil. Não demorou muito, no dia 12 de março de 2020, ouvimos o primeiro caso de morte no país. No dia 23 de março de 2020, um grande susto, o governador decretou medidas para enfrentamento de emergência na saúde pública do Estado do Amazonas. No dia seguinte, em 24 de março, a primeira pessoa morre pelo novo coronavírus no município de Parintins, no Amazonas².

Iniciamos o mês de março celebrando a vida de nosso filho caçula e, posteriormente, passamos a temer pelas nossas próprias vidas. Eu, mãe de dois filhos, trabalhadora que exercia dupla e, às vezes tripla jornada de trabalho, precisei lidar, entre tantos acontecimentos, com as questões financeiras que quase nos sufocaram nesse período, pois meu companheiro que trabalhava de maneira autônoma na área artística ficou desolado com o mundo se fechando

¹ LGBTQIAPN+: é uma sigla que abrange pessoas que são **L**ésbicas, **G**ays, **B**issexuais, **T**ransgênero, **T**ravesti, **Q**ueer/**Q**uestionando, **I**ntersexo, **A**ssexuais/**A**românticas/**A**gênero, **P**an/**P**oli, **N**ão-**B**inárias e mais.

² Decreto Nº 42101 DE 23/03/2020. Disponível: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=391363>

para toda a classe. Tudo isso nos desesperou também. Eu sempre dizia para ele que daríamos um jeito, mesmo eu duvidando do que estava porvir, pela própria incerteza da vida somada à tragédia da COVID-19.

Eu seguia o barco que navegava rios de águas turvas e de banzeiros³ violentos, sentindo os solavancos e me agarrando em seus cascos e nas pessoas que estavam comigo para que não afundássemos, apesar de sentir, muitas vezes, que estava me afogando.

O tempo passou, me dediquei aos trabalhos que realizava com os adolescentes e jovens, pois, na época, eu era *Consultora de Autoestima e Autoconfiança com o Corpo* do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Nos encontros, dialogávamos sobre temas como: gênero, sexualidade, amizade, família, violência. No entanto, percebi que a temática relacionada à saúde mental tornava-se cada vez mais evidente nas rodas de conversas. Afinal, eram tempos nebulosos. Os adolescentes e jovens compartilharam sobre seus enfrentamentos na pandemia da COVID-19, sobre a saudade dos amigos da escola, das incertezas em relações aos seus projetos de ser, da desesperança em vislumbrar possibilidades do fim da pandemia. Em todas as ocasiões, suas falas me tocavam profundamente e eu saía destruída por não conseguir ajudar os adolescentes e jovens como gostaria, apesar de compreender que fiz o que era possível naquele momento: escutar, acolher e cuidar e, proporcionar momentos de amor e trocas de afetos. *Segui o barco novamente!*

Outra possibilidade me assombrou naquele ano, recebi a ligação do meu cunhado dizendo que minha irmã estava morrendo e que não tinha nada o que poderíamos fazer em relação à doença. Ela estava em processo de metástase da reincidência de um câncer que apareceu no único rim, já que o outro rim, infelizmente, fora removido no ano anterior devido ao primeiro tratamento de câncer. Viajei duas vezes à São Luís do Maranhão para vê-la. Na primeira vez, pude acompanhá-la na UTI, porém seu estado de consciência não lhe permitia

³ Banzeiros: Ondas causadas pela pororoca ou por outra razão que chegam com muita intensidade nas praias.

me reconhecer, ela, desorientada e fragilizada pela baixa de sódio, se agitava e agia com agressividade. Em um certo momento, perguntei da enfermeira responsável se ela estava sob cuidados paliativos, recebi a negativa da enfermeira que me respondeu com certo desprezo: “A sua irmã está recebendo todos os cuidados para se reestabelecer”. Saí de lá aos prantos sem saber o que dizer ou como agir, eu sentia que a estava perdendo. *Eu me senti o barco naufragando novamente.*

Outro baque, outra facticidade. Na segunda viagem, enquanto pude estar com ela, segurei suas mãos, e disse a ela que iríamos à praia juntas tomar banho de mar e ficar com o bumbum voltados para o sol. Estava segurando as lágrimas e, ao me despedir, me encaminhei para a saída da enfermaria, porém resolvi parar e olhar para trás, quando a vi chorando. Eu desabei [novamente] na recepção do hospital. Essa foi a última vez que pude declarar o meu amor a ela. Foi a última vez que pude estar com a pessoa mais importante da minha vida, a minha *irmãe*. Não se engane, não é erro ortográfico, eu a chamava de irmãe. A mulher que queria ser astronauta, que estudou Física, Direito, que se tornou juíza em uma cidade do Maranhão, que amava Einstein, Drummond, Saramago, peixe assado. Hevelane, o amor da minha vida, parte e leva um pouco de mim com ela no dia 27 de setembro de 2020. *Segui o barco em um rio cujas águas tornaram-se lágrimas.*

No mesmo mês, no dia 1 de setembro de 2020, o Programa de Pós-Graduação em Psicologia/PPGPSI da Universidade Federal do Amazonas/UFAM abre o edital para o processo seletivo de mestrado. Eu não tinha conhecimento até o momento em que meu colega de pesquisa, Daniel Cerdeira, enviou o edital via *WhatsApp*, onde ele informou e me incentivou a fazer inscrever. Daniel é uma pessoa muito generosa e que, sem titubear, me acolheu, me escutou e me auxiliou nesse processo. Além dele, o meu amigo Eduardo Honorato, ser humano de coração enorme, sempre esteve ao meu lado, segurando a minha mão e torcendo por mim. *Duas pessoas estavam me abraçando afetuosamente no barco.*

“A dor do luto é análoga à contração”, essas palavras do psicólogo Rodrigo Luz me trouxeram o sentimento de possibilidades no meio de todo o sofrimento que estava vivendo. Eu me encolhia e chorava quase todos os dias com a perda de minha irmã, concomitante e paradoxalmente, eu entrava em estado de relaxamento. Foi nesse momento que eu escrevia o anteprojeto. Assim eram os meus dias para além da dor do luto. Sou aprovada e atribuo a aprovação do mestrado a um ato de resistência, já que não era mais nenhuma garotinha, já que se tratava de um desejo antigo, já que era a minha quinta tentativa, já que eu, finalmente, estudaria na Universidade Federal do Amazonas/UFAM. Resgato a memória de uma das tantas falas gentis e sábias de minha irmã, nesse momento, em relação aos estudos. Ela afirmava: “Mana, o mestrado é um divisor de águas. Você vai mudar a forma como se vê e vê o mundo”. Portanto, apesar do medo e da dor que sentia, resolvi fazer o mestrado por mim, mas também por ela, honrando a sua memória e me questionando como seria a divisão dessas águas? Seria quase como uma ode ao nosso Encontro das Águas? *Batizei o barco com seu nome: Hevelane.*

“Oxigênio para Manaus!” Essa foi a projeção feita em um prédio na grande São Paulo no dia 14 de janeiro de 2021. A imagem dessa projeção foi compartilhada por várias pessoas nas diversas redes sociais. Manaus vivia o que foi chamado da segunda onda da pandemia, um colapso que resultou na morte de mais de 4 mil pessoas naquele ano, fruto de um governo que minimizou a letalidade do vírus, a chamando de “gripezinha”. Consequência letal de um presidente que encorajava a população a não seguir o protocolo instituído pela Organização Mundial de Saúde. Era comum vê-lo sem máscara de proteção ou “passeando” em motocicletas incitando o povo. Entretanto, de todo descaso e de todo terror que vivíamos, assisti-lo fingindo uma tosse, simulando como se fosse alguém no quadro da COVID-19 e ouvindo sua resposta ao jornalista dizendo que não era coveiro, em um momento de ascensão nos números de mortes pelo coronavírus, foi a certificação de que estávamos diante de um ser abominável e sem escrúpulos e, por essa razão, me recuso aqui citar seu nome. *O barco diz: Inelegível!*

“Não deu tempo”, uma de minhas primas escreveram em suas redes sociais essa frase após a morte de meu tio pela COVID-19. Ele morreu no dia 17 de janeiro de 2021 no mesmo dia em que a primeira pessoa foi vacinada contra a COVID-19 no país. Não tempo para ele, não deu tempo para muitos de nossos familiares, amigos, colegas. A nossa família chora mais uma vez. Todo o Brasil chora de lutos ou de múltiplos lutos não reconhecidos. Foram mais de 700.000 pessoas que partiram. *O barco fez uma parada para homenagear os que se foram.*

As aulas começaram em março de 2021, as orientações aconteceram concomitante a elas. Meus olhos brilhavam a cada aula, eu estava diante de pessoas admiráveis, meu orientador era uma dessas pessoas. Conheci o professor Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro em 2016, em um evento realizado para dialogarmos sobre a Prevenção do Suicídio. Estávamos lado a lado em uma mesa redonda. Eu tremia toda e olhava para ele e pensava: “Ele é enorme!”. De fato, Ewerton é alto, porém costumo chamá-lo de gigante, não apenas pelo aspecto físico, mas por seu brilhantismo, gentileza e sabedoria.

Em dos momentos da mesa, quando a fala foi aberta a ele. Ewerton, delicadamente, pediu licença dos integrantes da mesa, desceu do palco do auditório, onde estávamos localizados, e se apresentou da seguinte maneira: “Eu tenho vários títulos, mas meus títulos mais importantes são: “Eu sou neto de pescador, bisneto de uma indígena do povo *Tiriyó*⁴, a minha mãe é de Óbidos no Pará e meu pai nasceu no município de Caucaia no Ceará”. Ewerton nos surpreendeu com sua narrativa potente, sua origem amazônica e nordestina, sua graça e leveza em abordar a temática. Eu o escutava atentamente e reconhecia a minha história em sua história. Era a primeira vez que eu entrava em contato com aquele ser que se desvelava diante de meus olhos. Eu senti que poderia construir algo, a trajetória nos estudos sobre o suicídio seria um deles. Ewerton me possibilitou olhar para alguns cantos da minha vida de outras

⁴ O povo *Tiriyó* que vive no Brasil compartilha a faixa oeste do Parque Nacional Indígena de Tumucumaque (PIT), que abrange os municípios paraenses de Oriximiná, Almerim, Monte Alegre e Óbidos. No Suriname, onde vivem o maior número, os *Tiriyó* encontram-se nos rios Tapanahoni, Sipariweni e Paroemeu. **Fonte:** <https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2017-12/amazonia-povo-tiryo-sinodo.html>

formas. Ele me apresentou a Fenomenologia – Existencial através da processualidade de suas vivências pujantes.

Discutindo acerca dos comportamentos autodestrutivos com Ewerton, principalmente, sobre o suicídio que me deparei com outras realidades, com outras pessoas em outros ambientes acadêmicos. Algumas delas desdenhavam da temática. Lembro-me muito bem de ter ouvido um professor de uma certa universidade, de um certo estado, rir e dizer que estudar suicídio tinha se tornado uma "modinha". Isso me atravessou e me incomodou, porque, antes disso, ele havia perguntado quem estava pesquisando sobre o assunto, ou seja, nos colocou em uma situação de constrangimento e de exposição. Refletindo sobre essa fala, senti o quão banalizada esse tema se apresenta para alguns acadêmicos e pesquisadores. Senti, na ciência psicologia, o não acolhimento e a deslegitimação da pesquisa. Pus-me a questionar: “O que seria essa modinha para esse ser humano?”, “Como é para ele não pensar sobre o ato de pôr o fim à vida?”. As inquietações me conduziram ao livro *Morte e Desenvolvimento Humano* da renomada professora Maria Júlia Kóvacs (2010), da Universidade de São Paulo, no qual ela afirma que o suicídio pode ser uma denúncia trágica e radical do sujeito, diante de uma crise coletiva e, quando uma pessoa se suicida, uma proposta coletiva da sociedade também se mata. Acho interessante que professora Kovács critica a responsabilização e/ou culpabilização do indivíduo que se suicida e faz uma leitura sócio-historicamente pautada. Não ver, para alguns, pode ser também a reprodução do que tentamos compreender acerca deste fenômeno. *O barco segue atrevidamente e rasgando o rio.*

Retomo minhas orientações com mais inquietações e angústias, recorro à Ewerton novamente e dialogamos sobre um dos capítulos do livro de *Crise Suicida: avaliação e manejo* do professor e psiquiatra Neury Botega (2015). Nele, o autor dedica-se ao tema Paradoxos do Gênero, onde ele discorre sobre os altos índices de tentativas de suicídio entre mulheres e a grande prevalência de suicídios entre os homens. Amplio mais um pouco os meus

questionamentos e relato sobre experiência que tive no dia 8 de março de 2020, no evento em alusão ao Dia da Mulher, realizado pela Fundação Amazônia Sustentável/FAS, onde participo como ouvinte do debate “Masculinidades Não Hegemônicas e Seu Lugar na Luta Feminista”, organizado pela Associação Brasileira de Psicologia (ABRAPSO) – Núcleo Manaus e pelo coletivo “O Gênero”. No espaço de discussões, ouço um dos convidados, Thiago Costa, homem trans, coordenador do coletivo O Gênero e gestor de casos de proteção no Instituto Mana. Saí da palestra muito reflexiva e na ânsia de compreender as vivências de pessoas nas transmasculinidades no que tange às ideações e tentativas de suicídio. Decidimos mudar o rumo da pesquisa e, logo, comecei a buscar informações sobre a temática. Acabei lendo uma matéria da revista Lado A intitulada “Estudos revelam altos índices de suicídio entre homens trans no Brasil e EUA”⁵. Questionei-me: como seria para eles considerarem a morte como possibilidade? *Pintei o barco de rosa, azul e branco.*

Mais uma morte. Meu amigo Horleães Pereira parte em agosto de 2021. Encontrei Horleães pela primeira vez em 2014, eu era docente em uma universidade privada da cidade e tínhamos uma relação fraterna e amigável. Em 2015, conheci o Centro de Valorização da Vida [CVV], instituição que tem por objetivo valorizar a vida e prevenir suicídio. Reuni alguns acadêmicos, professores e coordenadora para dialogar sobre prevenção do suicídio. Conseguimos realizar no mês de setembro um evento em alusão ao Dia Internacional de Prevenção do Suicídio, o que seria um evento que permaneceria na agenda da universidade até a saída da coordenadora.

No final de 2015, fui desligada da universidade e nos afastamos provisoriamente. Tempos depois, eu continuei insistindo com as campanhas de prevenção do suicídio, reuni, então, um grupo de amigas e amigos e formamos o grupo *Aquarelou*, projeto que visava

⁵ <https://revistaladoa.com.br/2019/01/noticias/estudos-revelam-altos-indices-de-suicidio-entre-homens-trans-no-brasil-e-eua/>

sensibilizar as pessoas acerca da prevenção do suicídio. Horleans estava sempre presente. Um novo desafio surgiu, iniciamos a trabalhar arduamente para implementar o posto físico do CVV em Manaus, depois de muita dor de cabeça, a pessoa jurídica da Mantenedora que subsidiaria o posto CVV/Manaus torna-se real e legal. Horleans e nossa amiga Naradja deram continuidade ao projeto. Todavia, por motivos diversos, cada um precisou abrir mão do projeto, porém a amizade continuou e se fortaleceu.

Em julho de 2021, Horleans nos convida para um café da manhã na casa de sua tia. Eu, ele e Naradja rimos e conversamos sobre projetos de vida, sobre o mestrado, sobre família, sobre a cirurgia da perna dele e sobre tantos outros assuntos comuns e incomuns que nos uniam. Um mês depois, Naradja me liga desesperada pedindo que eu vá à casa dela, porque o Horleans estava morto. Naquele momento, eu pensei que era uma grande brincadeira de mau gosto, mas não era. O nosso amigo de luta morreu em decorrência de complicações de sua recente cirurgia. Vê-lo morto em cima daquela cama parecia um pesadelo. Sentei-me ao seu lado e me despedi dele, pedindo que ele fosse ao encontro de sua mãezinha. *O barco parou para admirarmos o céu estrelado, nós gritamos: Horleans presente.*

As travessias continuaram, mas, agora, te convido a navegar comigo em companhia de borboletas e, a partir daqui você terá a oportunidade de fazer algumas pausas artísticas. Eles não foram escolhidos aleatoriamente, foram decisões espontâneas e criativas para homenagear artistas trans. *Boa viagem!*

Escrita poética - Borblue

“Precisamos aprender o valor de se amar...

Aprender o momento de se guardar e o momento de mostrar...

Eu sou casulo, mas também sei voar” ...

(BorBlue⁶, 2019)

⁶ Nascido na vila de Icoaraci BorBlue é artista transgênero e trabalha com carimbó e poesia nos coletivos de Belém, praças e feiras, levando a cultura popular pra que todos tenham acesso. Ministra oficina de carimbó, trabalhando principalmente com crianças e idosos. Participou de concursos de poesia representando o PA na competição nacional em SP. Atualmente está no curso técnico em ator na ETDUFPA. Fonte: <https://mapacultural.pa.gov.br/agente/9897/>

2 Introdução

No decorrer de vida acadêmica, me aproximei dos estudos que abordavam o fenômeno da morte, Tanatologia foi um deles, mas o suicídio, e mais especificamente, a sua prevenção, entrou na minha vida em 2015. Passei a me questionar sobre dilema do “ser ou não”, do “existir ou não existir” que atravessam as vivências de muitas pessoas que, chegam a pôr o fim à vida (Gonçalves, 2020).

O suicídio é, portanto, a única questão fundamental da filosofia merecedora de seriedade (Camus, 2010). Como poderíamos julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida? Essa situação paradoxal “entre o viver e o não viver” ou o “ser ou não ser”, nos instiga a questionar sobre o significado da existência, mas se a própria existência não tem sentido, não estaríamos, nós, seres humanos, fadados a cair no vazio irresolúvel? (Gonçalves, 2020).

Magliano (2018), argumenta que o ato de pôr à vida não pode ser plenamente compreendido como um comportamento de um ato encerrado em si, pois envolve significados que se articulam entre si e que, além disso, se referem às situações em que podem ocorrer o ato, às pessoas que realizam, ao modo como o fazem e às condições envolvidas. Assim, se propor a refletir sobre os estudos desse fenômeno, é se dar abertura para o entendimento de sua complexidade e, em simultâneo, se afastar de um olhar reducionista, moralizante e causal.

Historicamente, considera-se o suicídio como uma conduta desviante que deve ser tratada e combatida através de estratégias de controle, diagnóstico e prevenção (Lessa, 2020), como poderíamos lançar um fenomenológico para como essa conduta é posta? Segundo a professora Dra. Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ, em seu livro *Suicídio: Estudo & Ensaio*, a fenomenologia existencial compreende o suicídio como possibilidade existencial e nos convida à abandonar as perspectivas moralizantes que o naturalizam, pois é, a partir, desse entendimento, que a

“atuação preventiva na clínica psicológica se desdobra, abrindo espaço para o acolhimento e a escuta compreensiva mesmo sabendo que, ao manter a postura, assumimos a nossa impotência e fragilidade frente à liberdade do outro” (Feijoo, 2020, p. 125).

Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro da Universidade Federal do Amazonas/UFAM argumenta que é que o homem, ao ser lançado ao mundo, vivencia as facticidades, situações que os restringem ou obstaculizam, os obrigando a sair de seus lugares seguros. Situações essas que causam angústias, pois não sabemos o que ocorrerá daqui a dois minutos. O homem, mergulhado nas incertezas do porvir, pode experimentar sofrimento e dor que são capazes de levá-lo às ideações suicidas, às tentativas e à autodestruição (Castro, 2021).

A vivência no horizonte temporal desse ser humano que não se traduz possível, *au contraire*, mergulhado em suas impossibilidades, me levou a percorrer trajetórias epidemiológicas. Precisei reconstruir o que tem sido produzido pelo saber científico.

O relatório da Organização Mundial de Saúde [OMS], de 2021, o *Live Life: An implementation guide for suicide prevention in countries*, informa que mais de 700.000 pessoas morrem por suicídio anualmente no mundo, sendo uma das principais causas de morte no mundo, mesmo se comparada à malária, HIV/AIDS, câncer de mama, guerras e homicídios. Ao adentrar nas questões de gênero, vi que os dados mostram que a taxa de mortes entre homens foi 2.3 vezes maior que das mulheres. E os aspectos socioeconômicos apontam que as mortes por suicídio ocorreram, principalmente, em países de classes menos favorecidas, isso equivale a 77%. Percebo, assim, que houve diminuição do quantitativo de mortes por ano, de mais de 800 mil suicídios, passamos para mais de 700 mil, porém o suicídio ainda é um problema de saúde pública e, por que não de saúde coletiva? (Organização Pan Americana de Saúde, 2018).

Quando volto minha atenção ao nosso país, vejo que o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, e percebo que ocorreram 112.230 mortes por suicídio no Brasil, entre

2010 e 2019, apontando um preocupante aumento de 43% no número anual de mortes. Em 2010, 9.454 suicidaram-se e, em 2019, 13.523 tiraram suas próprias vidas (Brasil, 2021). Em relação ao estado do Amazonas, entre os anos de 2015 e 2019, foram registradas 983 mortes por suicídio, sendo que 79,6% das vítimas eram homens, segundo o boletim epidemiológico da Fundação de Vigilância em Saúde [FVS], em 2019.

Observa-se que em termo mundial, nacional e regional o paradoxo de gênero das mortes por suicídio entre homens e mulheres é evidenciado. Felipe Baeré e Valeska Zanello, com a pesquisa intitulada “O gênero no comportamento suicida: Uma leitura epidemiológica dos dados do Distrito Federal” reiteram esses dados afirmando que há maior número de óbitos por suicídio de homens e uma predominância de tentativas entre as mulheres, o que os levam a sugerir há uma necessidade de desconstruir os inflexíveis papéis sociais de gênero que são fonte de sofrimento para mulheres e homens (Baeré & Zanello, 2018).

No entanto, precisamos ressaltar que esses números podem ser bem maiores do que estão sendo relatados, devido “à inexistência de um programa de vigilância, às subnotificações e à baixa qualidade dos dados sobre a mortalidade em nosso país” (Lopes & Marquetti, 2019, p. 06). Esse descaso dos órgãos públicos em relação ao mapeamento da violência LGBTQIAP+ é salientado pelo Observatório de Mortes e Violência de LGBTI+ (2022) no Brasil [...] “o próprio observatório se organiza por meio de pesquisadores que coletam e sistematizam dados para acompanhar a situação de nossa comunidade” (p.7).

Baeré e Zanello (2018) reforçam que “é possível relacionar o comportamento suicida às orientações sexuais dissidentes e à transgeneridade” (p.171). A OMS (2023) corrobora com essa assertiva, relatando que pessoas LBTQIAPN+ estão entre os grupos de maior vulnerabilidade e, portanto, considerado fator de risco para o suicídio e a tentativa de suicídio, devido ao sofrimento psíquico causado pelas vivências de preconceito e a discriminação.

“Pessoas LGBTQIAP+ são assassinadas e suicidadas”. A Associação Nacional de Travestis e Transexuais [ANTRA], em 2022, através da elaboração do Dossiê de Assassinatos e Violências contra pessoas Travestis e Transexuais Brasileiras do ano de 2022, apresentou os números de mortes ocorridas. Foram 151 mortes, sendo 131 casos de assassinatos e 20 pessoas trans suicidadas (Benevides, 2022).

Segundo o Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022, a expressão suicidada é um termo cujo objetivo é provocar discussões acerca do impacto do cenário social de extrema violência e insegurança que podem ser fatores que dificultam a garantia dos direitos de pessoas trans, que se desdobram no autoextermínio dessa população. Suicidados, portanto, é justificado, pois são esses fatores que agravaram a saúde mental das pessoas trans e que as levaram a tomar a decisão pelo suicídio (Benevides, 2023, p.12).

No relatório do Dossiê Observatório de Mortes e Violência de LGBTI+ [Dossiê], em 2023, relatou que a maior preponderância de mortes por homicídio foi de travestis e mulheres transexuais, um número exorbitante de 134 pessoas trans, seguido por 86 mortes de homens gays e 6 casos de lésbicas. Isso coloca o país mais uma vez e pelo décimo quarto ano consecutivo, com o título vergonhoso do país que mais mata pessoas LGBTQIAPN+, principalmente as mulheres trans e travestis. O Dossiê (2023) também aponta que, “a maioria dos casos de suicídios ocorreram com homens trans e pessoas transmasculinas, com o total de sete casos” (p.46).

Em uma das poucas pesquisas realizadas com homens trans⁷ no Brasil, cujos resultados evidenciaram que, de uma população de 242 participantes, 41,5% dos entrevistados tentaram tirar a própria vida. Do total da amostra, 21,4% dos entrevistados afirmaram ter tentado mais de cinco vezes (Sarmiento Bezerra et al., 2018). Os autores concluem que a violência, o

⁷ Homem trans: pessoas que estão no espectro das transmasculinidades.

desrespeito ao nome social e a violação do direito à da identidade de gênero, são cotidianamente vivenciadas, tendo consequência a baixa autoestima e o sofrimento mental. Ciasca et al. (2021) corroboram argumentando que homens trans são as pessoas que apresentam maior risco para o suicídio entre toda a população trans. Thomas et al. (2019), sugerem que homens transgênero e jovens não-binários (AFAB⁸), correm maior risco de ideação e tentativas suicidas.

Alguns fatores de risco podem estar associados ao comportamento suicida de pessoas nas transmasculinidades, são eles: o desemprego, a renda salarial baixa, educação limitada, discriminação cotidiana, violência, a percepção de ser um peso, o sentimento de não pertencimento, menor passabilidade, acesso ao processo de modificação corporal (Chen et al., 2019; Chinazzo et al., 2021; Gomes et al., 2022; Hunt et al., 2021). No que tange os fatores protetivos destacam-se: o apoio social e familiar, o apoio da identidade de gênero, o sentimento de pertencimento, cuidado e conexão, estar em um relacionamento, ter idade mais avançada e característica de resiliência (Chinazzo et al., 2021, Hunt et al., 2020; McDowell et al., 2019).

Nesta perspectiva, visamos compreender o outro em suas vivências a partir da escuta de seus discursos atravessados pela experiência (Castro, 2019). Assim, escolhi caminhar através dos preceitos do Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia de Amedeo Giorgi (Giorgi & Sousa, 2010). Feijoo (2018), corroborando com a relevância da pesquisa, aponta que há necessidade de estudos fenomenológico-existenciais que se dediquem ao comportamento suicida em nosso país e no estado do Amazonas. Além disso, pretendi contribuir para a ampliação de estudos sobre as vivências transmasculinidades, que, segundo McDowell et al. (2019), é um grupo sub-representado e escassamente pesquisado.

Vale ressaltar, que, na perspectiva fenomenológica, falo a partir de minha heterocisgeneridade, de uma mulher branca, sem deficiência e de classe média, e compreendendo que devo praticar a consciência de que meu olhar para o fenômeno acontece

⁸ AFAB - *Assigned Female At Birth* (designado feminino no nascimento - tradução livre da autora).

do lugar que eu ocupo (Szymanski & Szymanski, 2022). Ou como o professor Alexandre Trzan-Ávila argumenta: “há necessidade de letramento antirracista, antilgbtfóbico, antomisógino que nos ajudem a descolonizar os nossos olhares” (2022, p.84).

Em outro momento, Trzan-Ávila traz outra provocação:

E, se alguma psicóloga ou algum psicólogo acreditam que seu fazer está fora das reflexões deste texto, que o debate sobre racismo, LGBTfobia, misoginia, capacitismo, etarismo entre outras não os concerne, então o que ela ou ele estarão reproduzindo é a dicotomia sujeito-mundo, um retorno à psicologia da interioridade, que sempre supõe um lugar apartado do mundo para aqueles que realizam pesquisa (2022, p.87).

Considerarei a palavra transmasculinidades, no plural, para englobar as vivências das pessoas que estão sob esse guarda-chuva. Nesta perspectiva, os termos homem trans, pessoa transmasculina não-binária e transmasculino foram utilizados conforme a autoidentificação dos colaboradores desta pesquisa. Nos apoiamos, portanto, no que a Resolução nº 01 de 29 de janeiro de 2018 do Conselho Federal de Psicologia [CFP] preconiza:

(...) as expressões e identidades de gênero são possibilidades da existência humana, as quais não devem ser compreendidas como psicopatologias, transtornos mentais, desvios e/ou inadequações (CFP, 2018, p.01).

Além disso, o Conselho Federal de Psicologia destaca:

(...) que expressão de gênero refere-se à forma como cada sujeito apresenta-se a partir do que a cultura estabelece como sendo da ordem do feminino, do masculino ou de outros gêneros (CFP, 2018, p.02).

Diante do exposto, o objetivo desta pesquisa foi a compreensão das vivências de ideações e tentativas de suicídio entre homens trans e pessoas transmasculinas à luz da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. Ademais, o destaque deve voltar-se para a compreensão dos sentidos e significados de considerar a morte como possibilidade, sendo

potencial para refletirmos sobre a prevenção e posvenção do suicídio. Assim, a organização do estudo está distribuída da seguinte maneira: Marco Teórico; Delineamento Metodológico, Resultados e Discussões, subdivididos em 3 (três) artigos; Re-flexões e TRANSformAÇÕES finais.

3 Marco Teórico

3.1 Olhares teóricos para o fenômeno do comportamento suicida

3.1.1 O suicídio ao longo dos tempos: breve histórico

No século XVII, o Sir Thomas Browne, publica, em 1642, a obra *Religio medici* e utiliza a palavra *suicidium* para diferenciar o *self-killing* cristão, o totalmente condenável, do suicídio pagão. Esse último termo tem sua origem do latim *sui* (de si) e *caedes* (assassinato) (Minois, 2018). De acordo com a psicologia fenomenológica e hermenêutica, as determinações de um período histórico contribuem para a constituição do modo de ser dos homens. Isso significa que precisamos compreender como cada época atribuiu o sentido de pôr fim à vida para entender o que estava em jogo quando se tomou essa decisão. Em diferentes momentos históricos, as reações sociais e legais àqueles que decidiram pôr fim à própria vida variam, variando desde a valorização até a aceitação e até a punição (Feijoo, 2019).

Os antigos gregos, geralmente, foram tolerantes em relação ao suicídio, em uma atitude de moderação e nobreza de espírito, porém, se o ato simbolizasse desrespeito aos deuses, havia o interdito às honras da sepultura e a mão do morto era decepada e enterrada em outro local. Na Antiguidade clássica, o sujeito já era reconhecido como “um valor social”, e, valor esse, era propriedade do Estado. O suicídio, portanto, poderia ser consentido, se o Estado autorizasse. Os suicídios são descritos de maneira “natural” representados heroicamente. “No século V, o Estado romano proibiu o cidadão comum de suicidar-se. Faltava alimento, mão de obra e o índice de mortalidade era alto. A vida dos escravos pertencia aos seus proprietários, os colonos. A pessoa que se matava passou a ser culpabilizada, e seus familiares tinham seus bens confiscados.” (Botega, 2015, p.18).

Na Europa, durante a Idade Média, O corpo do indivíduo que se suicidava era transportado por meio de uma janela ou por um buraco aberto na parede, nunca pela porta. Em seguida, o cadáver era colocado em um barril e jogado no rio. O professor e psiquiatra Nery Botega (2015) acrescenta que, em outros locais, os corpos eram arrastados por um cavalo e, posteriormente, pendurados de cabeça para baixo em uma forca, suas mãos eram decepadas e enterradas em lugares diferentes dos corpos.

A Europa, nessa época, era predominantemente cristã e o suicídio era considerado um pecado mortal, ou seja, veementemente condenado pela igreja.

Segundo George Minois:

“A Idade Média apresenta, portanto, uma visão matizada do suicídio, muito distante de uma condenação monolítica. Mais do que o próprio gesto, são os motivos, a personalidade e a origem social do suicida que importam. É bem verdade que a doutrina e o direito são muito rigorosos, mas sua aplicação é marcada por uma flexibilidade surpreendente. A condenação de princípio do suicídio na civilização cristã não é nem evidente, nem original. As fontes religiosas do cristianismo são, na verdade, omissas, ou melhor, ambíguas, a esse respeito” (Minois, 2018, p. 21).

Santo Agostinho é um dos responsáveis pela interdição do suicídio na Idade Média, se apoiando na doutrina oficial da Igreja, como escreve: “ninguém tem o direito de se entregar à morte de maneira espontânea com o pretexto de escapar dos tormentos passageiros, sob a pena de mergulhar nos tormentos eternos” (Minois, 2018, p. 31).

Botega (2015) argumenta que com a abertura de novo século, no ano de 1600, o suicídio surge nos palcos através do dilema humano de Hamlet, príncipe da Dinamarca, de William Shakespeare: “Ser ou não ser, eis a questão”. Eis o grande dilema existencial do século XVII! Há um distanciamento da perspectiva divina, sendo substituída pelo horizonte humano no

campo científico. A melancolia toma o lugar do desespero e a alienação mental substitui a condenação.

Com o advento da industrialização, no século XIX, testemunhamos profundas transformações no modo de vida das sociedades. A obra *O Suicídio*, de Émile Durkheim, é publicada em 1897. O fenômeno do suicídio começou a ser encarado como um fato social, onde o foco individual passou a ser a sociedade, da moral e dos problemas sociais. No século XIX e início do século XX, houve o processo de descriminalização do suicídio em vários países. Com o aumento das pesquisas científicas em torno do fenômeno, o ato começa a ser considerado um problema científico e de saúde pública (Botega, 2015).

A OMS reitera:

Suicide is a serious public health problem; however, suicides are preventable with timely, evidence-based and often low-cost interventions. For national responses to be effective, a comprehensive multisectoral suicide prevention strategy is needed (OMS, 2021).

3.1.2 Comportamento suicida: fenomenologia, existencialismo e humanismo

Sob a perspectiva fenomenológico – existencial, Castro (2021) compreende que, o homem, ao ser lançado ao mundo, vivencia as facticidades, situações que os restringem ou obstaculizam, os obrigando a sair de seus lugares seguros. Situações essas que causam angústias, pois não sabemos o que ocorrerá daqui a dois minutos. O homem, mergulhado nas incertezas do porvir, pode experienciar sofrimento e dor que são capazes de levá-lo às ideias suicidas, às tentativas e à autodestruição. O autor acrescenta que trabalhar com pessoas que já vivenciaram tentativas de suicídio ou comportamento autolesivo, nos impele a ir além de nossos lugares seguros, e somos convidados a seguir a trilha do desamparo. Portanto, caminhar com eles é preciso, nos tornar continentes também é preciso e, além disso, precisamos nos fazer contínuos aprendizes de nosso fazer profissional.

Conforme Elza Dutra (2010), professora titular de Psicologia Clínica Fenomenológica na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o suicídio pode ser definido como uma tentativa de escapar da falta de significado na vida, quando a vida se torna insuportavelmente difícil, dolorosa ou um fardo. A falta de sentido da vida, neste contexto, pode ser um importante elemento para a decisão de pôr o fim à vida. Como professora Dutra (2000) escreve em sua tese:

(...) o modo inautêntico de viver acarretará escolhas existenciais inadequadas, porque incompatíveis com o seu ser verdadeiro, levando a pessoa a uma existência marcada pelo fracasso, pela baixa autoestima, irrealização e infelicidade, gerando uma total incapacidade de amar e ser amado. Dá-se, então, o vazio existencial e a falta de sentido para a vida, que podem levar o jovem a, numa postura fatal, querer sair do vazio e tentar preencher esse vácuo em que se encontra, ainda que seja em direção a um desconhecido que lhe resgatará do sofrimento, ainda que seja ceifando a sua vida através de um ato de extrema violência, como o são o suicídio e a tentativa de suicídio (p. 100).

Segundo Feijoo (2019), para se refletir sobre o suicídio, segundo a perspectiva existencial, precisamos assumir uma postura fenomenológica, isto é, tomar uma atitude antinatural. Esse movimento permitirá nos aproximar do fenômeno sem nos fundamentarmos em conceitos como doença, patologia, sofrimento, desespero ou controle. A autora afirma que é imperativo que possamos colocar entre parênteses todas as perspectivas moralizantes acerca do suicídio. Assim, podemos nos aproximar dos indivíduos que afirmam não mais querer viver, sem depender de uma moral normativa que define o que é bom e mau, normal e patológico.

Já a professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza, Virgínia Moreira et al. (2012), compreendem o suicídio como uma ação realizada em um determinado ambiente sociocultural. Com base no referencial humanista-fenomenológico, entendemos que há uma conexão intrínseca entre as tentativas de suicídio e o

contexto em que a pessoa comete essas ações. “A experiência vivida humana, compreendida em sua ambiguidade. Portanto, a tentativa suicida deixa de ser concebida como um fenômeno vivido por uma subjetividade adoecida e passa a ser compreendida como um fenômeno mundano” (Rocha et al., 2012, p.77).

3.1.3 Políticas de Prevenção do Suicídio: divergências e desafios

A Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio [PNPAS], Lei n.º 13.819, foi promulgada em 26 de abril de 2019. A União, em conjunto com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, seriam responsáveis por implementá-lo.

Dantas (2019), em seu artigo “Prevenção do suicídio no Brasil: como estamos?”, traz contrapontos acerca da PNPAS. Inicialmente, o autor que as estratégias de prevenção do suicídio devem contemplar a toda população brasileira, em termos de diversidade cultural, desigualdade social, fatores socioeconômicos e distribuição de recursos públicos e de serviços. No entanto, houve uma escalada conservadora nos costumes e com caráter armamentista. Embora uma das formas mais eficazes de prevenir o suicídio seja diminuir o acesso da população geral a meios letais de consumação do ato suicida, como armas de fogo, pesticidas e agrotóxicos, o Decreto no 9.785, de 7 de maio, liberou a posse, o porte e a venda de armas de fogo em massa no Brasil no primeiro semestre de 2019. Isso contradiz os pressupostos da PNPAS. Além disso, em 2019, houve um recorde histórico de venda de agrotóxicos, que são considerados extremamente perigosos para a saúde humana e causam altas taxas de suicídio, principalmente em locais onde a agricultura é uma atividade predominante, como no sul do país.

No ano seguinte, em 2020, o Comitê Gestor da Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio é instituído, decreto n.º 10.225 de 5 de fevereiro de 2020. Entre

as premissas estipuladas no decreto, o comitê estabelece normas relativas à notificação compulsória de violência autoprovocada, pois, devido à das prováveis subnotificações, é provável que o número de tentativas de suicídio seja de 10 a 20 vezes maior que o número de mortes por suicídio (Botega, 2015).

Além disso, o Ministério da Saúde, através do Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas e Agravos Não Transmissíveis no Brasil (2021- 2030), é categórico em afirmar que o país precisará deter o crescimento da mortalidade por suicídio. Uma das propostas no que tange a promoção de saúde, “é elaborar em conjunto com Secretarias de Saúde estaduais e do Distrito Federal planejamento de publicações locais sobre temáticas de suicídio e automutilação contemplando os ciclos de vida” (Brasil, 2020, p. 109).

Retomo Dantas (2019) que argumenta que a prevenção do suicídio deve ser uma articulação intersetorial e alinhada com as políticas públicas em áreas prioritárias, como saúde, educação e assistência social, e deixa evidente que as mudanças estruturais necessárias no país vão além da criação de uma política de prevenção do suicídio, principalmente por compreender que as políticas se centram em uma visão biomédica, reducionista e patologizante.

3.2 (Trans)itando pelas transmasculinidades

Butler (2019) afirma que os estados modernos se organizam ao redor de um sistema de gênero binário que presume a heterossexualidade como condição sexual “natural” e obrigatória, isto é, que pênis, vaginas e outros caracteres corporais eleitos como sexuais são determinantes nas preferências afetivo-sexuais e nos comportamentos dos sujeitos, dividindo-se entre homens e mulheres.

Trzan-Ávila compreende que

(...) as possibilidades de gênero em nosso tempo acabam afirmando as seguintes questões: “o que pode ser”, o que não deveria ser”, “mas ainda encontra um espaço para ser” e o “o que não pode ser”. Dessas possibilidades é certo que todas se encontram atravessadas por opressão e violência, mas a última obviamente é a que tem endereçada para si todas as formas de exclusão e invisibilidade. Como identidades concretas desse tipo podemos citar as travestis e transexuais (2019, p.61).

Para Bento (2012), a compreensão de transexualidade pode auxiliar na conceituação da transmasculinidade. A autora argumenta que a identidade transexual está associada a uma lógica entre sexo biológico e gênero. Portanto, há uma expectativa que uma pessoa portadora de um aparato biológico feminino se comporte como mulher e uma pessoa portadora de um aparato biológico masculino se comporte como homem.

Em contrapartida, Ávila (2014) argumenta que a transexualidade implica na reflexão sobre o que é sexualidade para além das concepções biológicas, obrigando-nos a pensar nas vivências da sexualidade nos âmbitos privado e público, tanto como prática individual, como prática social e política. Da mesma forma, nos obriga a desconstruir binarismos rígidos presentes nas categorias de gênero tradicionais: homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual.

À luz da fenomenologia-existencial, Pimentel, Castro e Miranda (2018) compreendem que a transmasculinidade transcende o biológico, sendo fruto de vivências, aprendizagens e desconstruções de modelos tradicionais.

O psicólogo clínico e transhomem Matheo Bernardino (2021), em seu artigo Gênero como modalidade existencial, argumenta que o conceito de corporeidade, para Merleau-Ponty (2018), influencia a maneira como o gênero é entendido, considerando que o corpo não é apenas um objeto, mas também fenomenal e carregado de ambiguidade. Portanto, a existência de um genital que social e normativamente designa ser mulher ou homem não determina o

gênero, já que o binarismo naturalizado é superado pela compreensão de que o corpo é uma entidade viva.

Ou como Silva, em seu estudo *Errância corporal: gênero em trânsito*, descreve:

(...) a identidade de gênero como experiência de trânsito, como possibilidade de percorrer o espaço do corpo no sentido de apropriação da experiência de se dirigir a outras possibilidades de expressão da identidade de gênero. Assim, errância é utilizada aqui no sentido de reconhecimento, de busca, de possibilidade de mudanças apontando novas rotas (2017, p. 2).

3.3 Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty

Maurice Merleau-Ponty, um dos grandes expoentes da fenomenologia, nasceu em *Rochefort-sur-Mer*, na França. Frequentou a *École Normal Supérieure* de Paris, lugar de sua formação filosofia e de seu primeiro contato com os também filósofos, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Em 1945, Merleau – Ponty começou a lecionar na Universidade de Lyon e depois na Sorbonne. Em 1952, ganhou a cadeira de filosofia no Collège de France.

Merleau-Ponty é conhecido por seu trabalho sobre corporeidade, percepção e ontologia e fez grandes contribuições para a filosofia da arte, história, linguagem, natureza e política. Merleau-Ponty se associou ao movimento existencialista em seus primeiros anos por meio de sua amizade com Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, e desempenhou um papel importante na disseminação da fenomenologia, que ele buscou integrar à psicologia da Gestalt, à psicanálise, ao marxismo e à linguística saussuriana (Toadvine, 2019).

Além de neurologistas como Kurt Goldstein, teóricos da Gestalt como Wolfgang Köhler e Kurt Koffka, escritores como Marcel Proust, Paul Claudel e Paul Valéry, e pensadores como Henri Bergson, Edmund Husserl, Martin Heidegger, Max Scheler e Jean-Paul Sartre

foram importantes influências em seu pensamento. No que lhe concerne, suas obras influenciaram a geração pós-estruturalista de pensadores franceses que o seguiram, como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jacques Derrida. Os escritos mais importantes de Merleau-Ponty são *A Estrutura do Pensamento* (1942) e *Fenomenologia da Percepção* (1945). Outras publicações significativas incluem os livros: *Humanismo e Terror* (1947) e *As Aventuras Dialéticas* (1955), bem como dois livros de ensaios compilados sobre arte, filosofia e política: *Sense and Non-Sense* ([1948]1996b/1964) e *Signos* (1960/1964). Dois manuscritos póstumos foram lançados: *A Prosa do Mundo* (1969/1973); e *O Visível e o Invisível* (1964). Além disso, notas de palestras e transcrições de alunos de muitos de seus cursos na Sorbonne e no Collège de France foram publicadas (Toadvine, 2019).

Segundo a filósofa Marilena Chauí, no livro *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty faz uma crítica ao intelectualismo das filosofias da consciência, em especial, ao idealismo transcendental, que, “levando às últimas consequências a separação cartesiana entre o corpóreo e o anímico, afirmam que a subjetividade constitui a realidade ou põe o mundo a partir de si mesma” (2010, p.02). De acordo com Merleau-Ponty, amparado por Chauí, o mundo é mais velho do que a consciência e do que nós e a “percepção do mundo funda para sempre nossa ideia da verdade” (2018, p.13). Portanto, opondo-se ao modelo cartesiano da época, Merleau-Ponty argumenta: “A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”.

Ferreira e Castro (2017) resgatam o filósofo afirmando que, ao aprofundar suas reflexões sobre a percepção para a questão do corpo, o teórico aponta que a percepção é a experiência original do corpo com o mundo e ao seu redor, havendo uma contraposição do objetivismo mente-corpo. Sendo o corpo indivisível, ele nos possibilita perceber o mundo e tudo o que nele há; é o corpo, igualmente, que nos permite realizar as operações mentais, fantasiar, desejar e atribuir significados aos acontecimentos, inclusive efetuar escolhas e tomar decisões, pois há uma intencionalidade do corpo.

Chauí salienta que é

(...) graças ao corpo, espaço, tempo, motricidade, sexualidade, linguagem, visão, emoção, pensamento e liberdade surgem na trama dos acontecimentos corporais e destituem a consciência reflexiva de seu papel constituinte soberano ou do insensato “projeto de posse intelectual do mundo” (2010, p.02).

A proposta de concebida na Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty, propõe, assim, o seu primeiro ato filosófico que seria o retorno ao mundo vivido (*Lebenswelt*), pois é nele que poderemos “buscar o significado da experiência vivida, ou seja, compreender o *Lebenswelt*, o mundo vivido” (Moreira, 2017).

4 Delineamento Metodológico

4.1 Tipo de Pesquisa

Esta dissertação foi construída metodologicamente com três tipos de estudo: 1) foi realizada uma revisão de literatura do tipo integrativa; 2) foi realizada uma pesquisa qualitativa a fim de compreender as narrativas compostas no instrumento Autorretrato (*selfie*); 3) foi realizada uma pesquisa com abordagem qualitativa que visava compreender a escolha de pôr o fim à vida. A compreensão do fenômeno foi realizada em termos qualitativos para contemplar o objetivo da pesquisa, pois salienta “a análise de casos concretos em sua temporalidade e localização e se manifestam por meio de expressões e significados que as pessoas dão a suas experiências e vivências” (Minayo, 2017, p.16).

Para tanto, foram utilizados os preceitos do Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia de Amedeo Giorgi, que visa compreender o outro em suas vivências, sendo que o discurso também atravessa esta experiência (Giorgi & Sousa, 2010).

4.2 Método Fenomenológico de Pesquisa em Psicologia - Amedeo Giorgi

Segundo AmatuZZi (2019), uma das coisas que caracteriza uma psicologia de enfoque fenomenológico é a relevância que esta dá ao vivido. Assim, a Fenomenologia, em busca da compreensão do vivido, como fundamento teórico e metodológico, busca compreender o sentido da experiência para sujeitos que a vivenciam (Castro, 2019).

Giorgi e Sousa (2010) e Castro (2019) argumentam que o objetivo é apresentar um método fenomenológico adequado à psicologia científica. Portanto, não se está buscando a verdade empírica, da relação causa e efeito, na promoção da dicotomia sujeito-objeto, mente-corpo, porém a interdependência destas instâncias é reconhecida.

Evidenciaremos a compreensão de Giorgi e Sousa (2010) sobre os passos recomendados para o método abaixo:

Primeiro passo: este consistiu em obter as descrições dos participantes. Neste momento, foi fundamental integrar dois aspectos: seguir o requisito fenomenológico de valorizar as descrições acerca do vivido, da experiência, dando destaque ao sentido de como estas se apresentam à consciência do participante. Todavia, são mantidos passos metodológicos que nos permitem enquadrar o processo de investigação em critérios unicamente considerados na comunidade científica. O método mantém um componente descritivo, no sentido em que o resultado do processo de análise do protocolo reflete uma descrição em síntese dos significados psicológicos essenciais da experiência dos participantes da pesquisa.

Segundo passo: foi realizada a redução fenomenológica-psicológica. Nesse momento considerou-se o uso da epoché, ou seja, a suspensão da atitude natural, e da redução fenomenológica-psicológica. O sentido da redução é que objetos e situações, isto é, tudo o que surge à consciência dos participantes, passam pela redução, mas não os atos de consciências, aos quais esses objetos e situações estão relacionadas.

Terceiro passo: é denominado de análise eidética – variação livre imaginativa. Esse passo consistiu em que, após assumir a atitude da redução fenomenológica, a pesquisadora pudesse centrar-se no objeto de estudo, cuja essência, a síntese de significado psicológico, deveria ser determinada. Dessa forma, procurou-se definir a essência do fenômeno, isto é, a estrutura do significado psicológico, a síntese do sentido da experiência vivida pelos participantes da pesquisa, mediante o uso da análise eidética, a variação livre imaginativa. A síntese final de significado psicológico remeteu a uma generalização eidética dos resultados da investigação. Os resultados eidéticos implicam, igualmente, que o que conta para a generalização dos resultados da investigação seja o número de vezes que o fenômeno, objeto

de estudo, se repete ao longo dos protocolos de investigação, não o número de participantes que, voluntariamente, colaboraram da pesquisa.

4.3 Participantes e local de pesquisa

As entrevistas foram realizadas com nove participantes, todos maiores de 18 anos e que 8 (oito) se autoidentificam como homem trans e 1 (um) se autoidentificou como pessoa transmasculina não-binária. A duração média das entrevistas foi de 60 minutos.

Devido aos cuidados relacionados à pandemia da COVID-19, o convite para a participação do estudo foi divulgado através das redes sociais da pesquisadora – *Instagram* e *WhatsApp Business*. Os participantes, através do link disponibilizado no convite disparado, acessaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice 8.1) e se identificaram para que, posteriormente, eu entrasse em contato a fim de realizar o agendamento das entrevistas de acordo com suas disponibilidades. Os links das entrevistas foram enviados através da rede social *WhatsApp*, em seguida, as entrevistas ocorreram através das plataformas *Google Meet* e *Zoom*.

Ao finalizar cada entrevista, utilizei a técnica *Snowball*, na qual um participante é convidado a indicar outros, e assim por diante (Bockorni & Gomes, 2021). Além disso, enfatizei que a decisão de convidar ou não algum outro colaborador era facultativo.

4.3.1 Critérios de inclusão:

- a) se autodeclarar nas transmasculinidades, independentemente de raça, credo, condição social e/ou orientação sexual;
- b) ter vivenciado, em algum momento de sua vida, ideações e tentativas de suicídio;
- c) ter idade igual ou maior de 18 anos;
- d) Ser residente da cidade de Manaus/Amazonas.

4.3.2 Critérios de exclusão:

a) estar sob efeito de substância lícita e/ou ilícita que impossibilitem a compreensão ou participação na entrevista;

b) possuir déficits cognitivos que interfiram na compreensão da pesquisa.

4.4 Instrumentos

Foram utilizados 2 instrumentos nesta pesquisa:

4.4.1. Autorretrato (*selfie*)

O objetivo do uso do autorretrato foi mergulhar nas descrições, sentimentos e emoções dos participantes a respeito de como eles se percebem em suas corporeidades.

Para tanto, é importante conceituar o autorretrato. Segundo Pessoa (2006), o autorretrato é como um retrato feito por um indivíduo de si próprio, representando, portanto, o que ele imagina de si, o que deseja ou como idealiza ser, que poder ser significar um exercício de autoconhecimento. Passalacqua (2007), por sua vez, argumenta que o autorretrato é um instrumento em forma de questionário ou um conjunto de questões abertas e dirigidas ou semidirigidas, que objetiva, de forma instigante e relevante, evocar vivências, memórias e propiciar novas sínteses do mundo vivido.

Sob a perspectiva fenomenológica, Oliveira (2021) afirma que o uso do autorretrato possibilita o desvelamento daquilo que se apresenta, os sentidos e significados daquilo que se mostra. Diante disso, foi solicitado junto a cada participante que eles fizessem um *selfie* (autorretrato). Após terem feito a fotografia, as seguintes perguntas foram realizadas: “O que você poderia me falar dessa pessoa?” “Qual a história de vida dela?”.

4.4.2 Entrevista Fenomenológica

O segundo instrumento, a entrevista fenomenológica, objetivou centrarmos no objeto de pesquisa: o comportamento suicida. Pereira e Castro (2019), argumentam que entrevista de método qualitativo tem por objetivo a obtenção das descrições do mundo vivido (*Lebenswelt*)

dos participantes e as atribuições de sentidos e significados do fenômeno estudado. Do mesmo modo, a entrevista de pesquisa sob o domínio da investigação fenomenológica, é um instrumento metodológico que visa colher descrições tão completas quanto possível da experiência vivida dos entrevistados acerca de um determinado fenômeno.

As descrições são a porta de acesso para o mundo experiencial dos participantes que, por meio do movimento compreensivo, dá-se o encontro singular entre a pesquisadora e cada participante (Paula et al., 2014). Assim, não objetivei interrogar, mas, com paciência, pude escutar todos os participantes para que eles pudessem se sentir à vontade durante a entrevista. Senti, ao longo das entrevistas, a aproximação do fazer clínico no espaço de pesquisa. Afinal, estávamos no exercício do não-saber, diante da imensidão existencial do outro.

Diante disso, realizamos entrevistas audiogravadas com duração média de 70 minutos e, posteriormente, transcritas de forma literal. Para que o caminho fosse traçado, a seguinte questão norteadora foi disparada: “Como foi para você considerar a morte como possibilidade? O que sentiu? O que pensou?”.

4.5 Análise das Entrevistas

Ao longo da análise, tive a possibilidade de estabelecer um diálogo com as narrativas das entrevistas concedidas, o encontro ocorreu na medida da disposição de abertura, isso quer dizer, pôr entre parênteses o assunto e suas possibilidades, com a intenção de me aproximar das vivências dos participantes (Szymanski & Szymanski, 2022).

Assim, a análise dos dados ocorreu a partir da proposta elaborada por Giorgi e Sousa (2010), amparada por Pereira e Castro (2019), que sistematizaram um método constituído por um componente descritivo configurado por quatro passos, explicitado a seguir:

- a) *Estabelecer o sentido do todo*: O objetivo principal desta etapa foi obter o sentido da experiência em seu aspecto global. Para tal, pretendeu-se ler calmamente a transcrição

da entrevista em sua completude, onde a pesquisadora se coloca na atitude da redução fenomenológica. Não houve a intenção de centrar-se em partes fundamentais, nem de levantar hipóteses interpretativas, buscou-se a compreensão geral das descrições realizadas pelo participante a fim de tornar visível a interrelação entre as partes e o todo do relato.

- b) *Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado:* Mantendo-se em atitude de redução fenomenológica, a pesquisadora, nesta etapa, visou realizar a releitura das transcrições e reduzi-las em partes pequenas (unidades de significado). Esse processo se repetiu até a finalização da leitura das transcrições e possibilitou uma análise mais aprofundada das falas dos participantes.
- c) *Transformação da unidade de Significado em Expressões de Caráter Psicológico:* Nesta etapa, a pesquisadora foi capaz de expressar e trazer à luz significados psicológicos, que estão implícitos nas descrições originais dos participantes a partir da redução fenomenológica e da análise eidética. Nesse processo, a linguagem do senso comum foi transformada em expressões psicológicas. Objetivou-se, portanto, elucidar e explicitar o significado psicológico das experiências vividas dos participantes a fim de selecionar e articular o sentido psicológico da vivência dos participantes em relação ao objeto de estudo.
- d) *Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos:* O passo final do método envolveu uma síntese das unidades de significado psicológico (Giorgi & Sousa, 2010). Essa etapa correspondeu ao que Martins e Bicudo (2005) e Pereira e Castro (2019) caracterizam como a elaboração das Categorias Temáticas, e representam a síntese das unidades de significado.

Nessa perspectiva, as narrativas desta pesquisa foram compreendidas a partir do modo como se convergem e divergem entre si, dialogando com os estudos dedicados à temática da

pesquisa, estabelecendo associações ou paradoxos segundo investigações anteriores (Giorgi & Sousa, 2010). Assim, para realizar a análise fenomenológica, utilizamos as obras de Maurice Merleau-Ponty.

4.6 Aspectos Éticos

A pesquisa atendeu às exigências éticas e científicas presentes nas Resoluções 422/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) sobre pesquisas com seres humanos (CNS, 2012; 2016), todos os participantes foram informados sobre o objetivo e procedimentos do estudo

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos da Universidade Federal do Amazonas – UFAM – sob CAAE (57719522.1.0000.5020) e parecer consubstanciado n.º 5.394.847, cujo endereço eletrônico é: <https://plataformabrasil.saude.gov.br> (Anexo 9.1).

5 Resultados e Discussão

Os resultados e discussões foram divididos em três tipos de artigos. O Artigo 01 é uma revisão de literatura do tipo integrativa, cujo objetivo foi analisar estudos nacionais e internacionais acerca dos fatores associados ao comportamento suicida de pessoas de identidades transmasculinas. Este estudo foi submetido e já se encontra publicado na revista AMAzônica LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq⁹. O Artigo 02 visou a compreensão fenomenológica de corporeidade de homens trans e pessoas transmasculinas à luz da fenomenologia merleau-pontyana, através do uso do instrumento metodológico denominado autorretrato (*selfie*). O Artigo 03 buscou compreender o comportamento suicida de homem trans e pessoas transmasculinas à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty.

⁹ Link: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/12645>

Escrita poética – Charlie Bellow

No silêncio do meu quarto eu posso fazer o que eu quiser
No silêncio do meu quarto eu não preciso mais fingir que sou mulher
Eu fico aqui quieto pensando o que na cabeça vier
Penso em me matar como se isso fosse um pensamento qualquer...

Eu juro que eu não quero me matar
Só queria dar um jeito de por 12 horas minha vida congelar
Porque eu não aguento mais chorar.

Mas de onde vem tanta aflição?
São dores na alma, coisas do coração!
E pra isso, acho que não tem remédio não...
Preciso de terapia, é urgente uma intervenção!

Eu só queria que essa dor parasse
Que todo esse choro cessasse...
O que eu queria mesmo é que num passe de mágica tudo se transformasse:
Que do nada meus pais me aceitassem
Que meu corpo mudasse
Que eu não mais menstruasse
Que os discursos de ódio parassem
E que esses momentos ruins simplesmente não continuassem
Para que todo esse sofrimento, por fim, acabasse.

Bellow¹⁰ (2016)

¹⁰ Charlie Bellow, homem trans, acadêmico de Psicologia, militante T, patinador nas horas vagas e poeta nos momentos difíceis. Um cara que busca espaço, visibilidade e reconhecimento de quem é. Criativo, apaixonado por arte, animação, design, tecnologia, etc. Adora cozinhar e fazer as pessoas rirem. Postado há 20th August 2016 por Charlie Bellow. Fonte: <https://diariodeumtransindigente.blogspot.com/search/label/Sobre>

5.1 Artigo 1: O comportamento suicida em estudos com pessoas de identidades transmasculinas¹¹: uma revisão integrativa

Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) -eISSN 2558 –1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 2, jul-dez, 2023, pág. 1236-1265

Luziane Vitoriano da Costa

Ewerton Helder Bentes de Castro

Rosa Maria Rodrigues Marques

Kennedy Ferreira da Silva

Gabriel Vitor Melo Rocha

Resumo: Estima-se que mais de 700.000 pessoas morrem por suicídio todos os anos. Em 2019, 14.540 morreram por suicídio no Brasil. As taxas de comportamento suicida de pessoas transgênero são altas comparadas à população geral. Pessoas que vivenciam as transmasculinidades são sub-representadas em pesquisas. *Objetivo:* Analisar os fatores que estão associados ao comportamento suicida de pessoas de identidades transmasculinas¹² em estudos nacionais e internacionais. *Metodologia:* Trata-se de uma revisão integrativa de produções científicas que utilizou as bases de dados: PubMed, Plataforma CAPES Periódicos

¹¹Decidiu-se usar o termo “identidades transmasculinas” a fim de englobar as seguintes identidades: homens trans, trans homens, pessoas transmasculinas, FTM (*Female to Male* – feminino para o masculino – tradução livre da autora), AFAB (da expressão *Assigned Female At Birth* que em português pode ser traduzida como designada no gênero feminino ao nascer), transgêneros masculinos e pessoas não-binárias que se identificam-se como transmasculinas. Compreendendo-se que essas identidades são múltiplas, autorreferenciadas e não universais.

¹² Decidiu-se usar o termo “identidades transmasculinas” a fim de englobar as seguintes identidades: homens trans, trans homens, pessoas transmasculinas, FTM (*Female to Male* – feminino para o masculino – tradução livre da autora), AFAB (da expressão *Assigned Female At Birth* que em português pode ser traduzida como designada no gênero feminino ao nascer), transgêneros masculinos e pessoas não-binárias (NB) que se autoidentificam nas (trans)masculinidades. Compreendendo-se que essas identidades são múltiplas, autorreferenciadas e não universais.

e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). *Resultados*: 16 artigos foram incluídos no artigo, sendo 3 nacionais e 13 internacionais. *Conclusões*: É necessário aprofundar pesquisas sobre fatores de risco e proteção para pessoas que se autoidentificam nas identidades transmasculinas, por se tratar de um fenômeno complexo e multifatorial e pela escassez de estudos com essa população.

Palavras-chave: Comportamento Suicida; Pessoas Transmasculinas; Homens Trans; Tentativa de Suicídio; Suicídio

Abstract: It is estimated that over 700,000 people die by suicide every year. In 2019, 14,540 died by suicide in Brazil. Rates of suicidal behavior in transgender people are high compared to the general population. People experiencing transmasculinities are underrepresented in research. *Objective:* To analyze the factors that are associated with suicidal behavior of people of transmasculine identities in national and international studies. *Methodology:* This is an integrative review of scientific productions that used the following databases: PubMed, CAPES Periodicals Platform and Virtual Health Library. *Results:* 16 articles were included, 3 national and 13 international ones. *Conclusions:* Further research is needed on risk and protection factors for people who self-identify in transmasculine identities, because it is a complex and multi-factorial phenomenon and because of the scarcity of studies with this population.

Keywords: Suicidal Behavior; Transmasculine Persons; Trans Men; Suicidal Attempt; Suicide.

5.1.1 Introdução

Segundo o “Viva a vida: um guia de implementação para a Prevenção do Suicídio nos Países” (tradução nossa) da Organização Mundial de Saúde, de 2021, estima-se que mais de 700.000 pessoas morrem por suicídio todos os anos. O fenômeno afeta pessoas de todas as

origens socioeconômicas, ocorrendo, em sua maioria, em países menos favorecidos economicamente. Além disso, o suicídio é a quarta principal causa de morte em jovens de 15 a 29 anos e a terceira em meninas de 15 a 19 anos (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2021).

Em 2019, 14.540 morreram por suicídio no Brasil, o que equivale a 6.9/100.000 habitantes. Do total, 3.249 eram do gênero feminino e 11.291, masculino. Uma taxa de quase 4 vezes maior entre os dois gêneros (OMS, 2021). No banco de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde [DATASUS], de 2023, 1.097 suicídios foram registrados no Amazonas entre os anos de 2018 e 2021 (Brasil, 2023).

Outro dado estarrecedor, refere-se aos assassinatos de pessoas trans no Brasil. Segundo o relatório *Trans Murder Monitoring* (TMM, 2022), o país é o recordista em mortes dessa população pelo 14º ano consecutivo. Em 2022, 151 pessoas trans morreram, sendo 131. O Amazonas está na lista dos 10 estados que mais matam pessoas trans (Benevides, 2023).

Segundo o Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras do ano de 2022, organizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA, foram catalogados 20 casos de mortes por suicídio, sendo 1 pessoa não-binária, 6 casos entre homens trans/transmasculinos e 13 travestis/mulheres trans. Foram as travestis e mulheres trans que enfrentam maior número de suicídios, apesar de serem os homens trans/transmasculinas que mais apresentam ideações ou tentativas (Benevides, 2023).

Os estudos revelam que as pessoas transgênero são os grupos considerados vulneráveis com taxas de ideação suicida e tentativa de suicídio comparadas à população em geral são alarmantes (Chinazzo et al., 2021; Zwickl et al., 2021).

A discriminação, o silenciamento e marginalização de pessoas transgênero ocorrem também em pesquisas existentes sobre a saúde LGBTQIAPN+. Apesar das evidências claras que mostram que o suicídio é um grande problema de saúde pública para pessoas transgênero,

há uma sub-representação de pesquisas sobre pessoas que vivenciam as transmasculinidades – designados do gênero feminino no nascimento e que se identificam em uma identidade masculina, transgênero ou não binária (McDowell et al., 2019 e Suarez et al., 2021).

Diante do exposto, objetivou-se analisar os fatores associados ao comportamento suicida em pessoas de identidades transmasculinas em estudos nacionais e internacionais, visto que as vivências de pessoas transgênero são atravessadas pela violência, preconceito e discriminação.

5.1.2 Metodologia

O desenho metodológico da pesquisa apoiou-se no método de revisão de literatura do tipo integrativa (RI), que visa proporcionar uma síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos, na prática (Souza et al., 2010). A pergunta de pesquisa foi definida a partir da estratégia PICO, que prevê a definição do participante (P), intervenção (I), comparação (C) e desfecho (O) (Mendes, et al., 2019). Objetiva-se responder à questão norteadora: Quais fatores identificados em estudos nacionais e internacionais (O), que estão associados ao comportamento suicida (I) em pessoas que se identificam como transmasculinas (P)?

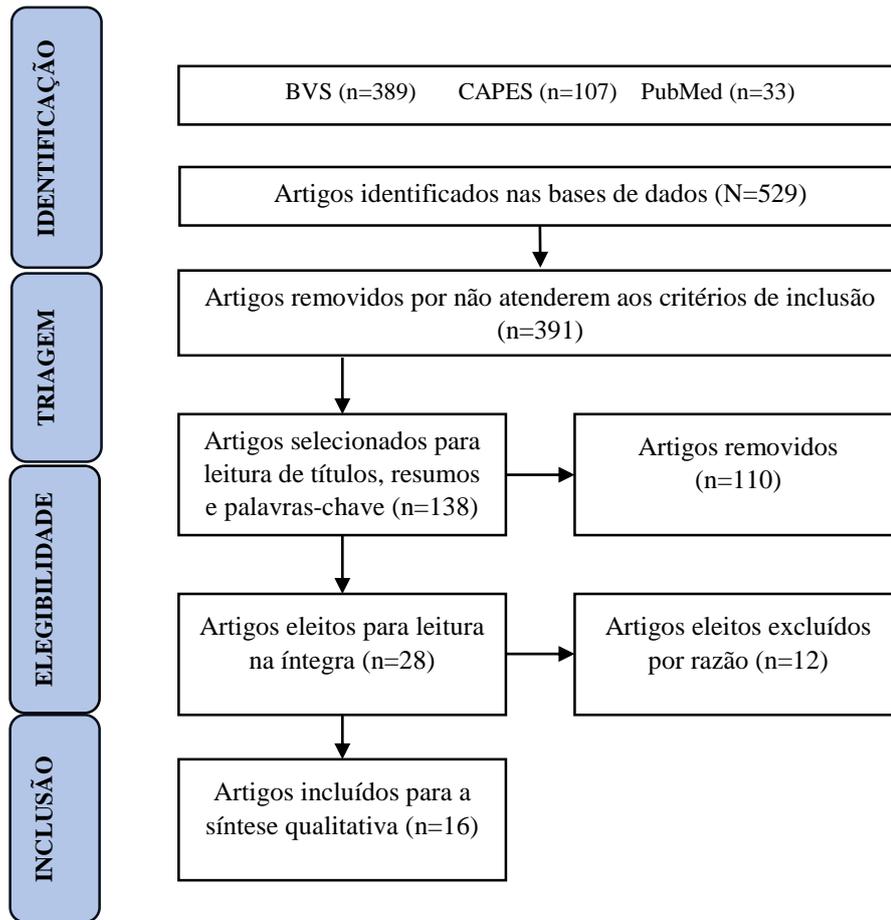
Posteriormente, foram usadas as seguintes palavras-chave: “Homens Trans”, “Transmasculino”, “Suicídio”, “Tentativa de Suicídio” e “Ideação Suicida”. Foi necessário usar os termos traduzidos para a língua inglesa, a fim de ampliar a busca: “Trans Men”, “Transmasculine”, “Suicide”, “Suicide Attempt”, “Suicidal Ideation”. Essas, foram combinadas entre si, utilizando-se o operador booleano AND e o símbolo asterisco (*) no final dos caracteres “suicid” nas bases de dados e/ou bibliotecas eletrônicas: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Capes Periódicos e Pubmed.

Os critérios de inclusão dos artigos para análise foram: publicados entre 2018 e 2022, nos idiomas português e inglês, grupo de homens trans ou pessoas transmasculinas e abordavam sobre a temática de comportamento suicida. Foram excluídos editoriais, artigos duplicados e publicações que não abordavam o tema. O período de coleta ocorreu entre os meses outubro a dezembro de 2022. Para a análise dos dados, foi construído um quadro analítico que possibilitou agrupar e sintetizar as principais informações dos estudos. O instrumento de coleta reuniu as seguintes informações: título do artigo, autor(es)/ano, país, revista, idioma, participantes, objetivos e delineamento/método.

5.1.3 Resultados

Identificou-se, um total de 529 estudos nas referidas bases de dados (Figura 1). Desses, foram excluídas 391 publicações, restando 138. Posteriormente, a leitura dos títulos e resumos foi realizada, levando em consideração os critérios de inclusão e exclusão. Como resultado desse processo, 110 artigos foram excluídos e outros 28 artigos se adequaram aos critérios de elegibilidade. Portanto, iniciou-se a leitura integral e em profundidade desses estudos, restando 28 artigos. Contudo, os artigos foram reavaliados e resultado da amostra final foi de 16 artigos. Os artigos incluídos nesta síntese (Tabela 1) foram desenvolvidos em oito países diferentes: Brasil (n= 3), Estados Unidos (n= 7), China (n= 2), Austrália (n=1), Holanda (n= 1), Espanha(n=1), Coreia do Sul (n=1) compreendendo os indivíduos pertencentes à identidade de gênero transmasculina.

Figura 1 - Fluxograma das buscas de seleção dos artigos da revisão de literatura.

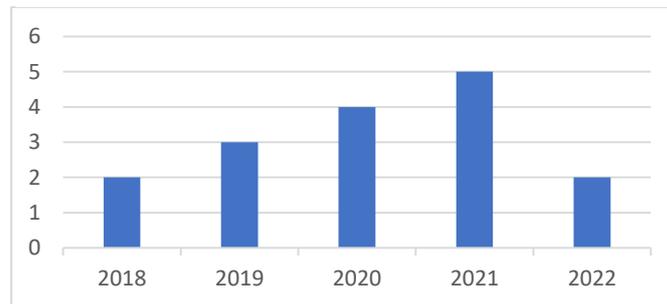


Fonte: Autores (2023).

No que se refere ao método, a maioria dos pesquisadores utilizou o método quantitativo (n=13) para analisar os fatores que contribuem para o comportamento suicida. É importante frisar que entre os 16 artigos analisados, apenas 3 deles usaram o método qualitativo, são eles: A Plausible Explanation of Increased Suicidal Behaviors Among Transgender Youth Based on the Interpersonal Theory of Suicide (IPTS): Case Series and Literature Review; Experiences of Suicide in Transgender Youth: A Qualitative, Community-Based Study; Suicídio e população trans: uma revisão de escopo. Todavia, um artigo foi uma revisão de escopo e apenas dois artigos trouxeram a abordagem qualitativa, sendo que um deles foi dividido em revisão e estudo de caso.

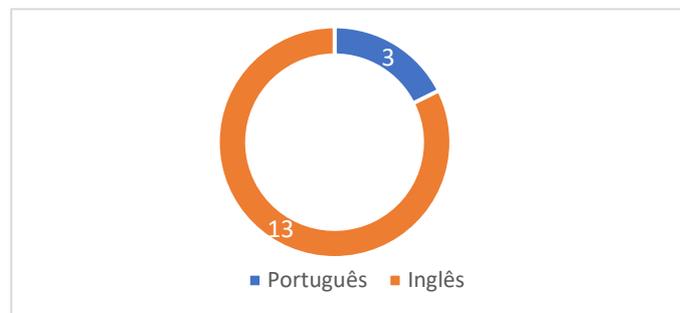
Segundo a totalidade destas publicações, o ano de 2021 atingiu o maior número de publicações sendo 5 artigos. O ano de 2022 obteve o menor contingente, dois artigos científicos. Destas publicações, 13 foram escritas na língua inglesa e 3 na língua portuguesa. Na figura 2, encontramos os dados relacionados à quantidade de artigos, na figura 3, a comparação de publicações por idioma.

Figura 2 - Quantidade de publicações por ano



Fonte: Autores (2023).

Figura 3 - Quantidade de publicações por idioma.



Fonte: Autores (2023).

Os estudos trazem outro dado relevante, apenas três artigos, oriundos dos Estados Unidos, tiveram como amostra pessoas que vivenciam a transmasculinidade, são eles: “Risk and protective factors for mental health morbidity in a community sample of female-to-male (FTM) transmasculine adults”; “A Plausible Explanation of Increased Suicidal Behaviors Among Transgender Youth Based on the Interpersonal Theory of Suicide (IPT): Case Series

and Literature Review”, e; “Preliminary findings for adverse childhood experiences and associations with negative physical and mental health and victimization in transmasculine adults” (McDowell et al., 2019; Phillip et al., 2022; Suarez et al., 2021).

Os artigos selecionados sobre os fatores que contribuem para o comportamento suicida de pessoas que se identificam nas identidades transmasculinas foram analisados e agrupados em quatro categorias temáticas: a prevalência de comportamento suicida em pessoas transgênero; Fatores de risco versus fatores protetivos; Crianças e jovens trans existem e estão entre a população de risco para o suicídio; O acesso à saúde: estigmatizações e desafios.

5.1.4 Discussão

Prevalência de comportamento suicida em pessoas transgênero

Pessoas transgênero apresentam um risco três ou quatro vezes maior para o suicídio em comparação à taxa da população em geral na Holanda. O estudo retrospectivo de prontuários realizado em Amsterdã com uma amostra significativa de 8.263 pessoas transgênero, explorou as taxas gerais de morte por suicídio, a incidência e o estágio de transição onde os suicídios foram observados em pessoas transgênero. Seus resultados demonstram que houve uma diminuição nas mortes por suicídio entre as mulheres trans durante o período investigado (1972–2017). Em contrapartida, não houveram mudanças nas taxas de suicídio de homens trans (Wiepjes et al., 2020).

No Brasil, dois estudos foram realizados com pessoas transgênero. O primeiro foi realizado em uma amostra de 378 pessoas e revelou que a taxa de prevalência da ideação suicida e de tentativas de suicídio foi de aproximadamente 67,72% e 43,12%, respectivamente (Chinazzo et al., 2021). O estudo de Corrêa et al. (2020) indica que 48,3% dos participantes de sua pesquisa possuíam ideação suicida, sendo que 23,8% tentaram suicídio. Os autores

pontuam que as taxas são altas ao serem comparadas à população geral brasileira (Chinazzo et al., 2021; Corrêa et al., 2021).

Um estudo transversal realizado na China contou com a participação de 1309 pessoas trans, 622 pessoas transmasculinas e 687 pessoas transfemininas. Nessa população, a prevalência de ideação suicida e tentativa de suicídio ao longo da vida foi de 56,4% e 16,1%, respectivamente. Os autores pontuam que essa taxa de prevalência estimada é muito maior do que em amostras da população geral chinesa (Chen et al., 2019).

Em outra pesquisa realizada na China, a amostra com 106 participantes relatou que a qualidade de vida é ruim ou precária. Em relação ao comportamento suicida, o estudo constatou 67% da população investigada já considerou o suicídio e 20.8% tentaram o suicídio. O resultado confirma o alto índice de comportamento suicida na população transgênero (Suen et al., 2018).

O cenário não é diferente na Coreia. Um estudo realizado com 282 participantes evidenciou que adultos transgêneros tiveram um risco maior de disparidade em saúde mental relacionado à população geral. A prevalência de sintomas depressivos em adultos transmasculinos foi 8.23 maior do que adultos cisgênero, em adultas transfemininas a prevalência foi de 7.23 maior que adultas cisgênero. Em relação à ideação suicida, os adultos transmasculinos apresentam a prevalência de 16.23 maior comparada aos adultos cisgênero. Em adultas transfemininas a prevalência é de 7.50 maior que adultas cisgênero (Lee et al., 2019).

Nos Estados Unidos, Wolford-Clevenger et al. (2021) analisaram a relação entre a dor emocional, a desesperança, a conectividade e a ideação suicida entre 38 indivíduos transgênero e de gênero diverso, utilizando a Teoria dos Três Passos do Suicídio (3ST) durante 30 dias.

A 3ST propõe que: 1) a ideação suicida resulta da combinação da dor emocional com a desesperança; 2) a ideação se fortalece ou se ativa quando a dor excede a conectividade;

e 3) a progressão da ideação para a tentativa é facilitada por meio de contribuintes disposicionais, aprendidos e práticos para a capacidade de tentar suicídio Essa estrutura considera o desenvolvimento da ideação suicida e a progressão da ideação para tentativas potencialmente letais como processos distintos com explicações e preditores distintos (Plutarco, 2019, p.44).

Conforme os resultados, 59,5% dos participantes relataram ter sentido algum nível de ideação suicida na semana anterior, 25% revelaram ter tido ideação suicida em dias completos e 71% dos entrevistados apresentaram ideação suicida pelo menos uma vez durante os trinta dias de pesquisa (Wolford-Clevenger et al., 2021).

O estudo qualitativo realizado em comunidades clínicas dos Estados Unidos, Irlanda e Canadá entrevistou 90 jovens transgênero. Do total da amostra, 28,9% informaram ter tentado o suicídio pelo menos uma vez, 67,8% tiveram vivências de ideação suicida; 58% dos entrevistados também relataram que tinham histórico de NSSI e 75% responderam que já tinham tentado suicídio (Hunt et al., 2020).

A pesquisa transversal realizada na Austrália com 928 adultos transgênero, avaliou dados demográficos, morbidade em saúde mental, histórico de autolesão intencional e tentativas de suicídio. Os autores também investigaram a experiência da discriminação, abuso, acesso aos procedimentos de hormonização, cirurgias de modificação corporal e genital e acesso aos grupos de apoio de pessoas transgênero. Do total da amostra, 85% relataram terem o diagnóstico de depressão ao longo da vida, 63% recorreram à autolesão e 43% tentaram suicídio (Zwickl et al., 2021).

Na Espanha, após realizarem a análise dos históricos médicos de indivíduos 190 transexuais, 110 homens transexuais e 80 mulheres transexuais. Nos resultados, constataram que 21% da amostra tentou suicídio, 50% tiveram ideações suicidas, 31% praticaram algum comportamento autolesivo sem intenção suicida (NSSI) e 35% tiveram ideações autolesivas

sem intenção suicida. Embora essas diferenças não tenham sido estatisticamente significativas, 39% dos homens transexuais relataram ideação NSSI e 36% relataram comportamento NSSI. As mulheres transexuais relataram 28% de ideação NSSI e 23% de comportamento NSSI. Metade das pessoas transexuais disseram ter tido ideação suicida, e 21% de ambos os grupos fizeram pelo menos uma tentativa de suicídio (Modrego Pardo et al., 2021).

Fatores de risco versus fatores protetivos

A pesquisa de Wiepjes et al. (2020) explorou as taxas de morte por suicídio, incidência e o estágio de transição onde os suicídios foram observados em pessoas transgênero. O estudo de prontuário médico indica que o risco de suicídio parece estar presente em todos os estágios da transição (fase do diagnóstico, hormonização e cirúrgica). Conforme as mortes por suicídio avaliadas, dois terços ocorreram nas pessoas que estavam em tratamento ativo. A incidência de mortes por suicídio entre mulheres e homens trans foi similar em todos os estágios da transição. Além disso, os pesquisadores ressaltam que, com base nas análises dos prontuários, as mulheres trans apresentaram um risco maior de morte por suicídio do que os homens trans.

Para Phillip et al. (2022), baseados na Teoria Interpessoal-Psicológica do Suicídio de Joiner (2005), as razões para o comportamento suicida entre os pacientes incluíram:

- 1) *thwarted belongingness*: pertencimento frustrado (incluem isolamento social, conflito familiar e falta de apoio social.);
- 2) *perceived burdensomeness*: a percepção de ser um peso para as outras pessoas, para a sociedade; e a
- 3) *acquired capability to self-harm*: capacidade adquirida para autoagressão por meio da exposição repetida a experiências fisicamente dolorosas e/ou indutoras de medo e geram habituação à dor ou ao medo, duas causas proximais para a ideação e desejo suicidas (Da Silva Prado & Pinto, 2022, p.09).

Os resultados apontam que a percepção de ser um peso parece ter uma maior correlação com o desenvolvimento de comportamento suicida comparado ao sentimento frustrado de não se sentir pertencente. Todavia, a interação desses dois fatores pode corroborar para o maior risco de suicídio nessa população (Phillip et al., 2022).

Em relação aos fatores protetivos, Hunt et al. (2020) destacam que o sentimento de pertencimento, cuidado e conexão a outras pessoas, amor incondicional foram fatores de proteção para os entrevistados. Em contrapartida, ser rejeitado, incompreendido ou se sentir isolado se apresentaram como fatores que podem levar ao comportamento suicida. O artigo cita sobre o sentimento de disforia, que pode causar sentimentos de ansiedade, desconforto e dissociação com o corpo. Além disso, a disforia pode causar o sentimento de que a pessoa foi traída pelo próprio corpo ou que, para se conectar com o corpo, é necessário sentir dor através da autolesão. A autolesão, portanto, é usado como ferramenta de autocontrole para manejo de pensamentos ou comportamentos suicidas.

Na revisão de escopo de Gomes et al. (2022), ao correlacionarem o pensamento suicida aos fatores socioeconômicos, identificaram que as pessoas mais jovens, os negros e indígenas, as pessoas resignadas do gênero feminino, pessoas com maiores níveis de escolaridade e pessoas que não têm vínculo religioso foram as que possuem maiores índices de pensamento suicida. Corroborando com o estudo de Hunt et al. (2020), a falta de aprovação familiar ou o desconhecimento da família acerca das questões referentes à sexualidade desses indivíduos está relacionada ao aumento de ideação suicida e comportamento autolesivo (Gomes et al., 2022).

Chinazzo et al. (2021) objetivaram relacionar o preconceito e saúde mental na população transgênero a partir do uso da Teoria de Estresse de Minoria, um modelo teórico que visa compreender o impacto do estigma em pessoas de gêneros dissidentes, a partir de três dimensões de preconceitos: percebido, antecipado e internalizado.

Em seus resultados, os autores destacam os fatores de proteção estão associados ao apoio social e ao apoio da identidade de gênero dos participantes. No entanto, as vivências de violências, de agressões e menor passabilidade são percebidos como fatores de risco. É importante salientar que, para essa pesquisa, a menor passabilidade está associada com as dimensões do estresse de minoria e que, “pode representar, para muitas pessoas trans, a ideia de proteção à transfobia e uma suposta congruência com seu gênero” (Chinazzo et al., 2021, p. 5.053).

Corrêa et al. (2021) verificaram que os fatores socioeconômicos, de relação familiar e acesso ao processo de modificação corporal estão correlacionados ao pensamento suicida, a exemplo de jovens, negros, indígenas, pessoas designadas femininas no nascimento, solteiros, escolaridades mais elevadas e sem vínculo religioso. A desaprovação ou desconhecimento da orientação sexual das pessoas transgênero bem como a não possibilidade de recursos para o processo transexualizador, estão entre as correlações mais altas com o pensamento suicida (90% e 80,5%, respectivamente).

Chen et al. (2019) destacam que o risco maior de tentativa de suicídio foi correlacionado com vários fatores, incluindo um nível de escolaridade de ensino médio ou equivalente, ser casado, separado ou divorciado, ter conflitos intensos com os pais ou autolesão e procurar serviços de saúde mental. Foi observado que os modelos de ideação suicida e tentativa de suicídio diferiam entre os grupos, embora a maioria dos fatores de risco para mulheres transgênero e homens transgênero fosse semelhante. O suicídio e a autolesão foram problemas graves para os entrevistados. Nas mulheres transgênero, a autolesão era comum e a tentativa de suicídio eram significativamente maiores em comparação aos homens transgênero. Todavia, a incidência alta de ideação suicida estava presente tanto entre mulheres transgênero quanto homens transgênero.

Outro fator significativamente relacionado à ideação e tentativa de suicídio, diz respeito ao conflito intenso com os pais, foi relatado por 90,4% das mulheres transgênero e 84,5% dos homens transgênero no presente estudo. Na China, os transgêneros enfrentam uma forte pressão para se integrar à sociedade, que prioriza a criação de filhos e a preservação da linhagem familiar. A harmonia social e familiar é valorizada na cultura chinesa coletivista, portanto, os pais de transgêneros podem ter medo de que seus filhos causem vergonha à família (Chen et al., 2018).

Na pesquisa de Suen et al. (2018), os resultados ilustram que pessoas mais jovens e com renda mais baixa apresentaram maior índice de suicídio. Mais da metade da amostra tinha diploma universitário ou qualificação superior. Além disso, é possível que os transgêneros com maior nível de escolaridade tenham maior probabilidade de ter conexões com grupos sociais. No entanto, apesar do alto nível educacional, 43,4% da amostra ganhava menos que a população geral, indicando que os transgêneros foram discriminados no local de trabalho.

O objetivo do estudo de Lee et al. (2020) foi descobrir as disparidades de saúde entre adultos transgêneros na Coreia do Sul, onde enfrentam situações de discriminação e violência em suas vidas diárias devido ao forte estigma antitrans do país. A partir de uma pesquisa transversal de âmbito nacional com 255 adultos transgêneros coreanos, foi avaliado a prevalência de nove indicadores de saúde. Aproximadamente 60,4% da amostra eram transfemininas, enquanto 39,6% eram transmasculinos.

Alguns fatores associados ao preconceito como fator de risco no estudo de Suen et al. (2018), estão relacionados à passabilidade e questões religiosas. Os participantes não foram contratados ou foram demitidos quando os recrutadores percebiam a aparência “inconsistente” das pessoas transgênero. Uma das entrevistadas foi acusada sem nenhuma evidência de “potencial agressora sexual” e outra mulher transgênero foi demitida da escola católica. Portanto, a baixa remuneração pode estar associada à discriminação que enfrentam no local de

trabalho. Além disso, as pessoas transgênero não são amparadas por uma legislação contra a LGBTfobia na cidade de Hong Kong, China, tornando o cenário mais vulnerável para essa população.

Em relação aos fatores de risco e de proteção de pessoas transmasculinas, o estudo americano de McDowell et al. (2019) observou que o desemprego, a renda salarial baixa, educação limitada, discriminação cotidiana e violência foram destaques como fatores de risco para a saúde mental. Os fatores de proteção, estar em um relacionamento, ter idade mais avançada e característica de resiliência foram destacados como fatores de proteção. Os resultados destacam a necessidade de intervenções que abordem os fatores individuais, interpessoais e sociais, fatores individuais, interpessoais e sociais que podem causar problemas de saúde mental nesse grupo tradicionalmente pouco pesquisado.

Crianças e jovens trans existem e estão entre a população de risco de suicídio

Crianças, adolescentes e jovens transgênero experimentam a autolesão sem intenção suicida (NSSI), ideação suicida, tentativa e suicídio com mais frequência e intensidade em comparação a população não-LGBTQIAPN+ (Hunt et al., 2020); Modrego Pardo et al.; 2021; Phillip et al., 2022; Thoma et al., 2019).

Thoma et al. (2019) examinaram as disparidades no comportamento suicida entre adolescentes transgênero e adolescentes cisgênero. Eles relatam que os adolescentes transgênero apresentaram taxas mais altas de ideação e tentativa de suicídio quando comparados com os jovens cisgênero. Outro dado indica que os adolescentes não binários - designados do gênero feminino ao nascer - apresentaram maior risco de ideação e tentativa do que os jovens cisgênero masculinos. Os achados apontam que os homens transgêneros e adolescentes NB/AFAB têm maior risco de ideação e tentativa de suicídio.

Thoma et al. (2019) examinaram diferenças no comportamento suicida entre adolescentes transgêneros e cisgêneros. Eles relataram taxas mais altas de ideação e tentativas de suicídio entre adolescentes transgênero em comparação com adolescentes cisgênero. Outro dado sugere que adolescentes não-binários (atribuídos ao gênero feminino no nascimento) têm ideias e tentativas mais arriscadas do que homens cisgêneros mais jovens. Os resultados sugerem que homens transgêneros e jovens não-binários (NB) - atribuídos ao gênero feminino no nascimento (AFAB) - correm maior risco de ideação e tentativas suicidas.

Corroborando com Thoma et al. (2019), o estudo espanhol de Modrego et al. (2021) identificou que a ideação de NSSI era mais comum entre os adolescentes do que entre os adultos. Além disso, o comportamento de NSSI também apresentou maior prevalência entre os adolescentes. Todavia, essa maior prevalência não foi estatisticamente significativa em comparação com os adultos.

Toomey et al. (2018) conduziram um estudo nos Estados Unidos com 120.617 adolescentes para examinar a prevalência do comportamento suicida em seis grupos de identidades de gênero diverso. Os resultados demonstram que os adolescentes transgêneros FTM (*Female to Male*) e não binários (NB) apresentaram maior frequência de comportamento suicida. Outro destaque na pesquisa está relacionado ao nível de escolaridade dos pais de pessoas transgênero e morar em áreas urbanas. Os dois aspectos, segundo os autores, costumam ser fator protetivo para os adolescentes, porém ele foi associado aos adolescentes cisgênero apenas.

O estudo estadunidense de Suarez et al. (2021) visou avaliar de forma ampla a prevalência de experiências adversas na infância (ACE¹³) e a associação com resultados de saúde entre uma amostra clínica de 131 adultos transmasculinos. As ACE é dividido em 2 categorias: Abuso e Família Disfuncional e foram avaliados por meio de 11 itens do

¹³ Escala ACE - Adverse Childhood Experiences, traduzido como Experiências Adversas na Infância.

Questionário do Estudo da Escala ACE do professor Vincent Felitti: a) Abuso - 1) Abuso físico; 2) Abuso Psicológico; 3) Abuso Sexual; 4) Negligência, b) Família disfuncional - 5) Testemunhar violência doméstica (física); 6) Testemunhar violência doméstica (psicológica); 7) Doença Mental; 8) Divórcio; 9) Morte; 10) Comportamento criminal; 11) Uso de drogas.

Os resultados apontaram que as ACE foram quase universalmente vivenciadas pelos adultos transmasculinos e fortemente associados a comportamentos de risco à saúde, principalmente à saúde mental e vitimização na vida adulta. Em relação à depressão e ao comportamento suicida, os participantes expostos a quatro ou mais EAI tiveram cinco vezes mais chances de relatar depressão e suicídio do que aqueles expostos a menores experiências adversas (Suarez et al.,2021). Zwickl et al. (2021) reforçam os estudos dos autores, afirmando que o comportamento suicida está ligado a barreiras à afirmação de gênero, à vitimização baseada no gênero e ao cissexismo institucionalizado.

O acesso à saúde: estigmatizações e desafios

De acordo com Hunt et al. (2020), os jovens transgênero relataram ter dificuldade em encontrar profissionais de saúde. Os participantes temiam serem rejeitados ou maltratados. Como resultado, eles evitam o tratamento médico porque temem ter suas identidades questionadas. Além disso, os jovens pontuam que precisam educar os médicos sobre suas identidades trans. O medo também é relatado no que se refere à hospitalização, eles temem ser hospitalizados com base no gênero designado no nascimento, não no gênero que eles se autoidentificam. Hunt et al. (2020) sugerem que os profissionais de saúde devem receber treinamento sobre as identidades trans e suas necessidades para poderem fornecer o tratamento adequado.

A população transgênero na China tem uma situação semelhante: um percentual baixo de pessoas transgênero procura tratamento de saúde mental. Provavelmente, os profissionais

de saúde mental não foram capacitados adequadamente sobre saúde LGBTQIAPN+. Como consequência, as pessoas transgênero podem encontrar profissionais de saúde mental que não compreenderão suas emoções (Chen et al., 2018). Wiepjes et al. (2020) sugerem que é importante que os profissionais de saúde mental estejam atentos e criem um ambiente seguro no qual esses sentimentos possam ser partilhados e discutidos em todos os estágios do tratamento e aconselhamento.

Como observado por Corrêa et al. (2019), a maioria dos pacientes relatou sofrimento relacionado ao corpo; 67% disseram que a vida não valia a pena e 94,4% disseram que querem apoio especializado para superar seus problemas ou desafios. Portanto, existem oportunidades de intervenção e criação de planos para melhorar a qualidade de vida desses indivíduos e reduzir as taxas de comportamento suicida.

Em relação à Coreia e China, há evidências recentes de que as pessoas LGBTQIAPN+ são discriminadas diariamente em todos os ambientes: escolar, trabalho e de saúde. Para pessoas trans, o acesso aos profissionais do sistema de saúde durante a transição pode ser visto como um fator protetivo, ou pior, um fator de risco (Suen et al., 2018; Lee et al., 2020).

Tabela 1 - Distribuição dos artigos selecionados de acordo com Título do Artigo, Autor(es)/Ano, País, Revista, Idioma, Participantes, Objetivos e Delineamento/Método

Id	Título do artigo	Autor(es)/ ano	País	Revista	Idioma	Participantes	Objetivos	Delineamento/método
1	Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans.	Chinazzo et al. (2021).	Brasil	Ciência & Saúde Coletiva	Português	378 pessoas, 232 mulheres trans, 114 homens trans e 32 com outra identidade de gênero	Avaliou a prevalência de sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans brasileiras, e sua relação com estresse de minoria.	Quantitativo/ Pesquisa transversal
2	Proximal correlates of suicidal ideation among transgender and gender diverse people: A preliminary test of the three-step theory.	Wolford-Clevenger et al. (2021)	USA	Suicide Life Threat Behav	Inglês	38 pessoas transgênero e gênero diverso (sendo 14 pessoas no espectro da transfeminilidade e 18 no espectro da transmasculinidade)	Objetivou investigar as duas primeiras etapas da Teoria dos Três Passos do Suicídio.	Quantitativo/ Daily diary methods
3	A Plausible Explanation of Increased Suicidal Behaviors Among	Phillip et al. (2022)	USA	Journal of Psychiatric Practice	Inglês	5 adolescentes transmasculinos - Female to Male –	Objetivou examinar a base patológica da resistência ao	Qualitativo / Revisão de

	Transgender Youth Based on the Interpersonal Theory of Suicide (IPTS): Case Series and Literature Review.					FTM (Feminino para o Masculino)	tratamento do comportamento suicida em jovens transmasculinos.	literatura e Estudo de caso)
4	Factors associated with suicide attempts among Australian transgender adults.	Zwickl et al. (2021).	Austrália	BMC Psychiatry	Inglês	928 adultos transgênero (sendo 239 homens trans/Transmasculinos e 202 mulheres trans ou transfemininas)	Objetivou compreender os fatores de risco e protetivo nas histórias de vida de pessoas transgênero no que concerne a tentativa de suicídio.	Quantitativo/ Pesquisa transversal on-line
5	Trends in suicide death risk in transgender people: results from the Amsterdam Cohort of Gender Dysphoria study (1972-2017).	Wiepjes et al. (2020)	Holanda	Acta Psychiatrica Scandinavica	Inglês	8.263 pessoas transgênero (5.107 mulheres trans e 3.156 homens trans)	Explorou as taxas gerais de morte por suicídio, a incidência e o estágio de transição onde os suicídios foram observados em pessoas transgênero.	Quantitativo/Estudo retrospectivo de prontuários

Id	Título do artigo	Autor(es)/ ano	País	Revista	Idioma	Participantes	Objetivos	Delineamento/método
6	Experiences of Suicide in Transgender Youth: A Qualitative, Community-Based Study.	Hunt et al. (2020).	EUA	Archives of Suicide Research	Inglês	90 jovens transgênero – 25 transmasculinos, 32 transfemininas e 28 genderqueer/NB)	Compreender sobre a experiência de suicídio em jovens transgêneros	Qualitativo/Grounded Theory
7	Suicidality Disparities Between Transgender and Cisgender Adolescents.	Thoma et al. (2019).	EUA	Pediatrics	Inglês	2020 adolescentes (sendo 616 pessoas transmasculinas e 375 pessoas NB AFAB)	Examinou as disparidades em suicidabilidade entre adolescentes transgênero e adolescentes cisgênero.	Quantitativo/ Pesquisa transversal
8	Suicidal ideation and attempted suicide amongst Chinese transgender persons: National population study.	Chen et al. (2019)	China	Journal of Affective Disorders	Inglês	1.309 participantes = 622 homens transgênero e 687 mulheres transgênero)	Objetivou compreender a ideação suicida e a tentativa de suicídio entre pessoas transgênero.	Quantitativo/Pesquisa transversal
9	Transgender Adolescent Suicide Behavior.	Toomey et al. (2018)	EUA	Pediatrics	Inglês	120.617 adolescentes (sendo 202 transfemininas; 175 transmasculinos;	Analisou as taxas prevalentes do comportamento suicida de grupos de seis identidades de gênero.	Quantitativo/ Análise de dados secundários

						344 pessoas não-binárias)		
10	Mental Health of Transgender People in Hong Kong: A Community-Driven, Large-Scale Quantitative Study Documenting Demographics and Correlates of Quality of Life and Suicidality.	Suen et al. (2018).	China	Journal of Homosexuality	Inglês	106 pessoas transgênero (67 pessoas transfemininas, 24 pessoas transmasculinas e 15 pessoas não-binárias/NB)	Estudou os perfis demográficos de pessoas transgênero em Hong Kong e correlacionar com qualidade de vida e suicidabilidade.	Quantitativo/Análises de regressão múltipla e regressão logística
11	Health Disparities Among Transgender Adults in South Korea.	Lee et al. (2020).	Coreia	Asia Pacific Journal of Public Health	Inglês	255 adultos transgênero (154 transfemininas e 101 transmasculinos)	Identificou disparidades na saúde entre adultos transgêneros na Coreia do Sul, onde eles amplamente sofrem com estigma social.	Quantitativo/Estudo transversal

Id	Título do Artigo	Autor(es)/ ano	País	Revista	Idioma	Participantes	Objetivos	Delineamento/Método
12	Preliminary findings for adverse childhood experiences and associations with negative physical and mental health and victimization in transmasculine adults.	Suarez et al. (2021).	EUA	Child Abuse & Neglect	Inglês	131 pessoas transmasculinas	Avaliou a prevalência de experiências adversas na infância e a associação com a saúde entre indivíduos transmasculinos.	Quantitativo/ Regressão logística
13	Self-injurious and suicidal behaviour in a transsexual adolescent and young adult population, treated at a specialised gender identity unit in Spain.	Modrego Pardo et al. (2021).	Espanha	Endocrinología, Diabetes y Nutrición (English ed.)	Inglês	110 homens transexuais e 80 mulheres transexuais	Investigou a prevalência de comportamento NSSI e suicida em adolescentes e jovens adultos transexuais.	Quantitativo/ Estudo de coorte retrospectivo
14	Suicídio e população trans: uma revisão de escopo	Gomes et al. (2022).	Brasil	Cienc. Psicol. [online]	Português	22 artigos	Analisou os fatores protetivos e de riscos imbricados no tocante ao fenômeno do suicídio.	Qualitativo/Revisão de escopo

15	Pensamento suicida entre a população transgênero: um estudo epidemiológico.	Corrêa et al. (2020)	Brasil	Jornal Brasileiro De Psiquiatria	Português	194 prontuários (109 Homens transgênero; 71 Mulheres transgênero; 8 Travestis; 6 Outras Identidades de gênero	Analisou a prevalência de pensamentos suicidas em pacientes de um ambulatório de transgêneros no Distrito Federal, bem como as variáveis associadas a esses eventos.	Quantitativo/Estudo epidemiológico de corte transversal
16	Risk and protective factors for mental health morbidity in a community sample of female-to-male (FTM) trans-masculine adults.	McDowell et al. (2019)	EUA	American Journal of Preventive Medicine	Inglês	150 pessoas transmasculinas	Descreveu características sociodemográficas, a discriminação e a violência, bem como a resiliência e o apoio social vivenciados pelos adultos TM; identificar os fatores de risco e de proteção de saúde mental.	Quantitativo/ Modelo de Regressões logísticas bivariada e multivariada

Fonte: Autores (2023).

5.1.5 Conclusões

Pessoas transgênero são um grupo vulnerável, principalmente no Brasil, já que o país tem o infeliz recorde do país que mais mata pessoas trans. As mortes, em sua maioria, são motivadas por crime de ódio e se caracterizam pela crueldade. Em relação ao suicídio, os fatores de risco observados ao longo do artigo, nos convidam à reflexão e, imprescindivelmente, à ação, pois estão ligados à intolerância, ao preconceito e à discriminação. Todos os países, mesmo a Holanda, com tolerância em relação às pessoas de gêneros dissidentes, sustenta essa análise.

Ao examinar os caminhos descritos nesta revisão, é importante observar que pesquisas adicionais devem abordar fatores de risco e proteção para pessoas que se autoidentificam nas identidades transmasculinas. Além disso, estudos futuros devem examinar mais detalhadamente o comportamento autolesivo sem intenção suicida (NSSI), uma vez que foi observado muitos participantes que se autolesionam, principalmente adolescentes e adultos jovens transgênero e não-binários.

Ao analisar os artigos, percebeu-se que as amostras de pessoas trans negras, pardas e indígenas não foram significativas. Isso demonstra a necessidade de ampliação da participação dessas populações. Essas descobertas salientam também a urgência do desenvolvimento de legislações e programas adequados voltados para essa população, apesar de entendermos que há lei a Lei Federal n.º 13.819, de 26 de abril de 2019, que instituiu a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio e o Decreto n.º 7.508, de 28 de junho de 2011 que instituiu a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, ambas propostas não garantem o acesso equânime de pessoas em sofrimento psíquico. Ferreira e Nascimento (2022) corroboram argumentando que “a criação da política não garante a sua implementação e execução, já que frequentemente um emaranhado de forças de poder entra em cena na sua dinâmica social e política” (p. 3.830).

Dado o potencial de ampliação das pesquisas sobre o tema investigado, constatou-se que as pesquisas nacionais e internacionais voltadas para o fenômeno do comportamento suicida entre pessoas autodenominadas transmasculinas são escassas. Ademais, os autores sugerem que é necessário aprofundar a compreensão da temática, por se tratar de um fenômeno complexo e multifatorial e pela insuficiência de pesquisas sobre a população transmasculina. Assim, o método qualitativo seria uma abordagem metodológica sugerida nos estudos. Vale ressaltar que as pesquisas na área da psicologia são limitadas e que há zero pesquisa à luz da fenomenologia.

Por fim, percebe-se a dificuldade dos profissionais de saúde com a lida dessa população, o que se faz necessário mais formação desse profissional. Além disso, observa-se, ao longo desta revisão, que vivemos em uma sociedade cisheterocentrada que não reconhece as existências de pessoas que vão para além do binômio homem-mulher, provocando o silenciamento e aniquilamento dessa população. Portanto, é premente o fomento de políticas públicas voltadas para a promoção de saúde integral de pessoas transgênero.

5.1.6 Referências

- Bränström, R. et al. (2022). Transgender-based disparities in suicidality: A population-based study of key predictions from four theoretical models. *Suicide Life Threat Behav*; 52(3), 401-412. <https://doi.org/10.1111/sltb.12830>
- Brasil, Ministério da Saúde. *Banco de dados do Sistema Único de Saúde-DATASUS*. Recuperado em 17 ago 2023, de: <http://www.datasus.gov.br>
- Chen, R., Zhu, X., Wright, L., Drescher, J., Gao, Y., Wu, L... & Broome, M. R. (2019). Suicidal ideation and attempted suicide amongst Chinese transgender persons: National population study. *Journal of Affective Disorders*, 15(245), 1126–1134. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2018.12.011>

- Chinazzo, Í. R., Lobato, M. I. R., Nardi, H. C., Koller, S. H., Saadeh, A., & Costa, A. B. (2021). Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans. *Ciencia & Saude Coletiva*, 26(suppl 3), 5045–5056. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.28532019>
- Organização Mundial de Saúde (2023). *CID-11 - Classificação Estatística Internacional de Doenças*. Genebra: OMS.
- Corrêa, F. H. M., Rodrigues, B. B., Mendonça, J. C., & Cruz, L. R. da. (2020). Pensamento suicida entre a população transgênero: um estudo epidemiológico. *Jornal brasileiro de psiquiatria*, 69(1), 13–22. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000256>
- Benevides, B. G. (2023). *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022*. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA.
- Brasil. Ministério da Saúde (n.d.). *Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Catálogo de produtos*. Recuperado em 17 ago 2023, de: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?sim/cnv/obt10am.def>
- Brasil. (2009). *Política Nacional de Gestão Estratégica e Participativa no SUS – ParticipaSUS*. Brasília, Ministério da Saúde.
- Del Río-González, A. M., Zea, M. C., Flórez-Donado, J., Torres-Salazar, P., Abello-Luque, D., García-Montaña, E. A., García-Roncallo, P. A., & Meyer, I. H. (2021). Sexual orientation and gender identity change efforts and suicide morbidity among sexual and gender minority adults in Colombia. *LGBT Health*, 8(7), 463–472. <https://doi.org/10.1089/lgbt.2020.0490>
- Dhingra, K., Klonsky, E. D., & Tapola, V. (2018). *An Empirical Test of the Three-Step Theory of Suicide in U.K. University Students. Suicide and Life-Threatening*

Behavior. Suicide Life Threat Behav. 49(2),478-487.

<https://doi.org/10.1111/sltb.12437>

Da Silva Prado, A., & Pinto, L. R. (2022). Prevenção do suicídio na escola na perspectiva da Teoria Interpessoal-Psicológica do Suicídio:Uma revisão de literatura. *Educação em Foco*, 25(47), 1-20. <https://doi.org/10.36704/eef.v25i47.5770>

Ferreira, B. de O., Nascimento, M. (2022). Construction of LGBT health policies in Brazil: a historical perspective and contemporary challenges. *Ciencia & saude coletiva*, 27(10), 3825–3834. <https://doi.org/10.1590/1413-812320222710.06422022>

Gomes, H. V., De Jesus, L. A., Da Silva, C. P. G., Freire, S. E. de A., & De Araújo, L. F. (2022). Suicídio e população trans: uma revisão de escopo. *Ciencias psicológicas*, 16(1), e-2501. <https://doi.org/10.22235/cp.v16i1.2501>

Hunt, Q. A., Morrow, Q. J., & McGuire, J. K. (2020). Experiences of suicide in transgender youth: A qualitative, community-based study. *Archives of Suicide Research: Official Journal of the International Academy for Suicide Research*, 24(sup2), S340–S355. <https://doi.org/10.1080/13811118.2019.1610677>

Klonsky, E. D., Pachkowski, M. C., Shahnaz A., & May, A. M. (2021). The three-step theory of suicide: Description, evidence, and some useful points of clarification. *Preventive Medicine*, 152(1), 106549. <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2021.106549>

Kuper, L. E., Adams, N., & Mustanski, B. S. (2018). Exploring cross-sectional predictors of suicide ideation, attempt, and risk in a large online sample of transgender and gender nonconforming youth and young adults. *LGBT Health*, 5(7), 391–400.

<https://doi.org/10.1089/lgbt.2017.0259>

Lee, H., Operario, D., van den Berg, J. J., Yi, H., Choo, S., & Kim, S.-S. (2020). Health disparities among transgender adults in South Korea. *Asia-Pacific Journal of Public Health*, 32(2–3), 103–110. <https://doi.org/10.1177/1010539520912594>

Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019. (2019). Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. Recuperado em 10 abr 2023, de:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/113819.htm.

McDowell, M. J., Hughto, J. M. W., & Reisner, S. L. (2019). Risk and protective factors for mental health morbidity in a community sample of female-to-male trans-masculine adults. *BMC Psychiatry*, *19*(1), 16. <https://doi.org/10.1186/s12888-018-2008-0>

Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. de C. P., & Galvão, C. M. (2019). Uso de gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrative. *Texto & contexto enfermagem*, *28*, e20170204. Recuperado em 18 ago 2023, de <https://www.scielo.br/j/tce/a/HZD4WwnbqL8t7YZpdWSjypj/?format=html&lang=pt>

Ministério da Saúde (2013) *Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa: Brasília.

Modrego Pardo, I., Gómez Balaguer, M., Hurtado Murillo, F., Cuñat Navarro, E., Solá Izquierdo, E., & Morillas Ariño, C. (2021). Self-injurious and suicidal behaviour in a transsexual adolescent and young adult population, treated at a specialised gender identity unit in Spain. *Endocrinología Diabetes y Nutrición (English Ed)*, *68*(5), 338–345. <https://doi.org/10.1016/j.endien.2020.04.009>

Organização Mundial de Saúde (2021). *Suicide worldwide in 2019: Global Health Estimates*. World Health Organization. Recuperado em 17 ago 2023, de: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643>

- Organização Mundial de Saúde (2019). *A major win for transgender rights: UN health agency drops 'gender identity disorder', as official diagnosis*. Recuperado em 17 ago 2023, de: <https://news.un.org/en/story/2019/05/1039531>
- Organização Mundial de Saúde (2021). *LIVE LIFE: An implementation guide for suicide prevention in countries*. Recuperado em 17 ago 2023, de: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026629>
- Phillip, A., Pellechi, A.; DeSilva, R.; Semler, K.; Makani, R. (2022). A Plausible Explanation of Increased Suicidal Behaviors Among Transgender Youth Based on the Interpersonal Theory of Suicide (IPTS): Case Series and Literature Review. *Journal of Psychiatric Practice* 28(1), 3-13. <https://doi.org/10.1097/prs.0000000000000604>
- Plutarco, L.W. (2019). *Da ideação para a ação: testando a Teoria dos Três Passos do Suicídio em context brasileiro*. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Silva, R. R. da, Silva, L. A. da, Souza, M. V. L. de, Silva, M. V. G. da, Neves, M. P. das, Vargas, D..., & Mattos, C. M. (2021). Estresse de minoria de gênero e seus efeitos na saúde mental como fator de risco para depressão em pessoas transgênero: Revisão da literatura. *Research, Society and Development*, 10(3), e51610313693. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13693>
- Souza, M., Silva, M. & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8(1), 102-106. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>
- Su, D., Irwin, J. A., Fisher, C., Ramos, A., Kelley, M., Mendoza, D. A. R., & Coleman, J. D. (2016). Mental health disparities within the LGBT population: A comparison between transgender and nontransgender individuals. *Transgender health*, 1(1), 12–20. <https://doi.org/10.1089/trgh.2015.0001>

- Suarez, N. A., Peitzmeier, S. M., Potter, J., Samandur, A., & Reisner, S. L. (2021). Preliminary findings for adverse childhood experiences and associations with negative physical and mental health and victimization in transmasculine adults. *Child Abuse & Neglect*, 118(105161), 105161. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2021.105161>
- Suen, Y. T., Chan, R. C. H., & Wong, E. M. Y. (2018). Mental health of transgender people in Hong Kong: A community-driven, large-scale quantitative study documenting demographics and correlates of quality of life and suicidality. *Journal of Homosexuality*, 65(8), 1093–1113. <https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1368772>
- Thoma, B.C., Salk, R.H., Choukas-Bradley, S., Goldstein, T.R., Levine, M.D., Marshal, M.P. (2019). Suicidality Disparities Between Transgender and Cisgender Adolescents. *Pediatrics*. 144(5),e20191183. <https://doi.org/10.1542/peds.2019-1183>
- TMM Update TDoR 2022. (2022) 327 trans and gender-diverse people reported murdered in the past year. Recuperado em 18 aho 2023, de: <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2022/>
- Toomey, R. B., Syvertsen, A. K., & Shramko, M. (2018). Transgender adolescent suicide behavior. *Pediatrics*, 142(4), e20174218. <https://doi.org/10.1542/peds.2017-4218>
- Wiepjes, C. M., den Heijer, M., Bremmer, M. A., Nota, N. M., de Blok, C. J. M., Coumou, B.J.G., Steensma, T.D. (2020). Trends in suicide death risk in transgender people: results from the Amsterdam Cohort of Gender Dysphoria study (1972-2017). *Acta Psychiatr Scand*. 141(6),486-491. <https://doi.org/10.1111/acps.13164>
- Wolford-Clevenger, C., Flores, L. Y., Stuart, G. L. (2021). Proximal correlates of suicidal ideation among transgender and gender diverse people: A preliminary test of the three-step theory. *Suicide Life Threat Behav*, 51(6):1077-1085. <https://doi.org/10.1111/sltb.12790>

Virupaksha, H. G., Muralidhar, D., Ramakrishna, J. (2016). Suicide and suicidal behavior among transgender persons. *Indian Journal of Psychological Medicine*, 38(6), 505–509. <https://doi.org/10.4103/0253-7176.194908>

Zwickl, S., Wong, A. F. Q., Dowers, E., Leemaqz, S. Y., Bretherton, I., Cook, T., Zajac, J. D., Yip, P. S. F., Cheung, A. S.(2021). Factors associated with suicide attempts among Australian transgender adults. *BMC Psychiatry*, 21(1): 1-10. <https://doi.org/10.1186/s12888-021-03084-7>

Escrita poética – Nathan Victoriano

Respir(ar)

Corpo transitório

Corpo cansado

Exausto do seu peso

Pesar que limita viver

Vida que por vezes está por fio

Fio às vezes de linha

Por outras, de cobre

Cobre!

Cobre, esconde, se aperta

Aperta a alma, a liberdade, a respiração

Respira!

Pensa, repensa, recompõe

Põe de novo, respira fundo, segue em frente

Frente e verso, se algo aparece

De repente, tu se torna ser humano que não merece

Não merece vida, respirar, até amar

Amor

Que por vezes tropeço, peço

Impeço

De acontecer, de viver, de sentir

Sentir

Que volta a tudo

Tudo é desespero, que aperta, que machuca

Que faz adoecer

Doença que só o afeto cura

Na turnura, na paixão, na busca dessa estranha ilusão

Estranho

Me dizem, às vezes me sinto, mas paro

Me reparo e assim desfaço

Das roupas, dos julgamentos, do olhar do outro
Que tanto fere
Mas que me faz mais forte
De frente, da batalha, da vida, daquelas senzalas
Nas minhas veias correm vida, dos meus
Por isso sigo, ferido, mas sigo
Sentindo até hoje o peso das correntes, mas sigo
Até quando já são sei
Mas sigo, com o corpo já cansado, mas sigo
Sigo, com o pesar das nossas histórias, mas sigo
Sigo...
Eu só sigo

Victoriano¹⁴ (2021, p. 9-10).

¹⁴ Nathan Victoriano, homem trans negro, ativista, militante, membro fundador da Liga Transmasculina Carioca João W. Nery e coordenador da revista Transviades.

5.2 Artigo 2: Transmasculinidades: Este sou eu em minha corporeidade, o autorretrato me apresenta

Transmasculinities: This is me in my corporeality, the self-portrait presents me

Luziane Vitoriano da Costa

Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo: A corporeidade está ligada à noção de corpo, modo do qual temos acesso ao mundo e que podemos habitá-lo e percebê-lo. **Objetivo:** Apresentar compreensões sobre corporeidade nas vivências transmasculinas à luz da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. **Materiais e métodos:** Utilizamos o método qualitativo, a partir dos preceitos do Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia de Amedeo Giorgi. **Resultados e Discussão:** A possibilidade de que pudessem autoapresentar-se indicou vários caminhos. Assim, encontramos nos excertos de discursos, o que nominamos como núcleos de compreensão, a saber: a) o homem que me construí, em quem me tornei; b) da cinza à cor, ao brilho do existir; c) apesar das intempéries, navegar é necessário; d) a sombra que se quer luz; e) paradoxo existencial no olhar que lanço sobre mim; f) de cada degrau vencido, me tornei quem sou. **Considerações Finais:** A percepção de seus corpos diante de suas próprias imagens é a possibilidade de se reconhecerem entrelaçados no mundo, o que os permitem olhar para as suas próprias histórias, presente e passado, e se projetarem para a apreensão de novos conhecimentos, criando sentidos na compreensão que são corpos que se percebem, se movem, desejam e sofrem.

Palavras-chave: Corporeidade, transmasculinidades, fenomenologia, Merleau-Ponty.

Abstract: Corporeity is related to the notion of body, how we have access to the world and can inhabit and perceive it. **Objective:** To present understandings about corporeality in

transmasculine experiences under the phenomenological bias of Maurice Merleau-Ponty. Materials and methods: We used qualitative bias based on the precepts of the Phenomenological Method of Research in Psychology by Amedeo Giorgi. Results and Discussion: The possibility that they could present themselves indicated several paths. Thus, we found in the excerpts of speeches what we call nuclei of understanding, namely: a) the man I built myself, who I became; b) from gray to color, to the brightness of existence; c) despite the bad weather, navigating is necessary; d) the shadow that wants light; e) the existential paradox in the look I cast on myself; f) from each step overcome, I became who I am. Final Considerations: The perception of their bodies in front of their images is the possibility of recognizing themselves intertwined in the world, which allows them to look at their own stories, present and past, and project themselves to the apprehension of new knowledge, creating meanings and understanding that they are bodies that perceive, move, desire, and suffer.

Keywords: Corporeity, transmasculinities, phenomenology, Merleau-Ponty.

5.2.1 Introdução

Reconhecer a sua imagem no espelho [autorretrato], é, para ele, apreender que aí pode haver um espetáculo de si mesmo (...) ele se torna capaz de se espectador de si mesmo. Com a aquisição de uma imagem espetacular, a criança percebe que é visível para si e para os outros.

Maurice Merleau-Ponty (1997)

A compreensão de corporeidade surge no livro *Fenomenologia da Percepção* do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty. Essa concepção está ligada a outro aspecto primordial de sua obra, a noção de corpo (Baptista, 2022). O corpo é o núcleo sensível que não pode ser dicotomizado, como previa a ontologia moderna cartesiana, especialmente no que tange “à

separação feita por esta entre o objeto do saber e o “sujeito” do conhecimento” (Marcon & Furlan, 2015).

Para Merleau-Ponty, não existe essa separação “mente-corpo”, “o homem como coisa pensante (*res cogitans*) - do mundo como coisa extensa (*res extensa*)”, “aparência-realidade”, e não há intenção em uni-los, porque nunca estiveram cindidos. O corpo, portanto, é “um modo do qual temos acesso ao mundo e podemos habitá-lo e percebê-lo” (Costa, 2015, p.269), como o próprio filósofo argumenta: “o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (Merleau-Ponty, 2018, p.122).

Assim, através do corpo e pela via da percepção, entramos em contato com o mundo e nos entrelaçamos a ele. Deixamos, então, de ser um invólucro objetificado e passivo das ações do mundo e passamos a ser esse corpo próprio, indivisível, em “uma existência indivisa que vivemos como uma vida sempre que nos pertence” (Caminha, 2019, p.25).

Souza (2020) argumenta que os corpos de homens trans e de pessoas transmasculinas são designados do gênero feminino ao nascerem. A designação, por sua vez, é compreendida por uma imposição do saber-poder médico e jurídico, condizente com os discursos éticos, políticos e religiosos, baseados em classificações baseadas no dimorfismo sexual, em analogia direta entre sexo e sexo, que não aceita a possibilidade de outras vivências corporais marcadas no nascimento. Todavia, o autor diverge do saber médico e jurídico, afirmando que o corpo de homens trans e pessoas transmasculinas é um devir, está em um processo de constituição. Portanto, essa construção do corpo vai além de noções baseadas em gênero, sexo e genitália (Carvalho, 2020).

A partir das compreensões de Merleau-Ponty acerca da corporeidade e utilizando o instrumento metodológico intitulado Autorretrato (*selfie*), à luz dos preceitos do Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia de Giorgi & Sousa (2010) visamos possibilitar

o desvelamento dos sentidos e significados do corpo que se mostrou em um selfie. Para tanto, utilizamos como análise compreensiva a categoria, que intitula esse artigo, que se desdobraram nos seguintes núcleos de compreensão: a) o homem que me construí, em quem me tornei; b) da cinza à cor, ao brilho do existir; c) apesar das intempéries, navegar é necessário; d) a sombra que se quer luz; e) paradoxo existencial no olhar que lanço sobre mim; f) de cada degrau vencido, me tornei quem sou. À face do exposto, este artigo teve como objetivo compreender as vivências de corporeidade de homens trans e pessoas transmasculinas à luz da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty.

5.2.2 Materiais e métodos

Trata-se de uma pesquisa oriunda da dissertação de mestrado intitulada “Navego pelas águas amazônidas da trans-form-ação: ideações e tentativas de suicídio em homens trans e pessoas transmasculinas”.

A fim de contemplar o objetivo deste estudo, utilizamos o método qualitativo, cuja ênfase é na compreensão da intensidade das vivências dos fatos e das relações humanas (Minayo & Costa, 2018). Assim, o caminho percorrido seguiu os passos dos preceitos do Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia de Amedeo Giorgi (Giorgi & Sousa, 2010) sistematizados em seguida: 1) Obter as descrições dos participantes; 2) Aplicar a redução fenomenológica-psicológica e; 3) Centrar-se no objeto de estudo e determinar a síntese do significado psicológico a partir dos movimentos de redução fenomenológica e análise eidética.

Os participantes da pesquisa foram selecionados por meio de convites disparados através das redes sociais da pesquisadora. Após a busca, foi realizado o contato via e-mail e WhatsApp a fim de realizar o agendamento e, posteriormente, as pessoas que se autoidentificaram como homens trans e pessoas transmasculinas foram convidadas para participar da entrevista.

Realizou-se 09 (nove) entrevistas com 7 (sete) homens trans, 1 (uma) pessoa transmasculina não binária e 1 (uma) transmasculino que vivenciaram, em algum momento de suas vidas, a ideação e tentativa de suicídio. O quantitativo de entrevistas mostrou-se adequado para responder ao objetivo do estudo. Dessa forma, finalizou-se essa etapa, diante da suficiência de significados expressos nas narrativas dos participantes.

Para esse estudo, nos fundamentamos metodologicamente a partir da utilização do instrumento intitulado Autorretrato (*selfie*), que, para Pessoa (2006), sua conceituação perpassa o movimento de tirar um retrato de si próprio, e que pode representar, portanto, o que essa pessoa imagina de si, o que deseja, como idealiza ser, quem pode ser, que sentidos e não sentidos a pessoa atribui a si, isto é, o autorretrato visa realizar um exercício de autoconhecimento.

Passalacqua (2007), por sua vez, argumenta que o autorretrato é um instrumento em forma de questionário ou um conjunto de questões abertas e dirigidas ou semidirigidas, que objetiva, de forma instigante e relevante, evocar vivências, memórias e propiciar novas sínteses do mundo vivido. Sob a perspectiva fenomenológica, o uso do autorretrato possibilita o desvelamento daquilo que se apresenta, os sentidos e significados daquilo que se mostra. Assim, “essa metodologia, embasada e adaptada da crítica genética, visa buscar detalhes aparentemente pouco importantes, mas que são capazes de reconstituir uma história” (Oliveira, p.36, 2021).

Vale ressaltar que todos os participantes receberam explicações sobre o objetivo da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram realizadas individualmente e audiogravadas conforme o consentimento dos participantes. Para desencadear a entrevista questionou-se: “A partir dessa imagem que você vê, o que você poderia me falar dessa pessoa?”.

Para análise dos dados, retomamos a proposta elaborada por Amedeo Giorgi (Giorgi & Sousa, 2010), citados por Pereira e Castro (2019), e organizamos os componentes descritivos

conforme os passos a seguir: a) Estabelecimento do sentido do todo; b) Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado; c) Transformação da Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico; d) Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos.

Por fim, elaboramos as Categorias Temáticas que representam a síntese das unidades de significado (Pereira & Castro, 2019). Assim, os resultados dessa pesquisa foram analisados a partir dos principais constructos da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty.

A pesquisa foi aprovada pelo Parecer n.º 5.394.847 sob CAAE n.º 57719522.1.0000.5020 do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), respeitaram-se os aspectos éticos e científicos das Resoluções 422/2012 e 510/2016. As entrevistas ocorreram apenas após a aquiescência do Comitê de Ética.

Para assegurar o sigilo acerca das identidades dos participantes, foi sugerido o uso de nomes científicos de *Borboletas aos participantes*, visando representar o movimento de transformação existencial.

Tabela 2 - Nomes fictícios dos participantes e descrição

1	Hamadryas amphinome (borboleta)	homem trans, 32 anos, pessoa preta, solteiro, com ensino superior completo.
2	Morpho menelaus (borboleta)	homem trans, 21 anos, pardo, solteiro, com ensino superior completo.
3	Arawacus aethesa (borboleta)	homem trans, 20 anos, branco, solteiro, ensino superior completo.
4	Argema mittrei (mariposa)	pessoa transmasculina não-binária, 22 anos, solteiro, cursando o ensino superior.
5	Danaus plexippus (borboleta)	homem trans, 31 anos, pessoa parda, solteiro, ensino superior completo.
6	Caligo beltrao (borboleta)	homem trans, 26 anos, pessoa preta, solteiro, ensino médio completo.
7	Attacus atlas (borboleta)	homem trans, 24 anos, pessoa parda, solteiro, com ensino superior completo.
8	Phengaris alcon (borboleta)	homem trans, 32 anos, branco, solteiro, ensino médio completo.
9	Greta oto (borboleta)	transmasculino, 23 anos, pardo, solteiro, ensino superior completo.

Fonte: Autores (2023)

Obs.: O colaborador Caligo beltrao não realizou a selfie, tendo citado durante a entrevista: “eu não gosto de tirar foto” (sic). Além disso, um dos participantes escolheu ser uma mariposa ao invés de uma borboleta, pois a mariposa escolhida, *Argema mittrei*, é a capa de um EP de seu artista trans favorito.

5.2.3 Resultados e Discussão

A análise compreensiva das narrativas foi construída a partir dos pressupostos elaborados por Giorgi, que permitiram a elaboração da categoria que, para esse artigo, se intitula da seguinte forma: **Este sou eu em minha corporeidade, o autorretrato me apresenta**. A

possibilidade de que pudessem autoapresentar-se indicou vários caminhos, ou melhor, os vários olhares desse poder olhar para si mesmo e, ao mesmo tempo, explicitam a caminhada até este momento. Assim encontramos nos excertos de discursos, o que nominamos como núcleos de compreensão, a saber: a) o homem que me construí, em quem me tornei; b) da cinza à cor, ao brilho do existir; c) apesar das intempéries, navegar é necessário; d) a sombra que se quer luz; e) paradoxo existencial no olhar que lanço sobre mim; f) de cada degrau vencido, me tornei quem sou, a seguir:

a) *O homem que me construí, em quem me tornei!*

“Você poderia tirar um *selfie*? Se sim, depois que você tirar o *selfie*, eu gostaria que você olhasse para a sua foto e me respondesse: “O que você poderia me falar dessa pessoa?”, com essas perguntas, iniciei a entrevista do estudo. O participante, a quem darei o nome de *Hamadryas amphinome*, respondeu dizendo:

[...] é o homem que eu sempre quis ser, né? Eu me tornei um homem que eu digo não só em aparência, mas eu me tornei um homem, um homem bacana assim, né? Assim, eu me vejo hoje como um bom homem [...]eu tive a chance de [...] de criar minha própria masculinidade. Então, eu [...] porque homem eu sempre fui, sempre me senti homem, sempre tive manias masculinas, né? Do universo masculino, eu sou bem ligado ao universo masculino, mas eu construí uma masculinidade mais [...]saudável e que eu acho que é [...] uma masculinidade boa, melhor do que seria se eu fosse um homem cis (Hamadryas amphinome, maio/2022).

[...] Eu não tenho machismo estruturado dentro de mim, né? Então, muitas questões são bem resolvidas com relação à sociedade, ao universo que eu me encontro. Então, minha perspectiva é bem diferente do que se eu tivesse nascido cis, eu acredito que seja assim (Hamadryas amphinome, maio/2022).

Construção. Desconstrução. Reconstrução. A processualidade do existir humano está diretamente relacionada à possibilidade de realizar suas escolhas. Hamadryas amphinome destaca que se tornou o homem que sempre quis ser em um movimento de não abrir mão do que ele considera ser sua própria masculinidade.

Merleau-Ponty (2018) nos convida a reconhecer a importância da percepção e da corporeidade em sua filosofia, uma vez que, considera, a partir dessa díade, o constituinte da compreensão do mundo. Sua crítica à visão dualista de mente e corpo, argumenta que a percepção é uma atividade encarnada e o corpo está intimamente envolvido em nossa experiência e no modo como nos relacionamos com o mundo. Assim, o fio condutor, nesta perspectiva é, sem dúvida, pensar o sujeito entrelaçado no mundo, entendendo-o numa dialética sem síntese.

A percepção não é uma atividade puramente subjetiva nem uma mera resposta a estímulos objetivos, mas uma forma de envolvimento corporal com o mundo. Essa perspectiva merleau-pontyana implica que não podemos separar nossa experiência perceptual do nosso corpo e da nossa experiência do mundo, como nos diz *Hamadryas amphinome* em sua fala “Eu me tornei um homem que eu digo não só em aparência, mas eu me tornei um homem, um homem bacana assim, né?”.

b) Do cinza à cor, ao brilho do existir!

O participante *Attacus atlas* relatou sobre como se percebe para além dos muros do que é pré-determinado:

[...] Essa pessoa teve que se descobrir e redescobrir diversas vezes, por muitos momentos ela duvidou o que era verdade e o que era realidade para ela. Essa pessoa antes, ela se entendia como algo, alguém de um determinado gênero e de determinada

orientação sexual, e depois de um tempo, ela foi vendo que essa não era a realidade dela de verdade, aí ela teve que quebrar alguns, alguns muros ao redor. [...] eu diria que essa pessoa, hoje em dia, essa pessoa é um pouco mais tranquila. É e isso é notório nos olhos que é um traço, é uma parte do corpo que até um tempo atrás, não se via muito um brilho mais, e era o que essa pessoa sentia falta, inclusive. E hoje em dia dá para ver uma mudança muito aparente, não só os olhos, mas também toda a feição. Uma pessoa que brilha um pouco mais apesar de todas as adversidades, né? Do dia a dia, o estresse e outras questões mais profundas (Attacus atlas, junho/2022).

Nos atravessamentos de *Attacus atlas*, percebemos que há um movimento de reaprender a ver o mundo e apropriar-se de seu destino, tornando-o responsável por sua reflexão e por sua história: “Essa pessoa teve que se descobrir e redescobrir diversas vezes, por muitos momentos ela duvidou o que era verdade e o que era realidade para ela”. Merleau-Ponty (2018) ressalta de que a vida só se verifica, exercendo-se, ou seja, a partir desta concepção, a fala nos traz, de modo claro, que o “reaprender” e o “apropriar-se” no que tange ao trânsito existencial é, como nos assevera Salamon (2011), que a transposição na experiência trans, o modo de corporeidade é marcadamente mais intensa do que na experiência cis.

Em outro trabalho, Gayle Salamon argumenta:

A afirmação fenomenológica de que o corpo não é apenas algo que tenho ou uso, não é apenas um objeto que carrego comigo, mas é algo que eu sou permite uma compreensão do corpo como definido e constituído pelo que sinto e não apenas pelo que os outros veem. definido e constituído pelo que sinto e não simplesmente pelo que os outros veem (Salamon, 2014, p.154).

Corporeidade. Corpo. Assim, no momento em que Attacus atlas diz: “E hoje em dia dá para ver uma mudança muito aparente, não só os olhos, mas também toda a feição”, designa o corpo próprio que em Merleau-Ponty (2018) é entendido como uma dimensão fundamental da

nossa existência e da nossa relação com o mundo, pois é a partir dele que experimentamos a realidade de forma única e pessoal.

Transitar pela Fenomenologia de Merleau-Ponty (2018) é recolocar o sujeito para tomar como lugar central o mundo vivido. Lembrando que esse lugar é, ao mesmo tempo, não lugar, é condição de possibilidade, sendo ambíguo em sua constituição. No momento em que Attacus atlas ressalta, ao falar sobre si mesmo a partir do autorretrato: “Uma pessoa que brilha um pouco mais apesar de todas as adversidades, né? Do dia a dia, o estresse e outras questões mais profundas” nos lança essa ambiguidade o caminhar, as adversidades, o ser quem se tornou, a ação do outro que provoca estresse entre outras questões. Assim, o mundo do participante é seu contexto de vida pessoal, social e histórico pleno em elementos e múltiplos contornos. A noção de *Lebenswelt* (mundo vivido) de Merleau-Ponty aponta um entrelaçamento entre homem e mundo em seus múltiplos contornos.

c) *Apesar das intempéries, navegar é necessário!*

O entrevistado *Argema mittrei* tem tentado navegar em águas cisgêneras, como relatou a seguir:

[...] a nível mais profundo, acho que uma pessoa que tenta, sabe? [...] eu não podendo performar comportamentos cis-heteronormativos, porque literalmente eu não sou cishetero, mas no meio de tudo isso eu tento navegar, sabe? Então, prometo que estou tentando, e é o ponto, acho que é assim que eu posso me definir (*Argema mittrei*, junho/2022).

A fala nos remete ao modo como a filosofia de Merleau-Ponty é concebida, a filosofia da ambiguidade, onde sujeito e mundo estão entrelaçados, não se pode pensá-los, em nenhum momento, como opostos ou separados, pois quando um é negado, o outro surge. É o sentido da

reversibilidade, “[...] já que cada um deles nada mais é do que o recuo diante do outro [...]” (Merleau-Ponty, 2018, p. 78), no que se evidencia o pensamento dialético sem síntese.

A perspectiva nos propicia compreender que é fundamental considerar a historicidade, o que acentua o existir e a mútua constituição do homem e do mundo, e isso, implica dizer que o sujeito é fundado no lugar em que ele se enraíza. E *Argema mittrei* nos diz: “mas no meio de tudo isso eu tento navegar, sabe? Então, prometo que estou tentando, e é o ponto, acho que é assim que eu posso me definir”, ou seja, tomar como referência o mundo-vivido (*Lebenswelt*) consiste em compreender o humano e sua humanidade como ser no mundo, o que certamente significa produzir conhecimento que se transforma em um existencial, como pressupunha Edith Stein (2004). Desse modo, é compreender que o mundo é meu e nosso, ou seja, que historicidade e intersubjetividade nos constituem. Quando ressalta que “tenta navegar”, a participante nos expõe que, mesmo diante de tantos revezes, olha para si mesma e sua historicidade que aliada à sua relação com o outro, possibilitam que redimensione sua perspectiva sobre a existência.

Somente estando no mundo e exercendo de maneira sensível o que se é, para além do efeito de ruptura com a cultura binária é que será possível dar visibilidade ao transgênero, somente com a visibilidade, a informação e a desmistificação do lugar de trânsito, a que vem reivindicando o grupo chamado aqui de “errantes do gênero”, que será possível abrir espaço para a existência desses corpos (Silva, 2017).

d) A sombra que se quer luz!

Bem, é a partir dessa posição de doente mental da qual vocês me classificam, embora eu me dirija a vocês como o símio-humano de uma nova era. Eu sou o monstro que vos fala.

Paul Preciado

O entrevistado *Arawacus aethesa*, em seu relato, descreve sobre a percepção de um corpo trans e que neurodivergente:

[...] parece uma arte barroca, porque tem muita sombra. [...] É, eu acho que é uma pessoa meio doidinha das ideias, com muitos traumas, e que tá tentando se formar em [...], porque gosta disso, de peixe. É o que eu tenho pra dizer, tipo, de superficial. Se aprofundasse, essa parte é sobre a questão da disfuncionalidade da minha família, sobre os episódios de transfobia que eu sofri aqui na minha família e lá na escola também, até mesmo institucional em relação à questão da minha documentação, e alguns traumas psicológicos envolvendo autossuficiência, rendimento, e no geral é isso, saber ser gente. Porque eu que me encaixo na questão da neurodivergência, eu sou autista, e esse negócio de ser um ser humano, saber agir como gente, me encaixar no que as pessoas querem que eu seja, como querem que eu aja, sempre foi algo meio difícil pra mim, porque eu não consigo entender muito bem. Então eu fico só, ah, ok, eu vou tentar, e as vezes eu saio pela culatra e fico, ah, ok, fui, fui. (*Arawacus aethesa*, maio/2022).

Trago a narrativa do filósofo e pessoa transgênero Paul Preciado intitulado *Eu sou o monstro que vos fala para dialogar com o excerto trazido por Arawacus aethesa*, em comum, a questão do ser não humano se evidencia. Mas o que seria ser não humano? Ou como pontuou Preciado: um monstro. A Professora, doutora e travesti, Leticia Nascimento (2021), argumenta em seu livro *Transfeminino* que os corpos trans são nomeados e classificados dentro do CISTema colonial moderno de gênero como patológicos, desviantes e perversos (p.55). Mas o que seria ser humano, afinal? Se monstros se apresentam diante do olhar cisgênero. Segundo Maciel et al. (2022), a universalização da palavra humanidade não contemplará a todos, mas aos “verdadeiros humanos”, aqueles que se autodeterminaram em um processo civilizatório de violência, domínio e extermínio. Portanto, uma forma hegemônica e colonizadora de impor aos outros o que eles podem ou não ser.

Merleau-Ponty (2018) compreende que homem e mundo precisam ser pensados a partir da facticidade, já que a essência do ser-no-mundo é existir. O corpo trans, entrelaçado em um mundo determinado pela cisgeneridade, rompe com o binômio homem-mulher e transita em espaços naturais e inumanos. Arawacus, por sua vez, faz a leitura desse mundo e se percebe em uma não humanidade, como no destaque [...] “esse negócio de ser um ser humano” [...] sempre foi algo difícil pra mim”, porém tenta se colocar nesse enquanto corpo-no-mundo, como um corpo sendo ele, como um corpo sendo ele.

e) *Paradoxo existencial no olhar que lanço sobre mim!*

Em seu excerto, *Greta oto* vive o paradoxo de ser-no-mundo:

[...] Uma pessoa meio insegura, insegura, perdido. Eu tenho uma imagem de uma pessoa muito confiante. Uma pessoa muito confiante e meio perdido assim. Várias coisas. [...] Coisas com vários aspectos, seja da minha própria carreira, da minha vida. Tendo ciência do que eu posso, do meu potencial, eu às vezes me perco comigo mesmo (*Greta oto*, junho/2022).

Em Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty (2018) a noção de *Lebenswelt* para o filósofo, permite que a fenomenologia abandone sua ênfase na consciência como doadora de sentido, “[...] não há vida privada da consciência, e a consciência só tem como obstáculo o caos, que não é nada [...]”. Enfatizar o mundo vivido, na experiência em si mesma, este autor nos assegura que *Lebenswelt* é o experienciar continuamente presente em nosso entrelaçar, que nos lança na familiaridade com nosso existir, tendo em vista que, sujeito e mundo são sua espessura, o “tecido intencional que o esforço do conhecimento procurará decompor” (p.84).

Mais uma vez, resgato a ambiguidade em Merleau-Ponty, uma vez que, esta é inseparável de sujeito e mundo, sujeito e objeto, percepção e percebido, ou quaisquer outras relações que estejam presentes no caminhar. Depreende-se daí que, as díades e a partir delas -

ser humano e situação vivida -, a experiência em si mesma, é que irradiam os significados, sempre no mundo. No momento em que a fala do participante ressoa e nos diz: “Tendo ciência do que eu posso ir, do meu potencial, eu às vezes me perco comigo mesmo”, está plena de sentidos e significados oriundos desse mundo-vivido. Refletir a partir de Merleau-Ponty significa expor a recolocação do sujeito pensante no mundo, ou seja, entende-se a relação sujeito pensante e mundo fundada no sujeito encarnado. É, a abertura ao mundo que se faz, tendo em vista que, ao lançar-se em seus vários mundos vividos, o participante consegue ir para além de si mesmo e das adversidades, da “segurança” que tem mostrado ao outro e, nesse excerto de discurso, nos trouxe a insegurança, a perda que o caracteriza como caminhante. Entretanto, esse *Lebenswelt* traz outro aspecto, a ciência de ser quem é, quem se tornou. O caminhar, o existir do humano e sua humanidade são redimensionados a partir da ambiguidade em ser no mundo sendo si-mesmo.

f) De cada degrau vencido, me tornei quem sou!

Os entrevistados *Phengaris alcon*, *Danaus plexippus* e *Morpho menelaus* relatam sobre suas possibilidades e atravessamentos:

[...] não é que eu sou bonito? [...] é uma pessoa que é muito dedicada no que faz. [...] que tem um coração gigante. É uma pessoa que não desistiu em nenhuma das dificuldades que, apesar de todo o sofrimento que aconteceu na vida, de todas as porradas que levou, nunca pensou em desistir. Sempre tentou manter a cabeça no lugar. Algumas vezes fraquejou, algumas vezes caiu, mas sempre levantou uma pessoa muito forte. É uma pessoa determinada, é uma pessoa que tem grandes qualidades, né? E que é muito amigo, que tem amigos, que faz amigos novos, que é sempre lembrado pelas atitudes boas que teve com as outras pessoas [...] eu tenho muito orgulho dessa pessoa que eu me tornei hoje (Phengaris alcon, maio/2022).

[...] eu olho assim como um guerreiro, como um vencedor, apesar de tantas já coisas terem acontecido, eu já ter vivenciado algumas coisas de não acreditar que um dia eu chegaria até onde que cheguei hoje. Então, eu sou muito grato pelo que eu vejo na foto acho que eu venci coisas que eu nunca imaginaria que eu conseguiria. [...] eu acho que olhar para essa foto e ver o que eu que eu quero ver, acho que houve um tempo que até mesmo eu não aceitava ou não queria aceitar, mas sabia que existia dentro de mim e que era isso que eu queria ver. [...] é aquela sensação de que é eu consegui, né? Que eu tô trançando o caminho que eu quero traçar que eu vim ao mundo para traçar que eu tô, de fato, onde quero estar, né? (Danaus plexippus, maio/2022).

(...) Parece ser engraçado, mas ser eu é muito legal (risos). Alguns momentos é bem... Apesar de toda essa turbulência, tem os momentos legais que eu gosto de viver, é muito bom viver, compartilhar, como agora que eu tô compartilhando tudo que vivi, minhas experiências. Então ser Morpho menelaus é muito gratificante. (Morpho menelaus, maio/2022).

O olhar para si mesmo resulta do entrelaçamento, da inseparabilidade da minha interação com o outro que se faz presente em nossas vidas, em nosso cotidiano. Somos seres de encontro, deixamo-nos e nos fazemos ver como sujeitos. É refletir que sempre estamos mergulhados em encontros, estamos sempre ligados a algo ou alguém. E nesse ínterim, nessas configurações relacionais, nossa visada sobre o mundo, sobre nós mesmos, passa por diferenciações.

Cada um de nós é único. Merleau-Ponty (2019) em *O visível e o invisível* afirma que o mundo está além de nosso pensamento como acontecimentos e para além do pensamento dos outros. Assim, o mundo-vivido é nossa visão do mundo. O filósofo revela que não há o outro e

eu separados ou mesmo em paralelo, o que existe é a presença que atravessa o eu e o outro. Para isso, precisamos descentrar de nós mesmos, tendo em vista que, é o outro que nos contesta e o que torna possível nosso existir.

As falas nos dizem de pessoas que foram atravessadas pela existência do outro, pela intersubjetividade inerente ao ser no mundo. E esse atravessamento resultou em posicionarem-se para além de quaisquer outros fatores, adversidades ou questões de quaisquer outras naturezas. Desse modo, Phengarisalcon traz: “é uma pessoa que é muito dedicada no que faz”; *Danaus plexippus* expõe: “eu olho assim como um guerreiro, como um vencedor, apesar de tantas já coisas terem acontecido, eu já ter vivenciado algumas coisas de não acreditar que um dia eu chegaria até onde que cheguei hoje” e *Morpho menelaus* assevera: “Então ser *Morpho menelaus* é muito gratificante”. O ser-quem-me-tornei é designativo de que o mundo-vivido (*Lebenswelt*) propiciou que o caminhar, apesar dos reveses, possibilitasse que, nesta altura da vida, ao temporalizar, perscrutado o trajeto de suas vidas, redimensionassem o olhar sobre si mesmos e em quem se tornaram. A partir de Merleau-Ponty, a questão não é mais quem sou eu, mas quem me tornei (Silva & Castro, 2023).

Corporeidade. Um dos constructos teóricos do autor e fenômeno que surge na fala dos participantes. Para Merleau-Ponty (2018) a carne é uma noção central em sua filosofia da percepção e da corporeidade. A carne refere-se a uma dimensão da experiência corporal que está além da dualidade sujeito-objeto, ou seja, é o ponto em que o corpo e o mundo se tocam e se fundem. Assim, a corporeidade trazida nos excertos de discurso, diz respeito ao que comentamos anteriormente, no sentido de que o corpo no centro de sua fenomenologia, enfatizando que a percepção não é uma atividade puramente mental, mas está enraizada na experiência corporal. O corpo é nosso meio primordial de acesso ao mundo e é fundamental para a nossa compreensão e interação com ele.

A possibilidade de desenvolver inferências neste primeiro momento, o do autorretrato, permitiu que a fala de cada um dos participantes fosse direcionada ao “modo-de-ser-sendo” de cada um, ou seja, trouxeram a si mesmos, com o olhar sobre si mesmos, sem justificativas ou tergiversações. Como ressalta Merleau-Ponty (2018) o ser humano ao caracterizar-se a partir da visada sobre nosso cotidiano, como vivenciamos nosso dia a dia, revisita o que o autor considera ser-no-mundo, o modo muito próprio e singular de cada pessoa. Meira e Castro (2023) reportando-se à corporeidade silenciada em adolescente que houvera sido abusada sexualmente, mostram a dimensão desse olhar que, ao se apresentar mostrou-se distorcido em virtude à violência a que foi submetida.

O corpo não é apenas algo que tenho ou uso, não é apenas um objeto que carrego comigo, mas é o que sou, permitindo uma compreensão do corpo como definido e constituído pelo que sinto e não apenas pelo que os outros veem (Salamon, 2014, tradução nossa).

5.2.4 Considerações Finais

Observou-se nas declarações dos entrevistados que a percepção de seus corpos diante de suas próprias imagens é a possibilidade de se reconhecerem entrelaçados no mundo, o que os permitem olhar para as suas próprias histórias, presente e passado, e se projetarem para a apreensão de novos conhecimentos. Assim, seus corpos criam sentidos, que, ora objeto, ora sujeito, se interrelacionam e se transformam, como um porvir, mas na compreensão de carne, do corpo que se percebe, se move, deseja e sofre.

Em contrapartida, seus corpos vivenciam as atrocidades de um mundo que os objetificam, estigmatizam, silenciam e aniquilam. É possível ser um corpo? Os participantes rompem com a cultura binária e se tornam um corpo visível, um corpo possível e de

possibilidades. Eles, enquanto ser no mundo, apreendem suas experiências, seus comportamentos e ações como sendo deles, como sendo eles.

A possibilidade de desenvolver inferências neste primeiro momento, o do autorretrato, permitiu que a fala de cada um dos participantes fosse direcionada ao “modo-de-ser-sendo” de cada um, ou seja, trouxeram a si mesmos, com o olhar sobre si mesmos, sem justificativas ou tergiversações. O ser humano, portanto, ao caracterizar-se a partir da visada sobre nosso cotidiano, como vivenciamos nosso dia a dia, considera ser-no-mundo, o modo muito próprio e singular de cada pessoa.

5.2.5 Referências

Baptista, T. J. R. (2022). Corporeidade e epistemologia. *Filosofia E Educação*, 14(1), 112–

135. <https://doi.org/10.20396/rfe.v14i1.8668684>

Caminha, I. O. (2019). *10 lições sobre Merleau-Ponty*. Petrópolis: Vozes, 2019.

Carvalho, D.N. (2020). Transitividade, transhomem e testosterona: a reinvenção do falo e as transformações tecnológicas da travessia transmasculina. *Revista Ensaios*, 19, 51-81.

<https://doi.org/10.22409/ensaios.v19.51143>

Costa, S. A. (2015). O corpo como ser no mundo na Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty. *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE*. 6(2), 267-279.

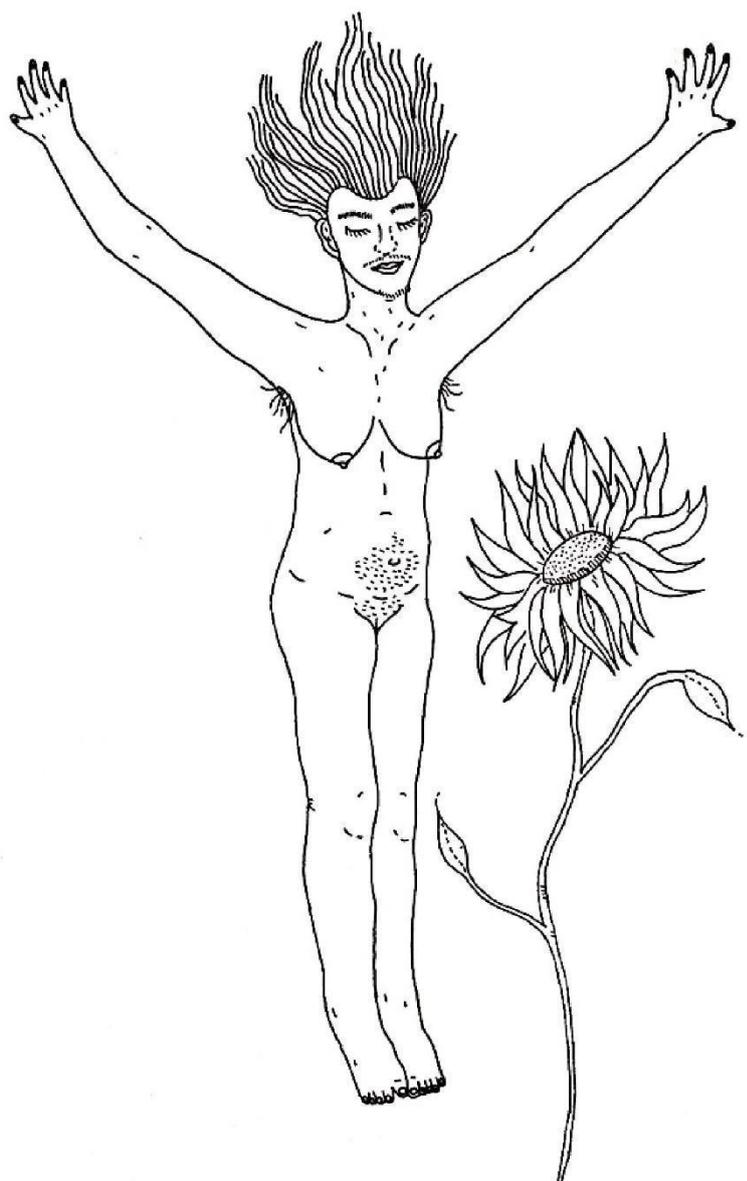
Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa: Fim de século.

Maciel, A.C., Vasconcelos, A. Pfeil, B.L., Gonzalez, R., Miranda, T. (2022). Não somos humanos e nem queremos ser: considerações para a construção de um processo descolonizador da Psicologia. In: Trzan-Ávila, A., & Mattar, C.(Org). *Psicologia, Fenomenologia e questões decoloniais: interseções*. Rio de Janeiro: Via Verita.

- Marcon, G. H., & Furlan, R. (2015). Afeto e subjetividade nos primeiros trabalhos de Merleau-Ponty. *Memorandum: Memória e história em psicologia*, 29, 208–232. Recuperado em 17 ago 2023, de: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6478>
- Meira, J. C., & Castro, E. H. B. (2023). O abuso sexual na infância e adolescência, a corporeidade silenciada. *Amazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 16(1), 91–111. Recuperado em 17 ago 2023, de: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/11495>
- Merleau-Ponty, M. (1997). Les relations avec autrui chez l'enfant. In M. Merleau- Ponty, *Parcours: 1935-1951*. Lagrasse: Verdier. pp. 147-229.
- Merleau-Ponty, M. (2004). *Conversas – 1948*. São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2018). *Fenomenologia da percepção*. 5ª ed. São Paulo: Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2019). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.
- Minayo, M.C.S., & Costa, A.P. (2018). Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40, 11-20. Recuperado em 18 ago 2023, de: <https://www.redalyc.org/journal/349/34958005002/34958005002.pdf>
- Nascimento, L. C. P. (2021) *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra.
- Oliveira, C. B. V. L. de. (2021). “E minha vida se tornou um retrato em preto-e-branco”: O ser-em e a vivência da afetividade permeada pelo diagnóstico de HIV. Dissertação (Mestrado), Programa de pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal do Amazonas, Manaus.
- Passalacqua, C. L. (2007). *Estudo sobre um instrumento de escrita designado auto-retrato para a expressão do indivíduo*. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

- Pereira, D.G., & Castro, E.H.B. de. (2019) *Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa*.
In: Castro, E.H.B.de. (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica – 1ª*
ed. – Appris, p.15-32.
- Pessoa, H. G. dos R. (2015). *Auto - Retrato - o espelho, as coisas*. Dissertação (Mestrado).
Programa de pós-graduação em Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Preciado, P. B., York, S. W., & Butler, J. (2022). Eu sou o monstro que vos fala. *Cadernos
PET Filosofia*, 22(1), 278-331. <http://dx.doi.org/10.5380/petfilo.v22i1.88248>
- Salamon, G. (2014). *Phenomenology TSQ* 1 May 2014; 1 (1-2): 153–155.
Doi: <https://doi.org/10.1215/23289252-2399884>
- Salamon, G. (2011). *Assuming a Body: Transgender Theory and Rhetorics of Materiality*.
New York: Columbia University Press.
- Silva, S. Z. C., & Castro, E. H. B. (2023). Corpo que é meu, mas não sou eu: o não-
reconhecimento do ser-si-mesmo. *Amazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia
escolar e Educação*, 16(1), 33-49. Recuperado em 17 ago 2023, de:
<https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/11487>
- Silva, F. F. (2017). *Errância corporal. Gênero em trânsito*. Recuperado em 15 jun 2023, de
[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1497923193_ARQUIV
O_TrabalhocompletoFG2017.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1497923193_ARQUIV
O_TrabalhocompletoFG2017.pdf)
- Silva, R. V., & Oliveira, W. F. de. (2018). O método fenomenológico nas pesquisas em saúde
no Brasil: uma análise de produção científica. *Trabalho, Educação E Saúde*, 16(3),
1421–1441. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00162>
- Souza, É. R. (2020). Corpos transmasculinos, hormônios e técnicas: reflexões sobre
materialidades possíveis. *Cadernos Pagu*, (59), e205910.
<https://doi.org/10.1590/18094449202000590010>
- Stein, E. (2004). *Sobre el problema de la empatía*. Madrid: Editorial Trotta S. A.

Desenho – Beijamim Aragão



Aragão¹⁵ ([s.d.]), citado por Tréz (2020).

¹⁵ Beijamim Aragão é artista visual, técnico em audiovisual e fotógrafo transmasculino nascido e criado em Sobral, município da região Norte do Ceará. Fonte: <https://mais.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2020/08/23/a-arte-e-os-significados-plurais-das-masculinidades-no-contemporaneo.html>

5.3 Artigo 3: Ideações e tentativas de suicídio entre homens trans e pessoas transmasculinas: uma compreensão fenomenológica.

Resumo: Este estudo objetivou compreender as vivências de ideações e tentativas de suicídio a partir dos relatos de homens trans e pessoas transmasculinas à luz da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. Utilizamos o método fenomenológico de Amedeo Giorgi para compreender a experiência vivida de pessoas que vivenciaram ideações e tentativas de suicídio. Realizamos entrevistas com nove colaboradores que descreveram suas vivências de ideações e tentativas de suicídio. Este estudo revelou que a experiência vivida de nossa inserção no mundo em seu caráter intersubjetivo pode ser de presença e (auto)cuidado ou de invasão e desapropriação de si. Concluímos que o olhar do outro afeta radicalmente o modo de ser-no-mundo e o modo de experienciar o próprio corpo dos sujeitos entrevistados. Em contrapartida, o cuidado em uma relação de apoio social evidenciado em suas narrativas, possibilita compreender o desenvolvimento da potencialidade cuidadora do sujeito, expressa no autocuidado.

Palavras-chave: Ideações Suicidas, Tentativas de Suicídio, Homens Trans, Pessoas Transmasculinas, Merleau-Ponty.

Abstract: This study aimed to understand the experiences of suicidal ideations and attempts based on the reports of people who self-identify as transmasculinities in the light of Maurice Merleau-Ponty. We used Amedeo Giorgi's phenomenological method to understand the lived experience of people who have experienced suicide ideation and attempts. We conducted interviews with nine collaborators who described their experiences of suicidal ideation and behavior. This study revealed that the lived experience of our insertion in the world, in its intersubjective character, can be one of presence and (self)care or of invasion and expropriation

of self. We conclude that the gaze of the other radically affects the way of being-in-the-world and the way of experiencing the interviewees' own bodies. On the other hand, care in a social support relationship, as evidenced in their narratives, makes it possible to understand the development of the subject's caring potential, expressed in self-care.

Keywords: Suicidal Ideations, Suicide Attempts, Transmasculinities, Phenomenology, Merleau-Ponty.

5.3.1 Introdução

“Eu sempre tive uma angústia, eu sempre colocava na cabeça: “Eu quero ser homem, “eu quero ser homem”. Mas se eu falasse para alguém, eles iriam me ver como um louco”

(Vaz, 2022).

“Em março de 2022, a comunidade trans foi surpreendida com um dos episódios mais violentos que tomou o debate público em relação ao suicídio de uma pessoa trans”, Paulo Vaz morreu (Benevides, 2023, p.83). E quem foi Paulo Vaz¹⁶? Popo Vaz, como era conhecido, além de exercer a carreira como policial civil, ele trabalhava como influencer e foi um dos ativistas trans mais influentes dos direitos dos homens trans e pessoas transmasculinas no Brasil.

As matérias¹⁷ sobre sua morte tomaram conta de todas as redes sociais. Inicialmente, percebi que as dúvidas e os questionamentos eram sobre de que ele tinha morrido. No entanto, quando a informação do suicídio foi exposta, o teor das perguntas e dos comentários tornou-se sombrio. As pessoas destilavam seus comentários transfóbicos e culpabilizam seu companheiro pelo seu autoextermínio. A morte de Popo gerou comoção e mobilizou a comunidade trans em

¹⁶ Link do Instagram de Paulo Vaz: https://www.instagram.com/popo_vaz/

¹⁷ Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/03/14/paulo-vaz-influencer-e-policial-trans-morre-aos-36-anos-em-sp.ghtml>

torno dos fatores desencadeantes do suicídio, principalmente, em relação aos discursos de ódio nas redes sociais (Benevides, 2023).

No Boletim Epidemiológico de Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil (Brasil, 2021), é relatado que o suicídio é um grave problema de saúde pública, mais de 700 mil pessoas se suicidam a cada ano no mundo, sendo a quarta maior causa de mortes de jovens entre 15 e 29 anos. No Brasil, ocorreram 112.230 mortes por suicídio entre os anos 2010 e 2019, 13.523 mortes em 2019, contabilizando um aumento de 43% no número anual de mortes. Isso quer dizer que a taxa nacional no ano de 2019 foi de 6,6 por 100 mil habitantes. Além disso, o boletim alertou que houve aumento do risco de morte por suicídio em todas as regiões do Brasil, porém as maiores taxas estão concentradas nas regiões sul e Centro-oeste. Vale ressaltar que o boletim faz menção às pessoas que fazem parte do grupo de risco para o suicídio, são elas: pessoas em situação de rua, migrantes e refugiados, pessoas LGBTQIAPN¹⁸⁺ e povos indígenas.

No Amazonas, um alerta. O epidemiologista da Fundação Oswaldo Cruz, Jesem Orellana, relata a sua preocupação para o aumento das mortes por suicídio e homicídio no estado do Amazonas. A história de abandono, negligência e impunidade durante a pandemia da COVID-19 remontou um cenário complexo de problemas sociais, como, por exemplo, o aumento do desemprego, pobreza extrema e desesperança, entre outros agravamentos (Orellana, 2022). O pesquisador, identifica que a mortalidade suicida foi 33,5% maior no triênio de 2019 a 2021 (859 mortes), em comparação ao de 2016 a 2018 (634 mortes).

Em relação às pessoas transgênero, Chinazzo et al. (2021) e Zwickl et al. (2021), revelam que esse grupo é considerado vulnerável pelas altas de ideação suicida e tentativa de suicídio. Em estudo realizado com pessoas transmasculinas nos Estados Unidos relatou que os

¹⁸Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual, Não-Binárias e para todos que se compreendem que diversidade de gênero e sexualidade é fluida e pode mudar a qualquer tempo

fatores de risco relacionados à saúde mental de pessoas transmasculinas são a falta de emprego, a renda salarial baixa, educação limitada, discriminação cotidiana e violência (McDowell et al., 2019).

Este estudo foi realizado sob o método qualitativo, sistematizado pelo Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia de Amedeo Giorgi, que visa a busca, quanto possível, da obtenção das descrições detalhadas das experiências vividas pelos participantes bem como suas explicitações dos significados sobre o fenômeno estudado.

À face do exposto, este estudo objetivou compreender as vivências de ideações e tentativas de suicídio a partir dos relatos de pessoas que se autoidentificam nas transmasculinidades à luz de Maurice Merleau-Ponty.

5.3.2 Materiais e método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cuja ênfase é na compreensão da intensidade das vivências dos fatos e das relações humanas (Minayo & Costa, 2018). Assim, utilizou-se os preceitos do Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia de Amedeo Giorgi (Giorgi & Sousa, 2010).

Segundo Van-Manen (2014), citado por Silva e Oliveira (2018), apontam que a fenomenologia, como método de pesquisa, “se embasa na postura do pesquisador, que se abstém do conhecimento prévio do fenômeno com a finalidade de explorar a forma como os sujeitos experimentam eventos vivenciados” (p.1.431). Além disso, o método visa a busca, quanto possível, da obtenção das descrições detalhadas das experiências vividas pelos participantes bem como suas explicitações dos significados sobre o fenômeno estudado (Giorgi & Sousa, 2010; Pereira & Castro, 2019).

Com esse intuito, sistematizamos o Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia de Amedeo Giorgi (Giorgi & Sousa, 2010) seguindo seus 3 (três) passos:

1. Obter as descrições das experiências vividas dos participantes;
2. Aplicar a redução fenomenológica-psicológica e, concomitantemente, adota-se uma perspectiva psicológica sobre o tema estudado;
3. Estabelecer a essência do objeto estudado e determinar a síntese do significado psicológico a partir dos movimentos de redução fenomenológica e análise *eidética*.

Após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal do Amazonas, foram disparados convites através das redes sociais da pesquisadora. Posteriormente, foi realizado o contato com os participantes por e-mail e WhatsApp para que pudessemos agendar as entrevistas de acordo com a disponibilidade dos colaboradores da pesquisa.

O total de 09 (nove) entrevistas foram realizadas, 7 (sete) pessoas se autodeclararam homens trans, 1 (uma) pessoa se autoidentificou como pessoa transmasculina não-binária e 1 (uma) pessoa se autodeclarou transmasculino. Todos relataram que, em algum momento de suas vidas, vivenciaram a ideação e/ou tentativa de suicídio.

Para o levantamento das informações, utilizamos como instrumento de coleta a entrevista fenomenológica, audiogravada, pois ela representa a maneira de acesso da pesquisadora para apreender as experiências vividas dos participantes, chegando à compreensão do fenômeno estudado. Para realizar a entrevista, foi necessário estar pronta para o encontro, a fim de se presentificar com a existência do outro em sua singularidade (Moreira et al., 2013).

É importante salientar que os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas ocorreram de forma individual e foram audiogravadas com a aquiescência dos entrevistados. Assim, iniciou-se com uma questão norteadora e disparadora da entrevista, estritamente implicada com o objetivo da pesquisa. Portanto, abrimos a entrevista com a seguinte questão norteadora: **“Como foi para você considerar a morte como possibilidade?”**

Após a obtenção dos dados de investigação e da transcrição na íntegra das narrativas dos participantes, utilizamos o Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia de Giorgi, e seguimos o protocolo de seus 4 (quatro) passos:

1. *Estabelecer o sentido do todo*: O objetivo central foi obter o sentido da experiência em seu aspecto global. Para tal, pretendeu-se ler calmamente as transcrições completas das entrevistas, em que a pesquisadora se colocou na atitude da redução fenomenológica. Não houve a intenção de concentrar-se em partes fundamentais, muito menos de levantar hipóteses interpretativas, buscou-se a compreensão geral das descrições realizadas pelos participantes a fim de tornar visível a interrelação entre as partes e o todo dos relatos.
2. *Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado*: Mantendo-se em atitude de redução fenomenológica, a pesquisadora, nesta etapa, visou realizar a releitura das transcrições e reduzi-las em partes pequenas (unidades de significado). Esse processo se repetiu até a finalização da leitura das transcrições e possibilitou uma análise mais aprofundada das narrativas dos participantes.
3. *Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico*: Nesta etapa, a pesquisadora foi capaz de expressar e trazer à luz significados psicológicos, que estão implícitos nas descrições originais dos participantes a partir da redução fenomenológica e da análise eidética. Nesse processo, a linguagem do senso comum foi transformada em expressões psicológicas. Objetivou-se, portanto, elucidar e explicitar o significado psicológico das experiências vividas dos participantes a fim de selecionar e articular o sentido psicológico da vivência dos participantes em relação ao objeto de estudo.
4. *Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos*: O passo final do método envolveu uma síntese das unidades de significado psicológico (Giorgi & Sousa,

2010). Essa etapa correspondeu ao que Pereira e Castro (2019) caracterizam como a elaboração das Categorias Temáticas, e representam a síntese das unidades de significados psicológicos.

Ao final do processo de investigação, obtivemos a estrutura final das descrições, que foram analisadas observando a maneira como se relacionam e se diferem entre si, aprofundando o diálogo com a literatura existente sobre o tema da pesquisa e estabelecendo associações ou paradoxos segundo investigações anteriores (Giorgi & Sousa, 2010). Assim, os resultados dessa pesquisa foram analisados a partir dos principais constructos da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty.

A pesquisa foi aprovada pelo Parecer n.º 5.394.847 sob CAAE n.º 57719522.1.0000.5020 do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), respeitaram-se os aspectos éticos e científicos das Resoluções 466/2012 e 510/2016. As entrevistas ocorreram apenas após a autorização do Comitê de Ética da Universidade Federal do Amazonas.

Participantes e local da pesquisa

Para assegurar o sigilo acerca das identidades dos participantes, foi sugerido o uso de nomes científicos de *Borboletas aos participantes*, visando representar o metamorfosear de suas vidas no processo de trans-form-ação¹⁹. Os entrevistados acharam a proposta interessante e escolheram seus nomes fictícios a partir de uma lista com os nomes de várias borboletas. Um dos participantes optou por uma mariposa, pois essa variação tinha significado importante para ele. Cada participante da pesquisa será apresentado a seguir:

¹⁹ O termo hifenizado Trans-form-Ação propõe um convite para refletirmos sobre a processualidade de existir de pessoas que se autodeclararam homens trans e pessoas transmasculinas. Ir além do que é posto através da ação transformadora do vir a ser e do poder ser.

Para esse estudo, inicialmente, foram considerados 10 (dez) pessoas para fazerem parte desta pesquisa. Vale ressaltar que estávamos fazendo os enfrentamentos da pandemia da COVID-19, entretanto, para a minha surpresa, obtivemos a participação expressiva de 9 (nove) pessoas que atenderam aos critérios de inclusão. Portanto, 7 (sete) pessoas se autodeclararam homens trans, 1 (um) dos participantes se autodeclarou transmasculino e não binário e 1 (um) entrevistado se autodeclarou transmasculino, porém acrescentou que “prefere falar homem trans, porque fica mais fácil para as pessoas cis entenderem o que é homem trans do que fosse explicar que é transmasculino” (sic).

No momento da entrevista, *Argema mittrei* tinha 22 anos, era estudante universitário e se autoidentificou como branco. Quando questionado sobre sua identidade de gênero, respondeu: “Eu sou um trans, não binário”. *Hamadryas amphinome* tinha 32 anos, trabalhava no setor artístico, possuía o ensino superior completo e se autoidentificou como pessoa preta. Quando questionado sobre o seu gênero, *Hamadryas amphinome* respondeu: “sou homem trans”. *Morpho menelaus* tinha 21 anos, trabalhava como jovem aprendiz, com ensino superior completo, se autoidentificou como pardo. Quando questionado sobre seu gênero, respondeu homem trans. *Arawacus aethesa* tinha 20 anos, cursava graduação, se autodeclarou branco e se autoidentifica como homem trans. No momento da entrevista, *Danaus plexippus* tinha 31 anos, trabalhava na área de educação, estudante de graduação e se autodeclarou pardo e homem trans. *Caligo beltrao* tinha 26 anos, se autoidentificou como homem trans e militante, tinha ensino médio completo e se autodeclarou preto. *Attacus atlas* tinha 24 anos, trabalhava na área de educação, se autodeclarou pardo, tinha o ensino superior completo. Quando questionado sobre a sua identidade de gênero, ele respondeu homem trans. *Phengaris alcon* tinha 32 anos, com ensino médio completo, e se autodeclarou homem trans e branco. *Greta oto* tinha 23 anos, se autodeclarou transmasculino, tinha o ensino superior completo e se autodeclarou pardo.

Em relação à renda salarial, 4 (quatro) declararam não ganhar salário, dos quatro, 2 (dois) moravam com familiares, 1 (um) trabalha na área artística e 1(um) considerou a prostituição como possibilidade de trabalho. Dos 9 (nove) participantes, 3 ganham até 1(um) salário-mínimo e 2 (dois) recebem de 1 a 3 salários-mínimos.

5.3.3 Resultados e Discussão

A pesquisa destacou a compreensão de caminhos percorridos que se desdobraram que ideias e tentativas de suicídio. O objetivo não é trazer um olhar reducionista, homogeneizante ou patologizante das vivências dos participantes, muito menos traçar uma relação causa-efeito das vivências no comportamento suicida, pois compreendemos que se trata de um fenômeno complexo e multideterminado e que as existências humanas são singulares. Assim, a partir deste momento, segue-se, metodologicamente, à luz da fenomenologia merleau-pontyana, as análises descritivas dos dados obtidos quando da pesquisa em campo, categorizando-se sistematicamente e reproduzindo excertos, na íntegra, das narrativas entre pesquisadora e entrevistados, passando-se após para as considerações teóricas do autor.

Seguindo, embasado no que a metodologia proposta apresenta, trago as categorias temáticas resultado do primeiro momento de análise, conforme pressupõe Pereira & Castro (2019) e Giorgi & Souza (2010). Assim, foram elaboradas três categorias, elencadas a seguir: 1) Percepções e sentidos no horizonte das experiências de ideias e tentativas de suicídio; 2) O outro se faz presença, mostra-se continente: o apoio social; 3) Me compreendo possibilidade, perspectiva, vida, ação!

1) **Percepções e sentidos no horizonte das experiências de ideias e tentativas de suicídio**

Ao longo dos encontros virtuais, os participantes responderam à pergunta norteadora, a partir desse momento, eles se possibilitaram rememorar, sentir e narrar livremente suas concepções acerca do fenômeno do comportamento suicida.

O primeiro entrevistado, *Arawacus aethesa*, relatou ter tentado suicídio por 3 ou 4 vezes. Sua primeira experiência foi ao 10 ou 11 anos, segundo *Arawacus aethesa*. Na primeira vez, ele tentou se enforcar e não se recorda muito bem o que houve naquele dia, lembra que foi por impulso e que, posteriormente, acordou no hospital. Em outra tentativa, a mãe havia descoberto que ele estava sendo chamado pelo seu nome social na escola. A mãe ameaçou se jogar na frente de um carro e pediu para que ela parasse de machucá-la. *Arawacus aethesa* tomou vários remédios e ficou com muita raiva dele por ele ser daquele jeito.

Arawacus aethesa se expressou dessa maneira:

Eu tentei mais 3, 4 vezes. A minha primeira tentativa, eu não lembro muito bem, mas foi por enforcamento. Foi no terraço daqui de casa. Eu acho que eu tinha uns 10, 11 anos. Eu não sei muito bem o que me levou a fazer isso. Eu acho que foi mais por impulso. Foi um desconforto, muita coisa acontecendo. E quando eu vi, eu já estava no hospital (*Arawacus aethesa*, maio/2022).

Em outra tentativa, agora pelo uso de medicação, *Arawacus aethesa* temporaliza e relata como sentia em relação a sua mãe:

[...] eu lembro que foi porque eu tava falando com a minha mãe sobre essa questão de transgeneridade. Porque os meus coleguinhas de escola me chamou pelo meu nome social e ela acabou descobrindo dessa forma. E nesse mesmo dia ela brigou muito comigo. Ela quase me jogou da sacada e ela me arrastou pelos cabelos para ir para a igreja. E eu não conseguia parar de chorar no processo todo. [...] depois de algum dia ela ameaçou em se jogar na frente de um carro. Se eu continuasse fazendo isso para

machucar ela [...] E aí eu tentei overdose [...] Mas na época a minha mãe era muito importante para mim. E eu fiquei com muita raiva de mim por ser assim. E é isso que eu não lembro[...] Acabou que eu só tive caganeira. Foi algo meio cômico. Olhando agora é cômico, mas na época foi muito frustrante (Arawacus aethesa, maio/2022).

Rocha et al. (2012), amparados pela fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, argumentam que a tentar o suicídio é colocar a pessoa diante de um problema existencial significativo. A pessoa, portanto, se questiona sobre o valor que ela tem de si mesma e que, além disso, se a pessoa comparar a própria vida, possivelmente, não encontrará nada de valor. Luz & Castro (2018) em estudo com profissionais de saúde revelam o olhar dos participantes no que tange ao suicídio, apontando as configurações relacionais familiares como um dos fatores mais proeminentes para a consecução do ato suicida.

Considerando a perspectiva de Merleau-Ponty (2019), a noção de carne expande a noção de corpo. Evocar esse constructo neste momento para melhor compreendermos a dimensão do ato em si, no que tange à questão familiar, nos permite reconhecer a radicalidade e o caráter obrigatório de nossa inserção no mundo em seu caráter intersubjetivo. Uma relação com essa magnitude como a vivenciada pelo participante e sua mãe, resultou em algo que não pode ser compreendido como apenas um comportamento, mas um modo de estar no mundo cujas condições de possibilidades também são fornecidas por este mundo. Meu corpo de carne não deixa de afetar o mundo e de ser afetado por ele em sua profundidade.

Marca. Sim, nosso corpo representa a marca de nossa relação enquanto corpo com o mundo. Se por um lado, o corpo fenomenal implica na experiência vivida de um sujeito em seu corpo e se o corpo objetivo propicia a intersubjetividade e a dupla experiência do ser visto e de se ver, ambos giram em torno de si ou ainda se invadem mutuamente na dinâmica corporal. Contudo, precisamos compreender que a violência dessa invasão pode levar a condições

geradoras de desequilíbrio entre o corpo que somos e o corpo que temos. Dessa feita, o que é por nós vivido no e pelo corpo é invadido pelos outros e pelo mundo que não cessam de nos transgredir, de nos invadir. E esse movimento, percebido na situação com sua mãe, a invasão aí desencadeada desapropria a dimensão própria de ser si mesmo, resultando no ato que se consubstanciou em overdose.

O entrevistado *Hamadryas amphinome* descreve como ocorreu a sua primeira tentativa de suicídio:

[..] Eu tinha 12 na primeira tentativa, né? Eu menstruei na escola, eu me sujei inteiro. Eu não tinha diálogo nem conhecimento sobre o que o meu corpo ia acontecer na adolescência, né? [...] o primeiro impacto pra mim foi quando começou a nascer o seio. Pra mim assim foi a gota d'água, porque eu vi que meu corpo ia mudar e era o contrário, não era o que eu esperava. [...] Aí aconteceu isso, né? Com 12 anos, e foi assim a gota d'água pra mim. Eu disse, não, não quero isso, e eu não vou suportar viver uma vida que eu não vou poder ser eu, né? [...] Tentei me focar, no caso, só que no meio do processo eu me arrependi, né? Arrependi e aí consegui que não acontecesse nada (*Hamadryas amphinome*, maio/2022).

Greta oto narrou dois momentos de tentativa de suicídio:

[...] eu tive mais uma desavença à distância com a minha mãe, o que me chateou muito, me deixou muito pra baixo, e eu fui ler a bula do remédio pra dormir. Aí eu vi que uma superdosagem talvez me trouxesse um coma ou essas coisas [...] eu tomei, tipo, eu vou, pronto, não aguento mais. Tomei tudo, passei quase três dias dormindo em casa [...] esses pensamentos são que eu não aguento, é como se eu não aguentasse um fardo

negativo que aparece assim, que eu não vou saber lidar com aquilo, e eu só penso que pode vir pior e ficar muito maior e eu não consigo. Então uma forma de eu anular aquilo e querer enfrentar aquilo é eu não estando lá. Então eu começo a pensar, preciso morrer porque eu não aguento e não vou aguentar mais. (Greta oto, junho/2022).

O entrevistado *Phengarisalcon* passou por episódios de transfobia e passou a sentir ódio dele mesmo:

[...] a tentativa foi já na transição mesmo, quando eu já tinha me identificado como homem, e aí foi por falas da minha avó, falas extremamente agressivas com relação ao comportamento, com relação à roupa, com relação à voz, ao cabelo, aí aquilo me machucou muito [...] eram falas de como você nasceu mulher e você vai ser sempre mulher, mas o teu nome não é Phengarisalcon, o teu nome é o meu nome antigo, então naquele momento falar o meu nome, citar o meu nome antigo me causava pânico, entende? [...] Eu sentia ódio de mim, eu sentia uma revolta porque era como se eu quisesse ser algo que eu não era, ela fazia eu acreditar nisso, então tipo, eu sentia raiva de mim, eu sentia raiva do meu corpo, eu sentia raiva da minha aparência, né? Então, quando ela começava a falar as coisas, eu pensava em pegar uma faca e me cortar o meu peito, me cortar o meu rosto, porque não era o rosto que eu queria, né? Então tipo, foi a partir desse dia que eu quase me joguei da passarela, que ficava na frente do shopping [...], né? (Phengarisalcon, maio/2022)

Estas falas mostram a des-apropriação da dimensão própria do corpo (Merleau-Ponty, 2018). Percebe-se a dimensão do olhar dos outros e de nós mesmos, os julgamentos, dentre outros, revelam a impossibilidade de sair da situação de preconceito e discriminação que

experienciada, atua como um sinal e como um resultado dessa invasão que coloca o corpo como alvo e “produz” um sujeito, muitas vezes, perdido em sua própria dinâmica corporal.

No primeiro excerto, a autoviolência é exacerbada pelo fato de não conceber um corpo que é meu, mas não sou eu. Existe, em minha concepção, a vivência de uma invasão do ser-si-mesma sem o autorreconhecimento de quem realmente se tornou. E o modo de existência desse corpo, fragmenta a percepção de si mesma, lançando-a na impossibilidade do não aceitar ver-se no corpo onde a incompletude é a marca maior. Como nos assevera Merleau-Ponty (2018) a concepção de ser um corpo, nosso corpo, é ampliada se admitirmos que a incompletude é uma marca, uma característica, o que equivale dizer que o ser é fundamentalmente inacabado, o que induz uma secreta correlação entre ser seu corpo e ser no mundo, ser para outro.

As outras duas falas no remetem ao *Lebenswelt* onde precisamos considerar como fundamento o entrelaçamento eu-outro, ou seja, a implicação no entrelaçamento sujeito e mundo. Para Merleau-Ponty (2019) existir são as inúmeras formas de perceber o mundo, uma vez que, olhar o mundo é vê-lo em suas várias perspectivas. O mundo vivido, a cada aproximação muda seu aspecto e um não é a sucessão do outro, são diferentes, ao mesmo tempo que é nessa diferenciação que ocorre a integração em um só mundo, tendo em vista que, cada aspecto entrelaça o outro. Assim, cada perspectiva é horizonte para outra perspectiva, demonstrando uma co-presença ou uma coexistência. Novamente a dialética sem síntese, pois nesse movimento de perspectivas em horizontes nunca finalizadas, a não estaticidade das significações, nos conclamam ao inacabamento do mundo, ou seja, como nos diz esse autor em *O Visível e o Invisível*, ao considerar o mundo não como um fragmento ou uma soma de coisas, mas sim “o reservatório inesgotável de onde as coisas é tiradas” (2019, p. 460).

Percebo nessas falas que o horizonte trazido à imediaticidade da situação que provoca dor e sofrimento, provoca o surgimento de outro horizonte, o da possibilidade de acabar com o turbilhão emocional em que foram lançados pelo outro, recorrendo ao comportamento

autodestrutivo. A ação possibilitaria a finitude, o acabamento. Contudo, o mundo é entrelaçamento, é possibilidade de ir além de quaisquer outros fatores que cerceiem, minimizem, destruam. E, nesse entrelaçar, os participantes compreendem “o reservatório” de onde tudo é tirado. Lembrar daquele momento em que o desespero foi experienciado é também perceber que é possibilidade de transcendência.

[...] eu tava sozinho em casa e eu peguei a arma, a arma do meu tio e eu coloquei no meu quarto. Só que antes, eu tinha feito a queima de arquivo. Eu tinha dado basicamente tudo que era meu. Tinha dado umas coisas para esse amigo e tal [...] toma aí para você lembrar de mim. Só que eu não falei pra ninguém sobre isso. Aí então, eu ia dar um tiro, mas fiquei assustado porque meu primo abriu a porta e eu não consegui atirar e o resto da tarde foi isso, foi tranquilizar ele. E foi frustrante, mas eu fiquei preocupado porque ele é uma criança e uma criança não deveria presenciar [...] então foi isso, eu acabei prometendo para ele que eu não ia mais fazer isso[...] eu tenho tentado manter a promessa. (Arawacus aethesa, maio/2022).

[...] o pensamento que estava acontecendo é justamente [...] de não se sentir parte do mundo. Não sentir o suficiente pra ser um ser humano. Eu me vi muito à parte, à margem, digamos assim, e muitos sentimentos de insuficiência. [...] Insuficiência pra ser um amigo, ou pra ser uma pessoa importante pra alguém pra ser visto pelas pessoas que estavam ao meu redor, sejam elas meus amigos, meus pais, meus irmãos. [...] E nisso eu comecei a pensar em meios de como poderia fazer isso, como poderia deixar de existir. E aí eu pensei no meio, como eu falei pra você, dos remédios. Eu não planejei nada, sabe? Não tive nenhuma lição de que isso foi algo planejado (Attacus atlas, junho/2022).

O que eu posso exemplificar, é o pensamento em si de você não querer existir, de você preferir não existir porque sente que os outros vão ficar melhor sem você e uma palavra que sempre permeou a minha vida, de como eu me senti seria justamente uma aberração, essa é uma palavra bem forte, sempre foi muito forte na minha vida (Attacus atlas, junho/2022).

A incompletude e o espelho. O inacabamento nos expropria de nosso corpo próprio e interfere em nossa relação com os outros, com o mundo. Merleau-Ponty (1961) em suas *Notes de préparation du cours, cours du jeudi, janvier-avril* pergunta: “Por que construímos espelhos: para nos ver, para converter o vidente em visível, para completar nosso corpo”? O sujeito que vivencia situações da natureza que estes excertos trouxeram é, particularmente, afetado e vive esse processo de modo pleno, de uma forma aguda, rejeitando, questionando, sofrendo com seu corpo e com a dinâmica aí presente. A carne faz, dessa forma, de toda coisa, um espelho e se torna um espelho dos outros e do mundo.

O que isso significa? Que a partir do olhar do outro, os participantes inquiram o ser eles próprios, e nesse questionar, percebe-se o impacto recíproco do mundo sobre o sujeito e do sujeito sobre o mundo. Um mundo assombrado pelo outro. Nas vivências trazidas pelas falas, vive-se a radicalidade do olhar do outro que afeta, sobremaneira, o modo de ser-no-mundo e o modo de experienciar o próprio corpo. Meu corpo não é visto como é, o melhor caminho é a eliminação desse corpo que só me faz sofrer, que mesmo sendo meu, não sou eu.

[...] Teve um período assim que eu ficava, um período assim de quase 2 anos bem depressivo, sabe? Assim, de não entender o que estava acontecendo de saber assim que eu tava triste, tava chateado, eu lembro assim de chegar ter tomado uma atitude assim tão drástica, mas de ter pensamentos sobre a morte, sobre "parece que vale a pena",

"parece que eu nunca ia conseguir chegar onde eu quero chegar". (Danaus plexippus, maio/2022).

[...] E aí foi quando veio talvez o primeiro impacto de ter um presente com o preconceito, o próprio preconceito da família, o preconceito da avó, o preconceito da mãe, que rompeu totalmente a comunicação, os laços afetivos por conta dessa transgeneridade[...] foi ali por volta entre mais ou menos 23 e 27 anos por ali. Então, foi quando veio o primeiro pensamento suicida, que foi uma coisa bem simples, que foi a chamada pelo nome antigo por alguém da família e palavras dizendo que jamais ia ser homem, palavras como: “você não tem o principal”. Enfim, palavras extremamente ofensivas. E aí a pessoa pensou assim, eu não vou aguentar. E aí pensou que tirar a própria vida, seria a única solução (Phengarisalcon, maio/2022).

A maneira como o outro me vê me afeta, perturba a maneira como me vejo. Trata-se de uma dinâmica que pode modificar ou ainda que sempre está modificando diante de nosso (co)pertencimento e do contato com os outros no mundo. A ausência dessa abertura podemos considerar, inclusive, um sinal de um modo de vida patológico ou rígido diante de nossa mundanidade (Merleau- Ponty, 2009).

“Ter pensamentos de morte”, “o preconceito da família” presentes nos discursos mostram o quanto o outro afeta nosso corpo em verdadeira dinâmica interacional, verdadeira incorporação, característica invasiva do vivido ou corpo subjetivo (*Leib*) que sempre transcende a si mesmo e se conecta com o ambiente (Merleau-Ponty, 2009) e mostra que em nossas relações o corpo vivido se estende se prolonga nas relações com os outros corpos. Desse modo, como nos diz o filósofo, a evidência da encarnação, manifestada, sobretudo, pelo olhar, emerge da ação mútua de um sobre o outro.

E a ação do outro sobre mim se torna deletéria, nociva e me impulsiona a conceber que talvez no ato autodestrutivo, a possibilidade de terminar com o sofrimento no qual fui lançado. E esse movimento implica perceber que não é apenas o corpo objeto é o maior envolvido, atinge a pessoa em sua totalidade e implica seus modos de relação com o outro. E nisso, a corporeidade é mantida em silêncio, a corporeidade é silenciada.

2) O outro se faz presença, mostra-se continente: o apoio social

Compreender estas reminiscências a seguir nos propicia resgatar na perspectiva merleau-pontyana o constructo mundo da vida, tendo em vista que seu pensamento considera que é a experiência vivida do ser humano que origina e é sustentáculo para todas as explicações posteriores a ele. Conforme pressupõem Ferreira & Castro (2017) para alcançar o sentido do mundo, não podemos deixar de lado a subjetividade plenificada de ser e tempo, não se pode ignorar a reflexão como um acontecer, haja vista que sua manifestação é criação, em que o mundo é dado ao sujeito porque o sujeito é dado a si mesmo.

Após a descrição acerca dos vários momentos em que os participantes trouxeram as suas percepções e sentidos no horizonte das experiências de ideações e tentativas de suicídio, situações nas quais consideraram morte como possibilidade, é chegado o instante em que resolvem não mais colocar em prática comportamentos suicidas e, como iremos perceber, o Outro me constitui ainda mais e me reconheço com possibilidades a partir dele.

[...] E foi exatamente isso que o meu irmão fez. Ele veio no meu quarto, minha porta estava trancada, ele bateu na minha porta, ficou lá pedindo ele, implorando para eu atender. E aí eu abri a porta e a gente sentou. Ele me convenceu para te fazer aquilo, né?

[...] E aí, ter essa aproximação com ele transformou um pouco, me evitei, a nossa relação. E aí eu vi que talvez essa não fosse a melhor solução para mim, sabe? Que eu não estava perdido, assim como eu achava. Que eu poderia construir relações mais

profundas com as pessoas ao meu redor, meus pais, meu irmão, talvez esse meu outro irmão que eu nunca mais vi. E com outras pessoas, novas pessoas, amigos meus e ter uma consciência de que eu tenho um brava de importância no nível das pessoas. Eu fui quebrando um pouco isso até hoje. (Attacus atlas, junho/2022).

E no meio disso, eu lembro que nessa tentativa de suicídio, a coordenadora me disse que eu estava tentando arrancar a pele do meu corpo e repetia que odiava esse corpo. E aí eu comecei a voltar algumas memórias de algumas situações que me fizeram aos poucos entender a minha identidade [...] eu tenho uma rede de apoio maior do que eu tenho antes [...] eu acho que a comunidade *Ballroom* foi essencial pra mim, assim como minha namorada também disse que foi essencial pra ela, muitas pessoas dentro da comunidade falam. Porque quando a gente começa a conhecer pessoas de periferia, pessoas pobres, pessoas sem casa, às vezes, pessoas expulsas de casa, pessoas que moram em abrigos, pessoas dissidentes no geral, sabe? E até mesmo de outras posições, pessoas que têm condições, mas que são dissidentes e estão lá, sabe? (Caligo beltrao, maio/2022).

[...] Eu falei, estou na passarela do shopping [...]. Ela falou assim, você não vai fazer isso, né? Eu falei, vou, porque eu não aguento mais. E aí ela conseguiu me tranquilizar, conseguiu colocar na minha cabeça, né? Que o fato de eu agora, naquele momento, estar me entendendo quanto homem trans, não apagava o meu passado. Que ela entendia que eu era o *Phengarisalcon*, mas que eu não podia apagar a minha outra existência, porque foi através da minha outra existência que o *Phengarisalcon* tinha que se fazer forte, né? Então ela me deu assim palavras de conforto, me deu palavras de acalento, né? (Phengarisalcon, maio/2022).

Meu irmão, que tem 19 anos, foi uma das principais pessoas na qual me encorajou a dar início. Ele falou, cara, porque tu não começa logo. É isso que tu quer? Cara! começa para te ver os teus resultados, as suas características. Vai lá, começa. [...] E minha tia também, na qual minha tia foi parte de pai, que foi quem [...] ela falou, é isso que tu quer? Ela também foi pesquisar para entender o que era. Ela falou, olha, inclusive ela já chegou. Eu disse, ela vai ouvir se a pessoa chegar. (Greta oto, junho/2022).

O olhar do outro está conjugado ao meu e me possibilita caminhar para além da situação vivida. Me mostra que não sou apenas objeto. Pelo contrário, sou considerado pessoa, restitui-se o equilíbrio dialético de si mesmo com o outro (Merleau-Ponty, 2009). O corpo do outro é presença, (co)partilha e me propicia compreender o sentido de ser quem sou. O outro me sustenta nas dificuldades inerentes às minhas experiências e me lança a reflexões sobre minha trajetória, afinal

[...] não há para mim atividade ou presença de outrem; de minha parte, há a experiência de uma passividade e de uma alienação que reconheço dizerem-me respeito, já que, não sendo nada, tenho que ser minha situação [...]. Sou extraído de mim mesmo pelo olhar do outro, mas seu poder sobre mim mede-se exatamente pelo consentimento que dei a meu corpo, à minha situação. (Merleau-Ponty, 2009, p.75)

Uma vez mais, resgato a leitura fenomenológica da ambiguidade de Merleau-Ponty em que o gesto é a relação de cuidado, um modo de estar com o sujeito no mundo, de estar disponível para o diálogo, como na fala “ela falou assim, você não vai fazer isso, né? Eu falei, vou, porque eu não aguento mais. E aí ela conseguiu me tranquilizar, conseguiu colocar na minha cabeça, né?”. Cuidar implica sustentação, reconhecimento, presença. A relação intersubjetiva vivenciada junto ao apoio social presente em suas vidas, possibilita compreender que nessas configurações relacionais ocorre o desenvolvimento da potencialidade cuidadora do

sujeito, uma das metas do cuidado, expressa no autocuidado. Epifania. O olhar sobre si mesmos é redimensionado a partir do outro, compreendem-se devir, possibilidade.

3) **Me compreendo possibilidade, perspectiva, vida, ação!**

Não tenho um corpo: sou um corpo. Retomamos o constructo de corpo de Merleau-Ponty, que o considera um veículo do ser-no-mundo que se situa no tempo e espaço. O corpo também é fonte dos sentidos, e ele é que une o homem ao mundo (Merleau-Ponty, 2018). Os participantes, portanto, se afastam do corpo-objeto, aquele corpo que pode ser mensurado, observado, descrito e objetificado e se aproximam do corpo-sujeito, onde têm a capacidade de experienciar a si mesmo, o outro e o mundo.

O primeiro entrevistado, *Hamadryas amphinome*, narrou sobre a apreensão de novos sentidos:

Eu percebo assim que eu me apaixonei por mim, sabe? Eu, hoje, eu me admiro, eu consigo, eu desconstruí tantas coisas dentro de mim. eu me gosto muito, eu me gosto muito, eu sempre, eu aprendi a respeitar minha história, eu aprendi a... A gostar de cada parte da minha história, do meu processo e, hoje, eu não quero morrer, não tenho mais vontade de morrer, pelo contrário, eu tenho vontade de fazer muitas coisas que eu sempre quis fazer, né, e eu não podia e agora eu posso, porque eu penso assim que você ser trans é você passar por um processo de transição, do qual passei, principalmente físico, é você transcender muitas coisas [...] então eu acho que a gente precisa existir. (Hamadryas amphinome, maio/2022).

Attacus atlas saboreia novamente gosto pela vida e por viver e fala da fé, conforme destacou:

[...] recentemente eu consegui sentir de novo aquele gosto da minha vida, e a vontade de viver, que foi quando eu realmente decidi dar passos pequenos a cada dia, não só em

relação à transição mas também em relação a tudo [...] eu acho que não tem coisa melhor do que você se sentir uma pessoa, a partir do momento que você se sentir assim, você sente que você é merecedor de existir, você sente que você merece respeito, você merece carinho, afeto você merece andar um passo adiante, você tem fé em si mesma a gente dá um passo adiante, a gente precisa ter fé na gente mesmo, a gente precisa ter fé que a gente vai conseguir dar aquele passo (Attacus atlas, junho/2022).

O entrevistado *Caligo beltrao* relatou sobre como percebe a sua imagem refletida no espelho, de acordo o excerto abaixo:

Eu acredito que ao longo da minha transição, quando eu comecei a me reconhecer no espelho, isso ajudou muito, mas eu acho que teve muito a ver com a questão da minha autoconfiança, da questão de eu começar a sentir que todo o conhecimento que eu acumulei a ao longo da minha vida era realmente uma coisa. Eu comecei a reconhecer esses conhecimentos como válidos, eu comecei a entender que a academia não era a única forma de ser uma pessoa adulta, de ter reconhecimento e de ser positivo (Caligo beltrao, maio/2022).

Danaus plexippus se questiona sobre seu projeto existencial, conforme descrito:

[...] eu acho assim que, por tudo que eu passei, eu acho que é muito importante que a gente tenha um olhar para si, um olhar pra, pra dentro, que gente procure ser assim quem a gente é, porque, no fim, é isso, né? A gente é a nossa possibilidade (Danaus plexippus, maio/2022).

“Sou um homem de peito e vagina”, conforme o que entrevistado Phengarisalcon relatou:

[...]. E hoje, eu amo meu corpo, eu amo minha aparência. Não porque eu cortei o cabelo, mas se você prestar atenção, eu não tenho barba, eu não tenho barba, eu não tenho bigode. E o que acontece muito é que homem trans tem muito essa questão de falar

assim, porque eu quero barba, porque eu quero ficar com uma aparência com um homem, eu sou um homem do jeito que eu sou. E ainda que eu não tivesse ratificado meu nome, ainda que eu não tivesse o acompanhamento médico, o tratamento hormonal, eu ainda seria um homem. É um homem que tem peito, homem que tem vagina (Phengarisalcon, maio/2022).

Merleau-Ponty escreve: Sou ser em “situação”, que é reduto do ser o do não. Da liberdade que se engrena em uma situação natural e histórica (Dupont, 2010), subtraio-me da generalidade, ou melhor, da cisgeneridade, e posso atribuir uma dimensão pessoal e transformá-la.

Hamadryas amphinome destaca outro vocábulo que se inicia com o mesmo prefixo (trans)cender, como ilustra a passagem: [...] “e eu não podia e agora eu posso, porque eu penso assim que você ser trans é você passar por um processo de transição, do qual passei, principalmente físico, é você transcender muitas coisas”. Transcender, para Merleau-Ponty (2018), é a abertura do sujeito para o mundo e a opacidade do mundo. *Hamadryas amphinome* faz o movimento de se jogar numa coisa e no mundo, ou na direção do outro, orientados para o que ele não é, a sua ek-stase (Dupont, 2010). Podemos ilustrar a seguinte passagem: [...] eu sou assim, eu sou trans e nem quero me encaixar como um homem cis que minha história é essa aqui.

Em contrapartida, a transcendência também designa o que Merleau-Ponty considera como produtividade, em outras palavras:

Tudo aquilo que somos, nós o somos sobre a base de uma situação de fato que fazemos nossa, e que transformamos sem cessar por uma espécie de regulagem que nunca é uma liberdade incondicionada (Merleau-Ponty, 2018, p. 236).

Eu escrevo a minha própria história. *Attacus atlas* lançou um olhar sobre ele e, ao mesmo tempo, olhou sobre tudo que é (im)posto como única possibilidade de existir, a cisgeneridade. Ele subverte a “norma” binária que está que imprime uma verdade universal. *Attacus atlas* consagrou-se como corpo-fenomenal, conforme o excerto: eu acho que não tem coisa melhor do que você se sentir uma pessoa, a partir do momento que você se sentir assim, você sente que você é merecedor de existir, merecedor de sua própria história, como o sujeito que quer dar forma à sua vida.

Merleau-Ponty evidencia que:

A verdade não "habita" apenas o "homem interior", ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. Quando volto a mim a partir do dogmatismo do senso comum ou do dogmatismo da ciência, encontro não um foco de verdade intrínseca, mas um sujeito consagrado ao mundo (Merleau-Ponty, 2018, p.6).

"A carne é fenômeno do espelho e o espelho é extensão de minha relação com meu corpo", nos diz Merleau-Ponty. O espelho embaralha corpo objetivo e corpo fenomenal, em uma comunidade efetiva entre meu corpo vivido e sua imagem “exterior”. Ele “leva para fora os segredos de minha carne”, e esta presença à distância reveste, do mesmo modo, as coisas percebidas de “todo o invisível de meu corpo”: eu lhes empresto minha carne, “os outros são feitos de minha substância”. O espelho revela assim que a carne sempre vive ao mesmo tempo, aqui e lá, tanto dentro como fora de si mesma, mas também que ela tem necessidade “de se relacionar com outra coisa que sua própria massa”, demanda outra carne existir. O espelho exprime o inacabamento essencial da carne, que engaja em toda percepção um trabalho de incorporação e, por isso mesmo, um esboço de intercorporeidade.

Danaus plexippus e *Phengaris alcon* olham para si em um movimento de reconhecimento desse corpo fenomenal, fonte absoluta de suas existências. Suas experiências

provem deles mesmos, não provém de seus antecedentes, de seu ambiente físico e social, ele percorre o caminho em direção a eles e faz a sustentação, “pois sou eu quem faz ser para mim (e, portanto, ser no único sentido que a palavra possa ter para mim) essa tradição que escolho retomar, ou este horizonte cuja distância em relação a mim desmoronaria, visto que ela não lhe pertence como uma propriedade, se ele não estivesse lá para percorrê-la com o olhar” (Merleau-Ponty, 2018, pp. 3-4).

5.3.4 Considerações Finais

Ao realizar as entrevistas com os participantes e entrar em contato com seus relatos de ideações e tentativas de suicídio, pude vê-los para além de teorias explicativas. Os entrevistados não apenas relataram sobre seus sofrimentos e dores, mas também se disponibilizaram afetivamente para contar sobre as experiências de vida de seus corpos-no-mundo. Serão apresentadas algumas considerações à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty.

Ser um corpo implica em estar no mundo com os outros, em uma relação intersubjetiva, onde vejo e sou visto. O movimento do outro pode se configurar como algo que nos invade e nos desapropria. É estar sob o jugo do olhar do outro que nos impossibilita de sair de uma situação de preconceito e discriminação. Portanto, um corpo que não é meu, nem um corpo que sou eu. O modo existencial desse corpo torna-se fragmentado, lançando-o na impossibilidade do não aceitar ver-se no corpo onde a incompletude é a marca maior.

A partir do olhar do outro, percebe-se a reciprocidade do impacto mundo-sujeito, sujeito-mundo. O olhar do outro me afeta radicalmente, sobremaneira, o modo de ser-no-mundo e o modo de experienciar o próprio corpo. Meu corpo não é visto como é, o melhor caminho é a eliminação desse corpo que só me faz sofrer, que mesmo sendo meu, não sou eu. Em contrapartida, o cuidado em uma relação de apoio social evidenciado em suas narrativas,

possibilita compreender o desenvolvimento da potencialidade cuidadora do sujeito, expressa no autocuidado.

Vale ressaltar que estudos do corpo que experimenta ideias e tentativas de suicídio pode nos ajudar a compreender o comportamento suicida como uma manifestação da existência humana, em vez de apenas um conjunto de sintomas causados por circunstâncias físicas ou psicológicas.

São eles quem criam sentidos, percebe-se abertura para o mundo, em um processo de (inter)subjetivação e de construção de suas histórias, sentem e são sentidos, tocam e são tocados, subtraem-se da generalidade, ou melhor, da cisgeneridade, e atribuem uma dimensão pessoal, TRANSformando-a.

5.3.5 Referências

- Benevides, B. G. (2023). *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022*. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA. Recuperado em 18 ago 2023, de: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>
- Brasil (2021). *Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil*. Recuperado em 1 jul 2023, de: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf
- Caminha, I. O., Silva, E. A. S. (2013). *Percepção, corpo e subjetividade*. São Paulo: SP. LiberArs.
- Caminha, I. de O. *10 lições sobre Merleau-Ponty*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- Chinazzo, Í. R., Lobato, M. I. R., Nardi, H. C., Koller, S. H., Saadeh, A., & Costa, A. B. (2021). Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de

suicídio em pessoas trans. *Ciencia & Saude Coletiva*, 26(suppl 3), 5045–5056.

<https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.28532019>

Dupond, P. (2010). *Vocabulário de Merleau-Ponty*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Ferreira, C. F.; & Castro, E. H. B. (2017) A fenomenologia de Merleau-Ponty. In: *Fenomenologia e psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. 1 ed. Curitiba: Appris, p. 27 – 32.

Giorgi, A., Souza, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim do Século.

Luz, O. G. B., & Castro, E. H. B. (2018). O suicídio na concepção de profissionais de saúde: uma análise compreensiva. In: Gutierrez, D. M. D., & Ribeiro, J.H.S. (Org.) *Suicídio: diálogos interdisciplinares* – Manaus: EDUA.

McDowell, M. J., Hughto, J. M. W., & Reisner, S. L. (2019). Risk and protective factors for mental health morbidity in a community sample of female-to-male trans-masculine adults. *BMC Psychiatry*, 19(1), 16. <https://doi.org/10.1186/s12888-018-2008-0>

Merleau-Ponty, M. (2019). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.

Merleau-Ponty, M. (2018). *Fenomenologia da percepção*. 5ª ed. São Paulo: Fontes.

Merleau-Ponty, M. (2009). *A Natureza: Curso do Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes.

Merleau-Ponty (1961). *Notes de préparation du cours, cours du jeudi, janvier-avril*

Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista pesquisa qualitativa*, 5(7), 1-12. Recuperado em 17 ago 2023, de: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>

Moreira, R. D. C. R., Lopes, R. L. M., & Santos, N. D. A. (2013). Entrevista fenomenológica: peculiaridades para la producción científica en enfermería. *Index de Enfermería*, 22(1-2), 107-110. Recuperado em 17 ago 2023, de:

https://scielo.isciii.es/scielo.php?pid=S1132-12962013000100024&script=sci_abstract&tlng=es

Orellana, J. (2022). *Aumento de suicídios e homicídios no Amazonas, durante graves crises epidêmicas de Covid-19: uma história de abandono, negligência e impunidade.*

Recuperado em 17 ago 2023, de: <https://amazoniareal.com.br/aumento-de-suicidios-e-homicidios-amazonas/>

Pereira, D.G., & Castro, E.H.B. de. (2019) *Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa.*

In: Castro, E.H.B.de. (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica – 1ª ed.* – Appris, p.15-32.

Rocha, M. A. S., Boris, G. D. J. B., & Moreira, V. (2012). A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. *Phenomological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(1), 69–78. <https://doi.org/10.18065/rag.2012v18n1.9>

Zwickl S., Wong, A. F. Q., Dowers, E., Leemaqz, S. Y., Bretherton I., Cook T... & Cheung, A. S. (2021). Factors associated with suicide attempts among Australian transgender adults. *BMC Psychiatry*, 21(1):81. <https://doi.org/10.1186/s12888-021-03084-7>

6 Re-flexões e TRANSformAÇÕES finais

Retomo a viagem a partir daqui e avisto o Encontro das Águas. Aprecio o fenômeno que une os rios Negro e Solimões e me ponho a pensar nesse navegar que me trouxe à divisão de águas que minha irmã havia dito: “O mestrado é um divisor de águas”.

Pesquisar sobre as vivências de ideações suicidas de homens trans e pessoas transmasculinas não foi tarefa fácil. Entrei em contato com seus afetos, com suas dores, dissabores, alegrias, orgulho, raiva, amor, contentamento, decepções. Toquei e fui tocada por suas existências. Por diversas vezes, precisei me distanciar da pesquisa, pois não conseguia me aproximar de seus relatos, chorava copiosamente em vários momentos. Desde as transcrições até a construção dos slides para a defesa. Me percebi impotente diante da vida, diante da liberdade do outro.

Ao me aproximar de suas narrativas, senti que as teorias tornaram-se insuficientes para descrever a potência de suas existências. Todavia, precisamos lançar um olhar cuidadoso para tentar desconstruir o que tem sido colocado sobre o sofrimento de pessoas trans e aprofundar compreensões sobre as experiências vividas dessa população, que, muitas vezes, são percebidas de forma estigmatizadora, preconceituosa e universal.

Trago a fala da deputada federal, ativista e mulher trans, Erika Hilton (2023²⁰) que, veementemente afirma:

E muitas vezes essa visão preconceituosa, singulariza [...] parece que não posso ser plural, parece que não posso ser diversa [...] eu não falo em nome de todas as mulheres eu não falo em nome de todas as pessoas negras, eu não falo em nome de todas as pessoas trans, porque esse movimento não é singular [...] porque tem pessoas que divergem da minha opinião [...] até porque as pessoas falam mais sobre a minha

²⁰ https://www.instagram.com/reel/CuNfqUxAUZI/?utm_source=ig_web_button_share_sheet

condição do que eu mesma, porque já eu existo, pro outro eu sou trans, por outro eu sou negra. Eu quero existir, que é um direito que me é roubado.

Reflico sobre sua assertiva e me questiono: “Como existir em um país que mais mata pessoas trans no mundo?”, “como ser uma existência possível?”. Podendo ser. Subvertendo o binarismo. Rompendo as barreiras da violência. Transcendendo, ou como Erika Hilton (2023²¹), nos provoca a pensar para além da dor:

A gente tem que parar com essa história [...] de só falar sobre comunidade LGBT ou sobre pessoas trans e travestis a partir do sofrimento e da mazela. A gente só ouve falar de trans e travestis, “ah, porque morreu”, “ah porque o Atlas da violência”. Nós sabemos desse contexto. Nós já sabemos por que esses números se repetem anos após anos [...] Mas quando nós vamos falar do case de sucesso? Quando vamos falar daquelas que chegaram na universidade? daquelas que chegaram na política? daquelas que venceram? [...] Quando nós vamos olhar e dizer: “É sim, possível. Não é fácil”. [...] Nós estamos construindo esse lugar para que seja acessível a todas, mas esse lugar também existe.

As narrativas de Erika Hilton alinharam-se com o processo de (des)construção da temática estudada, mas levantou um alerta, quando me recordei das histórias da infância dos participantes e me questionei: Quem protege essas crianças? Temos visto projetos de lei antitrans²² sendo criados, em especial, aos que são contra os cuidados em saúde de crianças e adolescentes trans. Quero tornar essa indignação, em pesquisa para que possamos escutar compreensivamente as crianças e adolescentes trans. Afinal, eles também existem e são importantes para a gente.

²¹ <https://twitter.com/ErikakHilton/status/1673307155636649985>

²² Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/03/brasil-tem-um-novo-projeto-de-lei-antitrans-por-dia-e-efeito-nikolas-preocupa.shtml>

Nessa perspectiva, compreendo que há muito a se pesquisar sobre ideações, tentativas de suicídio e considero que esta pesquisa pode ser um ponto de partida para promover novos estudos relacionados aos cuidados da saúde de pessoas desse público.

Mas, afinal, o mestrado é divisor de água?

Viver uma pandemia e, juntamente, todo o descaso de um (des)governo, cujo presidente brincou com a vida de todos os brasileiros e, além disso, tirou sarro das mortes de mais de 700 mil pessoas também, não foi fácil. Vimos o Brasil retornar ao mapa da fome, ataques à democracia, demonstrações fascistas em prol de torturadores, falta de oxigênio nos hospitais, tratores abrindo e fechando milhares de covas, aumento do desemprego, aumento de pessoas que vivem em situação de rua, maiores números de feminicídio, aumento da violência doméstica, da violência contra crianças e adolescentes, de mortes de pessoas LGBTQIAP+, de aumento de homicídios e suicídios em nosso estado. Foram tempos de obscurantismo. Olhar para trás é presenciar o horror, olhar para trás também é afirmar que não deixamos de ter fé, de lutar e de resistir. E, presenciar a terceira vitória do nordestino Luís Inácio Lula da Silva, foi chorar o choro contido do sentimento que a nossa esperança voltou e que o Brasil voltou sem medo de ser feliz.

Finalizo, porém não finalizando, com o discurso de Silvio Almeida, proferido no dia 02 de janeiro de 2023, dia de sua posse como Ministro dos Direitos Humanos e Cidadania:

Trabalhadores, vocês existem e são valiosos para nós.

Mulheres do Brasil, vocês existem e são valiosas para nós.

Homens e mulheres pretos e pretas do Brasil, vocês existem e são pessoas valiosas para nós.

Povos indígenas deste país, vocês existem e são valiosos para nós.

Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, intersexuais e não binárias, vocês existem e são valiosas para nós.

Pessoas em situação de rua, vocês existem e são valiosas pra nós.

Pessoas com deficiência, pessoas idosas, anistiados, filhos de anistiados, vítimas de violência, da fome e da moradia, pessoas que sofrem com a falta de saúde, com a falta de transporte, empregadas domésticas, todos que têm seus direitos violados, vocês existem e são valiosos para nós.

Quero ser ministro de um país que põe a vida e a dignidade em primeiro lugar”

7 Referências

- Amatuzzi, M. M. (2019). *Por uma psicologia humana*. São Paulo: Editora Alínea.
- Ávila, S. N. (2014). *FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo* Tese (Doutorado). Programa de pós-graduação interdisciplinar em ciências humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- Baére, F., & Zanello, V. (2018). O gênero no comportamento suicida: Uma leitura epidemiológica dos dados do Distrito Federal. *Estudos de psicologia*, 23(2), 168–178. <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20180017>
- Benevides., B. G. (2023). *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022*. Brasília: ANTRA. <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>
- Bento, B. (2012). *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense.
- Bernardino, M. (2021). Gênero como modalidade existencial. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 27(1), 47-55. <https://dx.doi.org/10.18065/2021v27n1.5>
- Bockorni, B. R. S., & Gomes, A. F. (2021). A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*, 22(1), 105-117. <https://doi.org/10.25110/receu.v22i1.8346>
- Botega, N. J. (2015). *Crise Suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed.
- Brasil, Ministério da Saúde (2021). Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil. Recuperado em 1 jul 2023, de: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf

- Brasil (2021). Boletim epidemiológico. *Secretaria de Vigilância em Saúde*. 52(33), 1-10.
- Brasil (2019) Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019. Brasília/DF. Recuperado 2 de julho de 2023, de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/lei/113819.htm
- Camus, A. (2010). *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: BestBolso.
- Castro, E.H.B. (2019). O Método Fenomenológico e a Pesquisa em Psicologia da Saúde em Manaus/AM. In: Espíndula, J. A. G. (Org.) *Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa*. Boa Vista: Editora UFRR.
- Castro, E. H. B. (2020). *Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica: O Contexto Amazônico em Pesquisa e Clínica*. Curitiba: Appris.
- Castro, E.H.B. (2021). *Perspectivas em Psicologia Fenomenológica-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades*. Belo Horizonte: Editora Dialética.
- Centro de Valorização da Vida (n.d.). Quero Conversar. In: *Cvv.org.br*. Acesso em: 18 de abril de 2021, de www.cvv.org.br
- Chauí, M. (2010). *Merleau-Ponty: a obra fecunda*. Recuperado em 17 ago 2023, de: <http://www.filosofante.com.br/?p=802&print=1>
- Ciasca, S. V., Hercowitz, A., & Junior, A. L. (2021). *Saúde LGBTQIA+Práticas de cuidado transdisciplinar*. Santana do Parnaíba: Editora Manole.
- Chen, R., Zhu, X., Wright, L., Drescher, J., Gao, Y., Wu, L... & Broome, M. R. (2019). Suicidal ideation and attempted suicide amongst Chinese transgender persons: National population study. *Journal of Affective Disorders*, 245, 1126–1134. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2018.12.011>
- Chinazzo, Í. R., Lobato, M. I. R., Nardi, H. C., Koller, S. H., Saadeh, A., & Costa, A. B. (2021). Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de

- suicídio em pessoas trans. *Ciencia & Saude Coletiva*, 26(suppl 3), 5045–5056.
<https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.28532019>
- Dantas, E. S. O. (2019). Prevenção do suicídio no Brasil: como estamos? *Physis (Rio de Janeiro, Brazil)*, 29(3), 1-4. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312019290303>
- Decreto n.º 10.225 de 5 de fevereiro de 2020 (2020). *Institui o Comitê Gestor da Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, regulamenta a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio e estabelece normas relativas à notificação compulsória de violência autoprovocada*. Recuperado em 17 ago 2023, de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10225.htm
- Dossiê 2022: Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil (2023) Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). – Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT.
- Dutra, E. (2010). Suicídio no Brasil: estratégias de prevenção e intervenções. In Hutz, C. S. (Org.). *Avanços em Psicologia Comunitária e intervenções psicossociais* (pp. 223-264). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Feijoo, A. M. L. C. (2018) *Suicídio: entre o morrer e o viver*. Rio de Janeiro, RJ: IFEN.
- Feijoo, A. M. L. C. (2019). Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 71(1), 158–173.
<https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i1p.158-173>
- Feijoo, A. M. L. C. (2020) *Suicídio: estudos & ensaios*. Rio de Janeiro, RJ: IFEN.
- Ferreira, C. F.; & Castro, E. H. B. (2017) A fenomenologia de Merleau-Ponty. In: *Fenomenologia e psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. Curitiba: Appris, p. 27-32.

- Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas. (2019). Boletim Epidemiológico: Violência Autoprovocada, Suicídio e Óbitos por Abuso de Substâncias Psicoativas no Estado do Amazonas. Recuperado em 17 ago 2023, de: <https://www.fvs.am.gov.br/media/publicacao/boletim-violencia-autoprovocada-suicidio-e-substancias-psicoativas.pdf>
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010) *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa: Fim de século.
- Gomes, J. R., & Caminha, I. de O. (2020). A infinitude do corpo como abertura para o filosofar em Merleau-Ponty. *Aufklärung: Revista de Filosofia*, 7(esp), 123–134. <https://doi.org/10.18012/arf.v7iesp.56747>
- Gomes, H. V., De Jesus, L. A., Da Silva, C. P. G., Freire, S. E. de A., & De Araújo, L. F. (2022). Suicídio e população trans: uma revisão de escopo. *Ciências psicológicas*, 16(1). <https://doi.org/10.22235/cp.v16i1.2501>
- Gonçalves, B. (2020). Sobre o desespero. In: Angerami, V. A. (org.). *Sobre o suicídio: psicoterapia diante da autodestruição*. Belo Horizonte: Artesã.
- Hunt, Q. A., Morrow, Q. J., & McGuire, J. K. (2020). Experiences of suicide in transgender youth: A qualitative, community-based study. *Archives of Suicide Research: Official Journal of the International Academy for Suicide Research*, 24(sup2), S340–S355. <https://doi.org/10.1080/13811118.2019.1610677>
- Kovács, M. J. (2010). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019. (2019). *Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, altera a Lei nº 9. 656, de 3. de J. de 1998*. Recuperado em 18 ago 2023, de: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/lei/113819.htm

- Lessa, M. B. M. F. (2020). Suicídio: dados epistemológicos. In: Feijoo, A. M. L. C (org.). *Suicídio: Estudos & Ensaios*. (pp. 65 – 100) Rio de Janeiro, RJ: IFEN.
- Lopes, F. H., & Marquetti, F. C. (2019). Suicídio, seus sentidos histórico-sociais e o sofrimento humano. *Revista M. Estudos Sobre a Morte, Os Mortos E O Morrer*, 4(7), 5–7. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2019.v4i7.5-7>
- Magliano, F. R. (2018). Considerações preliminares sobre a compreensão e finitude humana. In: Feijoo, A. M. L. C. *Suicídio: entre o morrer e o viver*. (pp. 17 – 37) Rio de Janeiro, RJ: IFEN
- McDowell, M. J., Hugtho, J. M. W., & Reisner, S. L. (2019). Risk and protective factors for mental health morbidity in a community sample of female-to-male trans-masculine adults. *BMC Psychiatry*, 19(1), 16. <https://doi.org/10.1186/s12888-018-2008-0>
- Merleau-Ponty, M. (2018). *Fenomenologia da percepção*. 5ª ed. São Paulo: Fontes.
- Minayo, M. C. de S. (2017). Cientificidade, generalização e divulgação de estudos qualitativos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(1), 16–17. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017221.30302016>
- Minois, G. (2018). *História do suicídio: A sociedade ocidental diante da morte voluntária*. – São Paulo: Editora Unesp.
- Moreira, V., & Bloc, L. (2021). *Fenomenologia Clínica*. Rio de Janeiro: IFEN.
- Moreira, V. (2017). *Clínica Humanista-Fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica*. MJW Fédition. Edição do Kindle.
- Organização Pan-americana de Saúde (2018). “Suicídio é grave problema de saúde pública e sua prevenção deve ser prioridade”, afirma OPAS/OMS. Paho.org. Recuperado 1o de julho de 2023, de <https://www.paho.org/pt/noticias/15-5-2018-suicidio-e-grave-problema-saude-publica-e-sua-prevencao-deve-ser-prioridade>

- Organização Mundial de Saúde (2021). *LIVE LIFE: An implementation guide for suicide prevention in countries*. Genebra: World Health Organization.
- Organização Mundial de Saúde. (2023). *Suicide rates*. Recuperado 1o de julho de 2023, de <https://www.who.int/data/gho/data/themes/mental-health/suicide-rates>
- Paula, C. C. de, Padoin, S. M. de M., Terra, M. G., Souza, Í. E. de O., & Cabral, I. E. (2014). Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. *Revista Brasileira De Enfermagem*, 67(3), 468–472. <https://doi.org/10.5935/0034-7167.20140063>
- Pereira, D.G., & Castro, E.H.B. de. (2019) Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa. In: Castro, E.H.B.de. (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica – 1ª ed.* – Appris, p.15-32.
- Pimentel, A.S.G., Castro, E. H. B., & Miranda, D. M. (2018). Compreensão fenomenológica existencial da identidade de homens trans. *ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 8(2), 228–239. Recuperado em 17 ago 2023, de: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2855>
- Conselho Federal de Psicologia (2018). *Resolução nº 1, de 29 de janeiro de 2018. Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis*. (2018). Recuperado em 17 ago 2023, de: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/01/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-01-2018.pdf>
- Rocha, M. A. S., Boris, G. D. J. B., & Moreira, V. (2012). A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. *Phenomological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(1), 69–78. <https://doi.org/10.18065/rag.2012v18n1.9>
- Rosa, J. G. (2015). *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- Sarmiento Bezerra, D., Bezerra, A. K., Cezar, R., De Souza, M., Bastos, W., Gomes Nogueira, A., André, R., Medeiros, L., & Da Costa, M. ([s.d.]). *Homens transexuais: Invisibilidade social e saúde mental transgender, social invisibility and mental health*. Temasemsaude.com. Recuperado 2 de julho de 2023, de <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2018/04/18122.pdf>
- Silva, F. F. (2017). *Errância corporal: gênero em trânsito*. http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1497923193_ARQUIV_O_TrabalhocompletoFG2017.pdf
- Soares, B., & Porta, M. (2022). In: Melo, F.F.S. & Santos, G.A.O. *Psicologia e Fenomenologia Existencial: fundamentos filosóficos e práticos*. (pp. 02 – 21) 1ª ed. – Santana do Parnaíba: Manole.
- Szymanski, H., & Szymaski, L. (2022). A pesquisa na perspectiva fenomenológica: uma proposta dialógica e colaborativa. In: Melo, F.F.S., & Santos, G.A.O. (Org.). *Psicologia Fenomenológica e Existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação*. – 1 ed. – Santana de Paranaíba: Manole.
- Toadvine, T. (2019). Maurice Merleau-Ponty. Em E. N. Zalta (Org.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Metaphysics Research Lab: Stanford University.
- Thoma, B.C., Salk, R.H., Choukas-Bradley, S., Goldstein, T.R., Levine, M.D., Marshal, M.P. (2019). Suicidality Disparities Between Transgender and Cisgender Adolescents. *Pediatrics*. 144(5):e20191183. <https://doi.org/10.1542/peds.2019-1183>
- Tréz, J. G. (2020). *A arte e os significados plurais das masculinidades no contemporâneo*. <https://mais.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2020/08/23/a-arte-e-os-significados-plurais-das-masculinidades-no-contemporaneo.html>

Trzan-Ávila, A. (2022). Pelo colonial, máscaras fenomenológicas: quando a colonialidade nos impede de ver os fenômenos. In: Trzan-Ávila, A., & Mattar, C.(Org). *Psicologia, Fenomenologia e questões decoloniais: interseções*.1 ed. – Rio de Janeiro: Via Verita.

8 Apêndice

8.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Convidamos você para participar do projeto de pesquisa “Meu corpo (trans)formado e em (trans)formação: corporeidade e comportamento suicida em homens trans”, de autoria de Luziane Vitoriano da Costa, cujo endereço eletrônico é: luziane.costa@gmail.com. Orientada pelo Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro que pode ser encontrado no endereço eletrônico: ewertonhelder@gmail.com.

O objetivo geral deste estudo é compreender as vivências de comportamento suicida experienciadas por homens trans em Manaus sob o viés fenomenológico de Maurice Merleau-Ponty. Os objetivos específicos são: - Identificar as vivências que o levaram os homens trans a considerar a morte como possibilidade; - Desvelar os sentidos/significados que os homens trans atribuíram diante da escolha da morte; - Propor, juntamente com os voluntários do estudo, estratégias que subsidiem o sistema escolar e de saúde a identificar, manejar e acompanhar demandas do comportamento suicida.

Você está sendo convidado por ser um homem trans, com idade superior a 18 anos, residir em Manaus, e ter vivenciado o comportamento suicida em algum momento da sua vida, preenchendo os critérios para a colaboração desta pesquisa. Ao aceitar participar desse estudo, você estará contribuindo para conhecermos melhor a temática, possibilitando novas discussões sobre as vivências do comportamento suicida de homens trans em Manaus.

Em respeito às orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) para a realização de pesquisa com seres humanos no contexto da pandemia da COVID-19, esta pesquisa realizar-se-á em ambiente virtual (*Google Meet, Skype, Zoom*).

Caso aceite participar sua participação consiste em, primeiramente: a) Preencher um questionário socioeconômico; b) Tirar um selfie (autorretrato) através do seu celular (smartphone) e, posteriormente; c) participar da entrevista que versará sobre os assuntos que norteiam os objetivos da pesquisa.

A entrevista será audiogravada e realizada em um único encontro (ou dois, se necessário), com duração de aproximadamente 60 minutos, com perguntas relacionadas às vivências do comportamento suicida.

Durante a entrevista, apenas você e a pesquisadora estarão presentes em ambiente virtual (*Google Meet, Skype, Zoom*), visando a privacidade e não exposição das falas. Todas as informações coletadas e os conteúdos audiovisuais serão acessados apenas pela pesquisadora, seu orientador, tendo sempre como princípio a confidencialidade de sua identidade, a privacidade das informações e a proteção da sua imagem, garantindo a não utilização das informações em prejuízo de você e/ou da comunidade, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros.

Todas as informações coletadas na pesquisa serão armazenadas em nuvem, no Google Drive, vinculado ao e-mail pessoal da pesquisadora, e em



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

um equipamento de HD Externo, ambos de uso exclusivo da pesquisadora. Caso necessário e para fins acadêmicos, os dados poderão ser acessados pelo orientador da pesquisadora. Todos os dados serão guardados por um período de 5 (cinco) anos e, posteriormente, descartados definitivamente.

Você tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço. Em caso de desistência, após a etapa da entrevista, todos os dados referentes à pesquisa serão excluídos.

Caso após preencher e enviar o questionário você desejar retirar seu consentimento para uso dos dados, deve entrar em contato com o pesquisador responsável que lhe enviará resposta confirmando ciência de sua decisão.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, os riscos estão relacionados ao constrangimento ou incômodo em falar de temas relacionados às suas vivências de desamparo acerca do comportamento suicida. Caso você não se sinta confortável a responder qualquer uma das perguntas da entrevista, poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Em situação de constrangimento, estresse ou incômodo, será prestada assistência imediata pela própria pesquisadora, que é profissional de Psicologia, inscrita no CRP 20 (AM/RR) sob o número 05000, objetivando a retomada do seu bem-estar através de acolhimento, escuta e possível encaminhamento. Caso necessário, você poderá buscar ajuda no Centro de Serviços de Psicologia Aplicada (CSPA), vinculado à Faculdade de Psicologia (FAPSI/UFAM), a fim de obter uma assistência prolongada. A assistência fornecida pelo CSPA é totalmente gratuita. O CSPA fica localizado na Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 6.200, Setor Sul, Bloco X, Coroado I, Manaus - AM, CEP 69067-005; com os números de telefone (92) 33051181 (ramal: 2582) e (92) 993561677. Entretanto, devido à pandemia da COVID-19, o contato com o CSPA está ocorrendo exclusivamente pelo e-mail cspapsicologiaufam@gmail.com.

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: contribuir para o desenvolvimento da Psicologia; fomentar pesquisas relacionadas ao gênero e à transgeneridade; buscar novas formas de compreensão sobre o comportamento suicida na contemporaneidade sob o viés fenomenológico-existencial; investigar os desafios e demandas de homens trans em relação aos cuidados com a saúde; refletir sobre novas formas de acolher e manejar os atendimentos de pessoas trans, mais especificamente, homens trans no que concerne o comportamento suicida; fortalecer as pesquisas que podem vir a viabilizar políticas públicas para essa população; colaborar com a eliminação de quaisquer formas de discriminação e violências sofridas por pessoas transgênero. Ademais, esta pesquisa poderá possibilitar aos participantes a reflexão acerca da temática e ampliação da compreensão sobre si, suas relações e o mundo, ao falar e escutar sobre as vivências acerca do comportamento suicida.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Se julgar necessário, você dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos a você, e seu acompanhante, quando necessário, o ressarcimento das despesas devido sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente. Também estão assegurados a você o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação do dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa.

Asseguramos a você o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

Garantimos a você a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

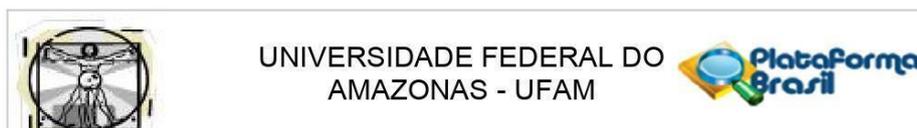
Você pode entrar em contato com a pesquisadora responsável, Luziane Vitoriano da Costa, a qualquer tempo para informação adicional pelo e-mail luziane.costa@gmail.com, bem como com o orientador desta pesquisa, o Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro, pelo e-mail ewerton.castro@ufam.edu.br. Ambos também podem ser contatados pelo no endereço institucional Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 6.200, Setor Sul, Bloco X, Faculdade de Psicologia, Laboratório de Psicologia Fenomenológico Existencial (LabFen), Coroadó I, Manaus - AM, CEP 69067-005.

Você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. Devido à pandemia da COVID-19, o contato com o CEP está ocorrendo exclusivamente pelo e-mail cep@ufam.edu.br. Entretanto, ressalta-se que o CEP/UFAM tem endereço físico, estando localizado na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM. O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Assinatura da Pesquisadora Responsável

9 Anexos

9.1 Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENTRE SER QUEM EU SOU E SER QUEM NÃO SOU, VIVÊNCIAS DE DESAMPARO: A COMPREENSÃO DO COMPORTAMENTO SUICIDA DE HOMENS

Pesquisador: LUZIANE VITORIANO DA COSTA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 57719522.1.0000.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.394.847

Apresentação do Projeto:

O comportamento suicida é um processo que tem seu início desde a ideação, a tentativa, as ameaças até o ato consumado, isto é, o suicídio. No mundo, mais de 700.000 pessoas morrem por suicídio. No contexto do poder ser, não poder ser, ter espaço pra ser, é que as violências e opressões de pessoas trans são atravessadas. Acerca de homens trans, eles apresentam maior risco para o suicídio entre toda a população trans. O objetivo deste trabalho é compreender as vivências do comportamento suicida de homens trans em Manaus sob o viés fenomenológico de Maurice Merleau-Ponty. Se á utilizada a pesquisa qualitativa a partir do método fenomenológico de pesquisa em psicologia, mediante uso do autorretrato (selfie),questionário socioeconômico e entrevista fenomenológica, que partirá da seguinte questão norteadora: "Como foi para você considerar a morte como possibilidade? O que pensou? O que sentiu? Que apresentará possíveis desdobramentos. Os participantes serão 10 homens trans, acima de 18 anos, residentes da cidade de Manaus. A compreensão das entrevistas será a partir do referencial teórico de Maurice Merleau-Ponty. O projeto visa colaborar significativamente com o desafio de evidenciar um problema emergente e pluridimensional, objetivando a ampliação dos conhecimentos sobre o fenômeno do suicídio e a sensibilização dos profissionais da educação e da saúde e das demais áreas envolvidas. Similarmente, busca fortalecer políticas públicas e políticas em saúde LGBTQIA+, bem como colaborar com a eliminação de quaisquer formas de violências e discriminação sofridas por

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

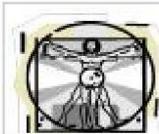
UF: AM

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.394.847

peçostransgênero. Trata-se de um projeto em primeira submissão, de mestrado em Psicologia, da aluna Luziane Vitoriano, sob supervisão de Ewerton Helder Bentes de Castro.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Compreender as vivências do comportamento suicida de homens trans através da fenomenologia existencial de Maurice Merleau-Ponty.

Objetivo Secundário:

- Identificar as vivências que o levaram os homens trans a considerar a morte como possibilidade;
- Desvelar os sentidos/significados que os homens trans atribuíram diante da escolha da morte.
- Propor, juntamente com os voluntários do estudo, estratégias que subsidiem o sistema escolar e de saúde a identificar, manejar e acompanhar demandas do comportamento suicida.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Critério de Inclusão:

Como critérios de inclusão, serão considerados os seguintes aspectos eletivos:

- se autodeclarar homem trans, independente de raça, credo, condição social e/ou orientação sexual;
- ter experienciado comportamentos suicidas;
- ser maior de idade e residir na cidade de Manaus/Amazonas.

Critério de Exclusão:

Como critérios de exclusão compreendidos para esse estudo são:

- estar sob efeito de substância lícita e/ou ilícita que impossibilitem a compreensão ou participação na entrevista;
- possuir déficits cognitivos que interfiram na compreensão da pesquisa;

Riscos:

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, os riscos estão relacionados ao constrangimento ou incômodo em falar de temas relacionados às suas vivências de desamparo acerca do comportamento suicida. A fim de dirimir estes riscos, o participante será instruído no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que poderá interromper, a qualquer momento, sua participação no estudo, ou apenas desistir de participar da pesquisa.

Para tanto, caso o participante vivencie situação de constrangimento, estresse ou incômodo no decorrer da entrevista, será prestada assistência imediata pela própria pesquisadora, que é profissional de Psicologia, inscrita no CRP 20 (Amazonas/Roraima) sob o número 05000,

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 5.394.847

objetivando a retomada do seu bem-estar através de acolhimento, escuta e possível encaminhamento. Além disso, o participante poderá buscar ajuda no Centro de Serviços de Psicologia Aplicada (CSPA), vinculado à Faculdade de Psicologia (FAPSI/UFAM), a fim de obter uma assistência prolongada. A assistência fornecida pelo CSPA é totalmente gratuita. O CSPA fica localizado na Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 6.200, Setor Sul, Bloco X, Coroado I, Manaus - AM, CEP 69067-005; com os números de telefone (92) 33051181 (ramal: 2582) e (92) 993561677. Entretanto, devido à pandemia da COVID-19, o contato com o CSPA está ocorrendo exclusivamente pelo e-mail cspapsicologiaufam@gmail.com.

Benefícios:

Como benefícios, destacam-se: contribuir para o desenvolvimento da Psicologia; fomentar pesquisas relacionadas ao gênero e à transgeneridade; buscar novas formas de compreensão sobre o comportamento suicida na contemporaneidade sob o viés fenomenológico-existencial; investigar os desafios e demandas de homens trans em relação aos cuidados com a saúde; refletir sobre novas formas de acolher e manejar os atendimentos de pessoas trans, mais especificamente, homens trans no que concerne o comportamento suicida; fortalecer as pesquisas que podem vir a viabilizar políticas públicas para essa população; colaborar com a eliminação de quaisquer formas de discriminação e violências sofridas por pessoas transgênero. Ademais, esta pesquisa poderá possibilitar aos participantes a reflexão acerca da temática e ampliação da compreensão sobre si, suas relações e o mundo, ao falar e escutar sobre as vivências acerca do comportamento suicida.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Documentos de acordo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Projeto: de acordo

TCLE online: de acordo

Anuência: de acordo

Riscos: de acordo

Benefícios: de acordo

Folha de rostos: adequado

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A folha de rosto foi devidamente assinada

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

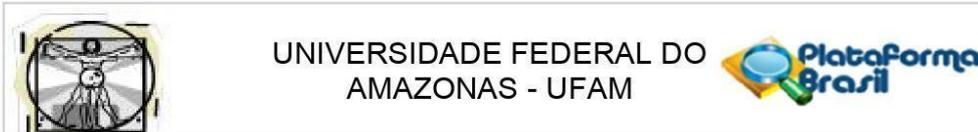
Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com

Página 03 de 05



Continuação do Parecer: 5.394.847

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1834933.pdf	28/04/2022 15:21:43		Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostoLuziane.pdf	28/04/2022 15:17:36	LUZIANE VITORIANO DA COSTA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	01/04/2022 17:49:30	LUZIANE VITORIANO DA COSTA	Aceito
Outros	QUESTIONARIO.pdf	01/04/2022 17:47:16	LUZIANE VITORIANO DA COSTA	Aceito
Outros	ROTEIRODEENTREVISTA.pdf	01/04/2022 17:46:30	LUZIANE VITORIANO DA COSTA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CSPA.pdf	01/04/2022 17:44:57	LUZIANE VITORIANO DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	01/04/2022 17:37:20	LUZIANE VITORIANO DA COSTA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	01/04/2022 17:36:08	LUZIANE VITORIANO DA COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	01/04/2022 17:35:54	LUZIANE VITORIANO DA COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-1181 **E-mail:** cep.ufam@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 5.394.847

MANAUS, 08 de Maio de 2022

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com

Página 05 de 05

9. 2 Termo de Anuência do Centro de Serviços de Psicologia Aplicada (CSPA)



Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Centro de Serviço de Psicologia Aplicada - FAPSI

DECLARAÇÃO

Em resposta ao Processo SEI nº 23105.041292/2021-09, declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com o atendimento psicológico, caso necessário, aos participantes da pesquisa intitulada "ENTRE SER QUEM EU SOU E SER QUEM NÃO SOU, VIVÊNCIAS DE DES-AMPARO: A COMPREENSÃO DO COMPORTAMENTO SUICIDA DE HOMENS TRANS". Pesquisa a ser desenvolvida por Luziane Vitoriano da Costa e orientada pelo Prof.Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro da Faculdade de Psicologia.

Atenciosamente,

Manaus, 24 de novembro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 24/11/2021, às 22:26, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufam.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0772588** e o código CRC **EECD4BFC**.

Av. General Rodrigo Otávio, 6200 - Bairro Coroado I Campus Universitário, Setor Sul,
Bloco X - Telefone: (92) (92) 3305-1181 / Ramal 2583
CEP 69080-900 Manaus/AM - cspa.fapsi@ufam.edu.br

Referência: Processo nº 23105.041292/2021-09

SEI nº 0772588

9.3 Declaração Centro de Serviço de Psicologia Aplicada



Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Centro de Serviço de Psicologia Aplicada - FAPSI

DECLARAÇÃO

Em resposta ao Processo SEI nº 23105.041292/2021-09, declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com o atendimento psicológico, caso necessário, aos participantes da pesquisa intitulada "ENTRE SER QUEM EU SOU E SER QUEM NÃO SOU, VIVÊNCIAS DE DES-AMPARO: A COMPREENSÃO DO COMPORTAMENTO SUICIDA DE HOMENS TRANS". Pesquisa a ser desenvolvida por Luziane Vitoriano da Costa e orientada pelo Prof.Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro da Faculdade de Psicologia.

Atenciosamente,

Manaus, 24 de novembro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 24/11/2021, às 22:26, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufam.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0772588** e o código CRC **EECD4BFC**.

Av. General Rodrigo Otávio, 6200 - Bairro Coroados I Campus Universitário, Setor Sul,
Bloco X - Telefone: (92) (92) 3305-1181 / Ramal 2583
CEP 69080-900 Manaus/AM - cspa.fapsi@ufam.edu.br

Referência: Processo nº 23105.041292/2021-09

SEI nº 0772588